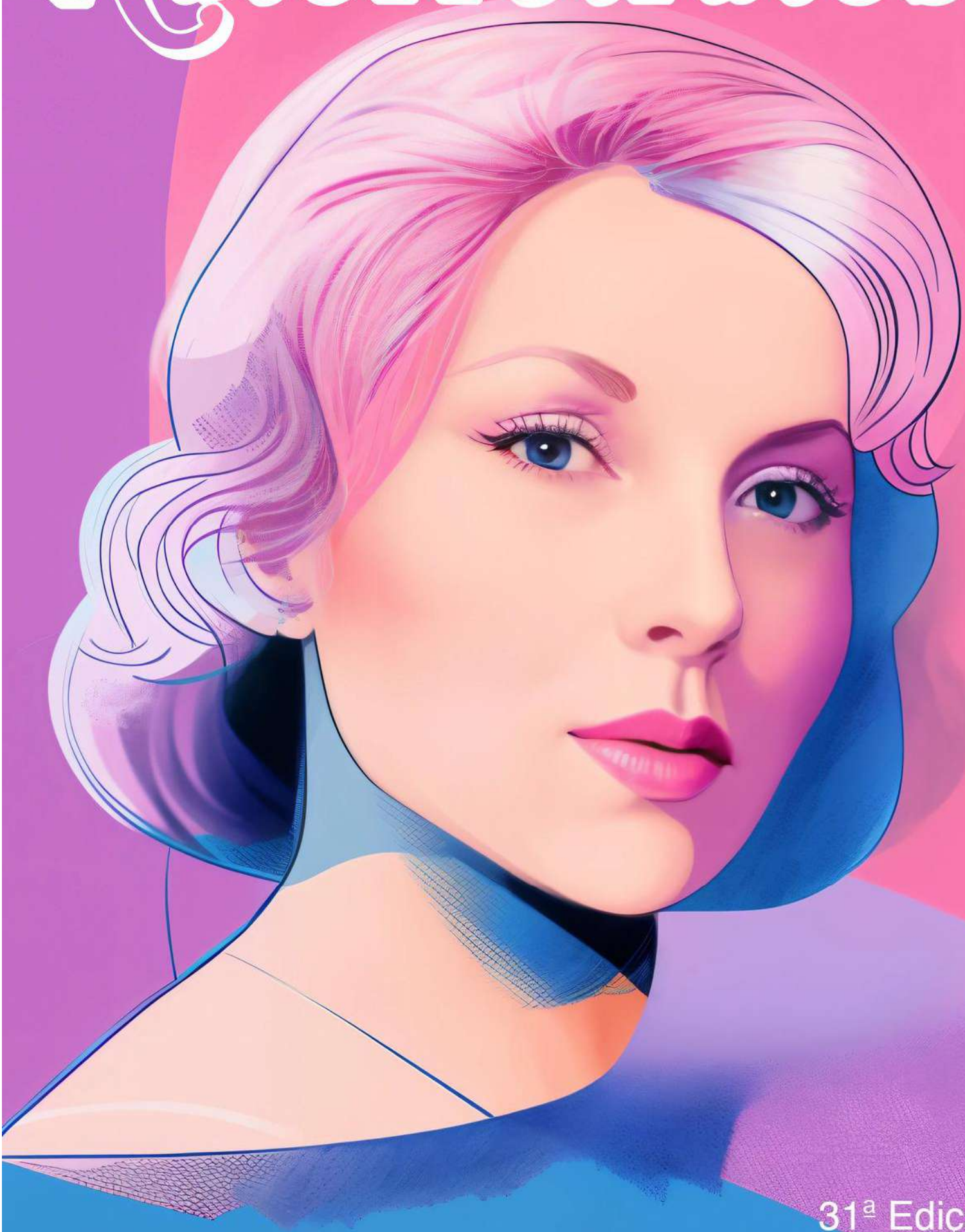


Existencial

Revista

Março 2025

Autorretratos

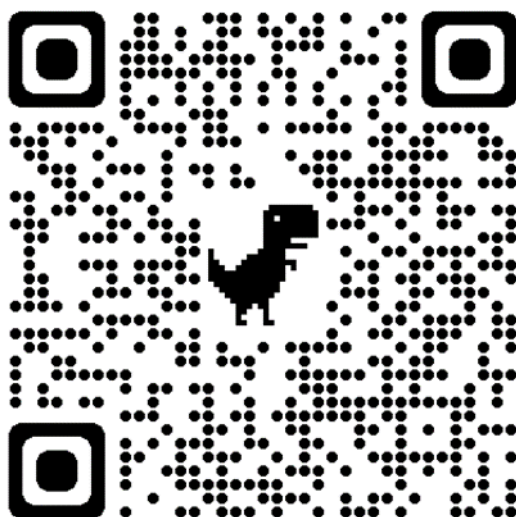


31ª Edição



AUTORRETRATOS

A Maior Revista Digital do Brasil



Sinta-se à vontade para compartilhar a revista, contanto que você atribua a autoria, não faça alterações no conteúdo e não a utilize para fins comerciais.



Licenciada por Creative Commons - Atribuição-
Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional

E-mail: revistaautorretratos@gmail.com

A descoberta do mundo

O que eu quero contar é tão delicado quanto a própria vida. E eu queria poder usar a delicadeza que também tenho em mim, ao lado da grossura de camponesa que é o que me salva.

Quando criança, e depois adolescente, fui precoce em muitas coisas. Em sentir um ambiente, por exemplo, em apreender a atmosfera íntima de uma pessoa. Por outro lado, longe de precoce, estava em incrível atraso em relação a outras coisas importantes. Continuo aliás atrasada em muitos terrenos. Nada posso fazer: parece que há em mim um lado infantil que não cresce jamais.

Até mais que treze anos, por exemplo, eu estava em atraso quanto ao que os americanos chamam de fatos da vida. Essa expressão se refere à relação profunda de amor entre um homem e uma mulher, da qual nascem os filhos. Ou será que eu adivinhava mas turvava minha possibilidade de lucidez para poder, sem me escandalizar comigo mesma, continuar em inocência a me enfeitar para os meninos? Enfeitar-me aos 11 anos de idade consistia em lavar o rosto tantas vezes até que a pele esticada brilhasse. Eu me sentia pronta, então. Seria minha ignorância um modo sonso e inconsciente de me manter ingênua para poder continuar, sem culpa, a pensar nos meninos? Acredito que sim. Porque eu sempre soube de coisas que nem eu mesma sei que sei.

As minhas colegas de ginásio sabiam de tudo e inclusive contavam anedotas a respeito. Eu não entendia mas fingia compreender para que elas não me desprezassem e à minha ignorância.

Enquanto isso, sem saber da realidade, continuava por puro instinto a flertar com os meninos que me agradavam, a pensar neles. Meu instinto precedera a minha inteligência. Até que um dia, já passados os 13 anos, como se só então eu me sentisse madura para receber alguma realidade que me chocasse, contei a uma amiga íntima o meu segredo: que eu era ignorante e fingira de sabida. Ela mal acreditou, tão bem

eu havia fingido. Mas terminou sentindo minha sinceridade e ela própria encarregou-se ali mesmo na esquina de me esclarecer o mistério da vida. Só que também ela era uma menina e não soube falar de um modo que não ferisse a minha sensibilidade de então. Fiquei paralisada olhando para ela, misturando perplexidade, terror, indignação, inocência mortalmente ferida. Mentalmente eu gaguejava: mas por quê? mas para quê? O choque foi tão grande - e por uns meses traumatizante - que ali mesmo na esquina jurei alto que nunca iria me casar.

Embora meses depois esquecesse o juramento e continuasse com meus pequenos namoros.

Depois, com o decorrer de mais tempo, em vez de me sentir escandalizada pelo modo como uma mulher e um homem se unem, passei a achar esse modo de uma grande perfeição. E também de grande delicadeza. Já então eu me transformara numa mocinha alta, pensativa, rebelde, tudo misturado a bastante selvageria e muita timidez.

Antes de me reconciliar com o processo da vida, no entanto, sofri muito, o que poderia ter sido evitado se um adulto responsável se tivesse encarregado de me contar como era o amor. Esse adulto saberia como lidar com uma alma infantil sem martirizá-la com a surpresa, sem obrigá-la a ter toda sozinha que se refazer para de novo aceitar a vida e os seus mistérios.

Porque o mais surpreendente é que, mesmo depois de saber de tudo, o mistério continua intacto. Embora eu saiba que de uma planta brota uma flor, continuo surpreendida com os caminhos secretos da natureza. E se continuo até hoje com pudor não é porque ache vergonhoso, é pudor apenas feminino.

Pois juro que a vida é bonita.

Arice Dispecto

Autores nacionais

Ana Beatriz Cabral

Angela Gabriela

Anna Rodrigues

Arcangela Pivetta Dos Santos

Ari Göisler

Bárbara Perozzo

Bebel Pozzi

Cecilia Kemel

Clarissa Machado

Elisa Fátima Piovesana

Fèrnanda Pimentel

Glenda Brum De Oliveira

Indianara Galhardo

Isabel Spagnolo

Juan Alonso

Juscélia Santos Xavier

Karen Cerutti

Karol Torres

Laila Angelica Moraes

Luana Schrader

Luciana Simon De Paula Leite

Luzia Couto

Maria Araújo E Germano Ribeiro

Maria Nazareth Dória
Marlene Krupa
Ricardo Pegorini
Shirley Pereira De Lima
Simone & Alexandre Fraenkel
Sirlene Maria Da Silva Ferreira
Suélen Ferreira Moreira
Susana Fátima Stähelin
Thaísa Pinto
Thiago Milério
Vânia Coelho
Vinícius Hernandez
Viviane Cardoso
Viviane Neme Campos

Autores internacionais

Anabela Vaz (Portugal)
Vânia Sofia Duarte Santos (Portugal)
Vieirinha Vieira (Portugal)

EDITORIAL

Bem-vindos à Revista Autorretratos, onde a literatura transcende fronteiras e conecta leitores e autores em uma celebração da criatividade e do pensamento crítico. Como projeto independente, temos o compromisso de dar voz a novos talentos, preservar a riqueza cultural da literatura brasileira e internacional, e explorar as nuances da experiência humana através da poesia, da prosa — contos e crônicas — e de ensaios e artigos contemporâneos.

Mais que uma revista, cada edição é um farol que ilumina caminhos literários. Publicada mensalmente em formato digital e impresso, cada número possui registro exclusivo na Câmara Brasileira do Livro (CBL), destacando sua singularidade como uma expressão artística completa. A Revista Autorretratos busca oferecer aos leitores uma experiência contínua e transformadora. Nosso objetivo é ampliar horizontes e abrir espaço para histórias que provocam, inspiram e ressoam com o mundo ao nosso redor.

Em 2024, nos consolidamos como um nome em ascensão no cenário literário nacional: 614 mil visualizações e mais de 10 mil downloads digitais reafirmaram a força do nosso projeto. Expandimos nossa presença física com 480 exemplares impressos distribuídos no Brasil e na Europa, e celebramos a estreia de 288 novos autores, cujas narrativas enriqueceram ainda mais nossas páginas. E alcançamos um recorde recente: 50 autores reunidos em uma única edição, consolidando nossa identidade como um espaço literário global e vibrante.



EDARTI: 2025000-03.
ISBN: 978-65-01-36103-1.31ª EDIÇÃO

Março, 2025

Editor-Chefe

Ricardo Neto O. Mota

Revisão

Gabriel Mendes Amaral

Design Cromático e Diagramação

Thiago Freitas Pacheco

Concepção Estética e Perspectiva Temática

Ricardo Neto O. Mota

Ilustrações

Studio AR

STUDIO AUTORRETRATOS

O Studio de ilustrações digitais
da Revista Autorretratos
(STUDIO AR)



Todos os direitos reservados.

POESIA

PROSA

ENSAIO

ARTIGOS

POESTIA



SUSSURROS DO APEGO

Sabe aquele momento em que a alma sussurra em desespero?
O instante em que tudo ecoa?

Ah, se o sentimento fosse além da dor,
Se o caminho fosse mais suave,
Se estivéssemos alinhados em intenção.

Se a intenção de um florescer não estivesse tão apagado,
E ainda tivesse forças para isso.

É... o amor, às vezes, pode ser assim.
Não que seja o que a alma clama,
Ou o que almeja com o coração,
Mas acontece.

O final pode ser tortuoso, avassalador.
Nada é mais inconstante como é o sentimento,
O medo da perda,
E que tudo se desfaça no vazio.

Vazio que corrói.
Mas que reestrutura.
Refaz a alma,
E dá esperança para dias mais serenos.

Elisa Fátima Piovesana



Elisa Fátima Piovesana, 26 anos, residente em Encantado/RS, é advogada formada pela Universidade de Caxias do Sul e Conciliadora Judicial pelo Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, com especializações em Direito de Família e em Direito Militar. Atualmente cursa uma pós-graduação em Direito Previdenciário e Trabalhista pela Fundação Escola Superior do Ministério Público. É associada ao escritório Cadore e Toldo Advogados, e também dedica-se à poesia, explorando as profundezas da linguagem e transformando sentimentos em versos que tocam o coração. Instagram: @dra.elisapiovesana.



LIVRO DA MEMÓRIA

Cada página foi escrita com tinta da saudade de um tempo que não volta.
Cada memória presa em suas margens são lembranças gravadas com a essência da minha alma.

Em cada linha escrita, um átomo de um todo que fui,
Um sonho não realizado, mas idealizado.

Como folhas murchas que o vento não carrega, aquelas caídas no inverno,
Iguais aos meus sonhos de outono.

Hoje meu livro está cheio de borrões, onde a melancolia pinta as palavras;
cada palavra cravejada de saudade e solidão, com o peso de um amor que morreu.

Em meus versos, abraço minha alma, choro a partida e não tenho esperança do regresso. Pois creio que seu coração há muito me esqueceu.

As palavras borradas, quase apagadas, se entrelaçam formando imagens que confundem o tempo.

Os fragmentos de uma vida que a história escreve, a memória esmaga e a saudade solidifica.

Meu livro traz páginas que falam da ausência, das estradas nunca percorridas,

Das promessas quebradas, dos pensamentos escritos no guardanapo da cafeteria, os quais o vento levou para o esquecimento.

Mas nas páginas de meu livro estão guardadas, mesmo amareladas, folhas amassadas.

Nestas páginas, a melancolia encontrou abrigo seguro, um refúgio silencioso onde minha alma se acolhe nas horas mais tristes.

Aqui, nestas páginas, posso chorar sem que alguém ofereça um lenço; cada palavra escrita é um sopro do ontem, um lamento que não viaja no tempo.

Meu coração revive tudo, choro e viro a página final, deixo essa saudade me guiar.

As lembranças são mágicas, a capacidade que eu tinha de amar vira lágrimas que mancham a história; a nostalgia me abraça forte.

Então fecho o livro e guardo com carinho, pois são minha essência, minha alma, minha saudade, tudo que o tempo ainda não conseguiu levar.

Luzia Couto



Nascida em Conceição de Ipanema, Minas Gerais, Luzia Couto iniciou sua trajetória literária em 2015. Desde então, publicou oito livros, entre romances e poesia, e em 2024 expandiu sua atuação para a literatura infantil, com quatro livros já lançados nesse gênero. A autora também participou de mais de 40 antologias poéticas, consolidando-se como uma voz ativa na cena literária. Atualmente, está escrevendo um romance policial em parceria. Luzia é encontrada no Facebook em Poesia Romântica Erótica e no grupo Luzia Couto e Amigos, além do Instagram, como @poetisaLuziaCoutoRodrigues. Para contato direto, seu número é (33) 98464-3513.



ORAÇÃO

Escrevo duas vezes
sobre
a mesma pedra
a oração que
aos meus ouvidos sopra
Ave-Maria
Corta a esfera
do céu que
sob a luz se adensa
um risco
em arco azul
A maresia
recompõe o rosário de
lembranças entre
os corais e as
pérolas
Os dias
desfiam-se na
espuma e enquanto
as algas me perfumam
de espera
e a musa pranteia
a guerra.

Cecilia Kemel



Natural de Cachoeira do Sul/RS, **Cecilia Kemel** sempre esteve ligada às letras. Com o título de Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa e Brasileira pela UFRGS, tem publicações de poemas, contos, crônicas e crítica literária em meios jornalísticos, antologias e coletâneas poéticas impressas, e em meios digitais. Publicou obras solo tanto na área da Antropologia, com uma edição pela Edunisc, quanto da Literatura: em 2022, o livro de poemas **O Livro**, pela Editora Bestiário; em 2023, o conjunto de contos **Para mulheres que...** e, em 2024, o ensaio crítico **Eduardo Jablonski, o maestro das letras** e o livro de poemas **Moinhos moem o tempo**, este a ser lançado na Feira do Livro de Porto Alegre. Também conquistou prêmios e classificações em vários segmentos literários, faz parte da Academia Cachoeirense de Letras, da Academia de Belas Artes do RGS, do grupo Vivapalavra, e é associada da AGES - Associação Gaúcha de Escritores.



ONDE PODES VOAR, ACALENTA OS TEUS SONHOS

Existe algo de sublime ali, naquela ilha que emerge do cinza de um mar revolto.

Encantadora na sua moldura de neblina densa qual merengue açucarado. Sinto que ali, naquele pedaço de terra tenaz com os seus morros vaidosos vestidos de sépia e terracota, existem muitas histórias misteriosas.

Será abrigo de enamorados e artistas com certeza.

Ai que sentimentos de evasão e mistério ela me inspira.

Seria feliz ali naquela extensão de terra virgem banhada pelo mar.

Circumspecta em mim, na companhia do voo dos helicópteros que a sobrevoam.

Ai pedacinho de fantasia.

Sinto que ali também eu posso voar.

Anabela Vaz



Anabela da Cunha Vaz nasceu a 15 de outubro de 1971, na cidade de Braga, Portugal. O gosto pela escrita surge desde a infância. A sua imaginação levou-a sempre a conceder vida às páginas em branco, com a magia das suas palavras. Acredita no poder, no impacto e na magistralidade do mundo da escrita. É mulher de palavras, ancorada 21 anos no mundo dos números. No ano de 2020, adormece a razão, permite que impere a paixão. Encerra o seu capítulo de bancária, faz das suas palavras as asas que a levam de encontro aos seus sonhos, à sua liberdade, à sua felicidade. É autora do romance *Neblina* (2006) e do conto *Benedita* (2021), inspirada pela doçura e encanto da sua neta Benedita. Em 2022, com toda a turbulência, guerra e inquietações no mundo, escreveu *O Mundo precisa de fadas*. Em 2023, volta-se, de novo, para os adultos e escreveu a obra: *O que desejas ser depois da meia noite?* Em 2024, seduzida pela beleza e mistério do mar, escreve a obra *Maria do Mar, a sereia que sonhava voar*.



DESEJO

Quando olho aquela garota, sempre me pego pensando – Será que ela é realmente feliz?

Essa alegria tímida que ela esbanja toda vez que está perdida em seu próprio mundo me dá certa inveja. A capacidade de suportar se a si própria em silêncio e com um certo sorriso nos lábios, apesar do barulho alheio, me faz não querer olhar para outra imagem.

“onde será que ela esta agora?”

Porque do jeito que ela olha para o mundo a sua volta, sem no entanto olhar para nada, me dá a certeza que a admiração que ela mostra no olhar também a transporta para lugares, viagens, tempos diferentes deste.

Quanto ela já deve ter aprendido da vida? Sofrido? quantos amores deve ter perdido? Ninguém chega nessa serenidade sem ter quebrado alguma coisa. Será que ainda esta quebrado?

Queria poder ter coragem de sorrir de volta à vida assim como ela faz enquanto atravessa o parque, despreocupada, com passos sossegados.

A paz escancarada em sua respiração, um quadrado perfeito que dança no sobe e desde de seu peito, seus cabelos que são beijados pelo vento.

Todos os finais de semana ela passa aqui, sozinha, ela com ela mesma, atravessa esse parque no tempo dela, na fenda de tempo que se abre quando ela entra e se fecha quando ela se vai.

E quando ela se vai tudo se esvai.

Bárbara Perozzo



Sou Campineira, do estado de São Paulo. Formada em Química e Psicanálise, dançarina e escritora, sou uma junção de arte com lógica, completamente ilógica. Meu gosto pela leitura vem desde muito cedo mas chegou uma hora em que os personagens, sentimentos e histórias precisaram sair da minha cabeça de alguma forma, encontrei na escrita um jeito fazê-los existir. Uso o pseudônimo de Eliza Pizzy e escrevo em sua grande maioria historias de fantasia e ficção. Escrever sobre sentimentos e dualidades é outra coisa que me encanta. Eu não seria realmente Eu sem parte minha.



RIO TURVO

No curso da natureza, a inércia nos joga ao vácuo sem direção,
No fluxo microscópico da vida, quem para nesta ingreme descida dá com a
cara no chão,
Buscamos a alegria, efêmera ilusão,
Enquanto a dor persiste, nossa eterna sensação.

Como pedra no sapato a nos incomodar,
um desconforto mínimo, difícil de ignorar.
Esquecemos da saúde do corpo e da mente,
para focar na dorzinha que se faz presente.

O riacho da vida, em seu curso sereno,
Se agita ao encontrar um rochedo pequeno.
Assim é nossa natureza: Pacata na bonança,
Desperta quando a dor da carência avança.

A metafísica erra ao julgar o mal,
Como ausência do bem - conceito trivial.
Pois é a dor que pulsa, vívida e real,
E a felicidade, um vácuo ocasional.

Sensível ao sofrer, artisticamente, até o infinito
Ao meu próprio prazer, breve e inconsequente me limito.
Cada alegria é exceção, efêmera surpresa,
O infortúnio é a regra da existência, na fome do predador ou na morte da
presa.

Se não for o sofrer o propósito da vida,
Que sentido haverá nesta jornada sofrida?
No mundo de tormentos, cheio de aflição,
Buscamos um sentido, uma explicação.

Talvez o segredo esteja em não buscar sentido,
Mas em abraçar o absurdo deste mundo aturdido.
Na aceitação do sofrer como parte da jornada,
Encontremos não paz, mas uma força renovada.

Para enfrentar cada dia, cada nova provação,
Com a lucidez de quem entende sua condição.
E neste entendimento, quiçá alcancemos,
Não o que merecemos, mas o que podemos.

Vinícius Hernandez



Vinícius, 27 anos, autodidata da região metropolitana de São Paulo. Estudei até o terceiro ano do ensino médio e atualmente trabalho como auxiliar administrativo em um escritório de advocacia. Sou apaixonado por tragédias gregas, romances realistas e filosofia, áreas que me inspiram desde que li meu primeiro livro aos 7 anos de idade. Desde então, escrevo transitando entre prosa e poesia. Conhecido pela intensidade, caminho pela corda bamba que separa o tormento niilista e a serenidade cínica, explorando as nuances da vida com profundidade e sensibilidade. Redes: @ecos.do.abismo_poesia e @velho.phd.



SERENIDADE

No silêncio do amanhecer,
Sinto a brisa suave a tocar,
Um sopro de paz a me envolver,
Serenidade que vem do ar.

O vento sussurra suave canção,
As folhas dançam em silenciosa união.
No abraço da natureza, encontro razão,
Nessa tranquilidade, ousa sonhar em vão.

No ar flutua a serenidade,
Suave brisa que vem e vai,
Carregando sonhos de liberdade,
Um manto de paz que o mundo atrai.

O dia passa manso,
Na harmonia de tempo e lugar,
Em cada respirar um descanso,
Serenidade no ar a pairar.

Vânia Sofia Duarte Santos



Vânia Sofia Duarte Santos é uma escritora portuguesa, nascida a 20 de Dezembro de 1989, em Santiago do Cacém, Portugal. Desde 2021 que publica livros de poesia e histórias infantojuvenis que transmitem percepções reflexivas e com mensagens positivas. A escrita de Vânia explora temas de resiliência, esperança, autodescoberta e a beleza encontrada no quotidiano, proporcionando um espaço para os leitores pararem, refletirem e descobrirem positividade mesmo no meio dos desafios da vida. Vânia escreve com o objetivo de conectar corações e mentes, pois acredita que as palavras podem curar e transformar. Instagram: @vanisofisantos.



DESEMBARQUE

embarcado deitado
 perfeitamente
só como o horizonte se dispõe a fazer

feito o azul de colcha
os travesseiros fofinhos
nuvens de branca fronha

asas imitam a vida que voa
a fugir do leito que lhe convida ao decúbito
décimos milésimos de decisão treinada

levam-me ao vento
como corujas
a farejar na noite
o símbolo
simples espelho

na sabedoria do pouso suave
após turbulento vôo
regresso diuturnamente à pista
dois mil
oitocentos e vinte e três
metros

decolagem de nunca sair de si

Thiego Milério



Nascido em Manaus-AM, em 1981, formado em Medicina pela UFAM, escreve poemas por acreditar no poder da Arte e da Literatura para um mundo mais humano e justo.



JOÃO BANANEIRA

João Bananeira, vamos celebrar,
personagem folclórico, a nos encantar.
Em Cariacica, Espírito Santo, ele faz seu lar,
mas outros ares ele pode abraçar.

Aguardando sempre um convite a chegar,
para a festa e a alegria espalhar.
Com sua dança, ele vem nos alegrar,
rodando e dançando, sempre a sambar;
gira, gira, a criançada a gritar.

Voa e gira, João Bananeira, a rodar;
nos palcos e escolas, sempre a brilhar e a encantar.
É querido nas festas, não pode faltar;
no Carnaval, novamente veio aqui nos animar.

Brilha, João Bananeira, onde for dançar,
levando sua magia a todo lugar;
para nos encantar.
Do Congo de roda d'água vem nos inspirar,
a cultura viva querendo levar
para todo lugar e assim nos representar.

Sempre me ponho a contar sua história;
brilha, brilha, e assim vai trazendo memórias.
Dias, meses ou anos, não vou esquecer;

sempre que eu puder, vou falar de você.

João Bananeira do folclore da nossa região,
rodando o mundo com satisfação.

Representante das nossas memórias,
personagem que leva a nossa história.

Godô é quem dá vida ao nosso João;
sabendo que será lembrado nesse mundo adorado.
João Bananeira assim será homenageado;
se mostrando ao mundo e levando o seu legado.

Nossa cidade tem orgulho de dizer:
João Bananeira está marcado para ser nosso maior retrato;
e nos deixando emocionados por ter o nosso folclore bem representado.

Um viva agora darei ao nosso personagem e a todos vocês!

A cultura não pode acabar,
por isso João Bananeira
aqui está, alcançando ou-
tras culturas e aguçando a
curiosidade da nossa terra
para você desejar conhe-
cer e se apaixonar. Caria-
cica daqui pra frente tam-
bém será o seu lugar...



JOÃO BANANEIRA:

GUARDIÃO DA CULTURA POPULAR

UMA HOMENAGEM DE ANGELA GABRIELA

Nas ruas, nos palcos e nos corações, João Bananeira gira, dança e encanta. Mais do que um personagem, ele é a expressão viva do folclore capixaba, carregando nos passos ligeiros e na máscara colorida a história de um povo que resiste, celebra e compartilha sua cultura.

Vestido com folhas secas de bananeira, ele surge misterioso, oculto pela máscara artesanal, como manda a tradição dos festejos do Congo de Roda D'Água, em Cariacica. João Bananeira não se revela, pois sua força está justamente no mistério, na alegria que transcende o rosto e se espalha pelos movimentos. Mas por trás dessa figura icônica está Alfredo Evangelista – bailarino, artista e guardião desse legado.

Em um momento histórico, Alfredo retirou a máscara diante das câmeras do TVE Revista, não para quebrar o encanto, mas para expandi-lo. Seu gesto foi um convite à valorização e à perpetuação dessa tradição, levando João Bananeira para além das ruas de Cariacica, para dentro das escolas, dos debates culturais e do imaginário de novas gerações.

É impossível falar de João Bananeira sem sentir o ritmo pulsante do congo, sem visualizar a energia contagiante de sua dança. Ele não é apenas uma representação folclórica, mas um símbolo de identidade, pertencimento e resistência cultural. Cada giro é um convite à memória, cada movimento é um elo com os antepassados, cada aparição é um lembrete de que a cultura só se mantém viva quando é vivida e compartilhada.

Por isso, esta homenagem se faz necessária. João Bananeira é o retrato da nossa gente, da nossa festa, do nosso Espírito Santo. E que essa tradição, conduzida com tanto amor por Alfredo Evangelista, continue rodopiando, celebrando e levando o nome de Cariacica ao mundo.

Que João Bananeira brilhe sempre, girando entre gerações, espalhando cultura e mantendo viva a história que tanto nos orgulha.

Angela Gabriela da Silva



Angela Gabriela da Silva, 48 anos, brasileira, paulista, nascida no dia 13 de setembro, na cidade de São Bernardo do Campo, SP. Solteira, mãe de três lindos filhos: Pâmella, Nathália e Arthur. Filha de Marília Gabriela e Manoel Luiz, possui ensino médio completo, com certificado de conclusão pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Formada como cabeleireira profissional pelo Instituto Embelleze, atualmente curso faculdade de Design de Moda , EAD na faculdade Unifatecie. Além disso, trabalho como merendeira escolar, sou costureira nas horas vagas e também motociclista coletada M I , "bikers of angels" na cidade de Cariacica, ES. Estou abraçando novas oportunidades para mostrar outras habilidades, e "escritora" é uma delas. Espero que gostem! Sempre escrevo com muito amor e carinho. Divirta-se com mais essa leitura, e obrigada por dedicar seu tempo! Beijocas no coração!



OLHO PARA BAIXO

A palavra pode ser uma arma.
Acertar como flecha ou como pedra.

Coloco algumas no corpo,
traçando pinturas permanentes.
O que parecia estar morto,
ressurge com tom novo, feito semente.

Na gaveta tem algumas que não uso,
empoeiradas pelo tempo.
Juro que gostaria de visitar,
a consciência encobriu com cimento.

O sonho me diz que Eros precisa acordar;
o som é movimento.
Eu tenho palavras,
eu quero palavras.

Minha garganta é uma escrava,
de expressões que não são minhas.
Mas, sim, da mão que estrangula
e corta o fluxo do vento.

Ela não vem de mim,
Mas, sim, das luvas negras de cetim.
Adornos lindos para o pescoço, não vê?

Essa é a maior prova de Psiquê.

Eu tenho palavras que curam,
mesmo parecendo que matam.

Eu tenho palavras que asseguram,
mesmo parecendo que castram.

Quem olha é o cordeiro ou a serpente?

É preciso ser o louco,
aquele que se joga sabendo que a queda representa a fé no que se sente.

Eros e Psiquê estão prontos para as suas provas?

Nunca se está realmente pronto para ser acordado da própria cova.

Ele diz.

Ela vê.

Os dois escutam as palavras que, de tão suas, parecem que conjuram de
outros corpos.

A minha fala não luta mais e nem encouraça a música cansada de reter.

Ele escuta com paixão,
quem ela nasceu para ser.

Fèrnanda Pimentel



Fèrnanda Pimentel é escritora campista, formada em Letras pela Universidade Estácio de Sá e atuante como professora na rede estadual do Rio de Janeiro. A escrita está presente em sua vida como busca de si e uma maior compreensão dos personagens interiores que compõem as inúmeras facetas femininas. Lançou a primeira obra poética em 2024, intitulada “Oito Taças”, através da editora Alumiá. Com poemas esbanjando temas como misticismo e mitologia, dialoga com deusas e deuses que habitam a psique e o mundo objetivo, acreditando que as palavras são alquímicas. Um meio que encontrou para praticar magia.



A EROSÃO DO EU

O espelho refletia uma estranha familiaridade.

Não era o meu rosto, exatamente.

Era uma versão mais pálida, mais cansada, com olhos que tinham visto demais e um sorriso que não chegava aos lábios.

Era o reflexo da solidão, um retrato da minha própria evasão.

Eu me observava como se fosse uma estranha, procurando por um traço de reconhecimento, uma fagulha de conexão.

Mas só encontrava a distância, um abismo que se abria entre quem eu era e quem eu me tornava.

A cada dia, a imagem no espelho se tornava mais distante, uma cópia desbotada de um original perdido.

A xícara de café esfriava na minha mão, junto daquele vazio que me habitava.

O relógio no meu pulso marcava a passagem do tempo, uma lenta e irreversível dissolução de mim mesma.

Poder contribuir para esta edição, dedicada àquela que considero uma das maiores escritoras brasileiras, é um privilégio realizado. Muito obrigado mais uma vez pela oportunidade.

Karol Torres



Natural de Porto Alegre, sou uma apaixonada pela arte e expressão criativa. Recentemente tive a honra de ser convidada pela segunda vez pela revista Autorretratos para compartilhar minha perspectiva e experiências. Estou imensamente grata e feliz por essa oportunidade que me permite conectar ainda mais com o mundo da cultura.



LOST CLARICE

The muse
Ain't that lovely
Or is she -
N' you never got it.

Epiphany!

She plays so hard
Coz she's so cool
And you are against the wall
Once you read her.

-Wild Heart-

You couldn't stand her
She's that tough
For she's the light
And the shadow.

...Вона - Загадка
Вона - Непобедімая...

The muse
Ain't that easy
Or is she -
N' you never find out.

Epiphany!

Such an imperfect Venus
A nonsense Alice
Everything you want
Nothing you need.

-Apple in the dark-

You gotta lost Clarice
Unless you understand
She's a butterfly
N' belongs to her own world.

**Ukrainian verse composed by Nathan Machado: Вона -
Загадка Вона - Непобедима : she's a mystery, she's in-
vincible.*

Clarissa Machado



Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)". Acadêmica Correspondente da Academia Feminina Sul-Mineira de Letras (AFESMIL) e membro do Grupo Literário Fonte das Letras.
Instagram: @artesliterariascriativas e @clarissaxmachado

Nathan Machado Cardoso, filho da autora, tem 16 anos, concluiu seus estudos em língua inglesa com aprovação no Exame de Cambridge, estudou na Ekeberg Skole, Noruega (2019) e é estudante de outros idiomas, dentre eles o ucraniano. É fã da literatura eslava, especialmente de Nikolai Gogol, Aleksandr Púchkin e Fiódor Dostoiévski.



SUFUSÃO DA ALMA

Os ponteiros do relógio deslizam suavemente, uma dissonância gritante da realidade pungente.

Clique-claque.

Tic-tac.

Estou me afogando e ninguém percebe. A vida me engoliu e me digere a cada segundo.

Claque. Tic.

À deriva. Perdida. Insuficiente. Escondida – de mim e da vida.

Diante dos meus próprios olhos, sumi.

Uma tragédia shakespeariana ou a crueza clariciana da banalidade da vida.

No ritmo de um suspiro, a névoa das angústias e incertezas esmaeceu o que antes era vibrante. Lugares que outrora eram porto seguro, por um descuido, se tornaram asfixia lenta.

Pisar em ovos para não esmagar corações. Que corações? *Os outros.*

O meu? Dizem que não tenho. Quiçá de gelo. Por vezes de aço. Miocárdio abstrato.

Sentimentos enlameados. Choro sufocado.

Quero fugir. De mim. Do mundo. Das pessoas. Dos afazeres. Das dúvidas.

Das cobranças. Da vida.

Clique-claque.

Tic-tac.

“Não quero repetir padrões”, mas algo em mim é um ímã de repetições. Sem querer, me transformo na vilã de todas as histórias.

“Ora, hipocrisia seria negar que também sou a antagonista da minha frágil vida. Veja bem a ironia: incoerente que sou, prefiro negar meus tão pesados sentimentos e curvar os lábios como esperam de mim.”

Sorria.

Sorria.

Sorria.

Abraços acalorados viram amor desenfreado, ligações entrecortadas, malditos padrões.

Prisões.

Não retribuir sentimentos é um defeito? Me sufoco para não magoar.

Mas quem?

Se a pessoa mais importante da minha vida está sofrendo?

Ah... como me sufoco para não machucar.

Os outros.

Acho um crime me priorizar.

Que desgosto.

Vá à merda, sociedade. Que se explodam as convenções. Que se danem as ilusões.

Tic-tac.

A morte vem me dar um oi. Sorrisos desbotam em preto e branco, lembranças antes coloridas jazem em sépia. Mãos enrugadas que me acalmavam, em um sopro começam a se desintegrar.

Clique-claque.

O chão foi arrancado e meus pés descalços flutuam no ar. Desamparados.

Amar se transformou em um sussurro sufocante.

Minha cabeça oscilante, sentimentos conflitantes.

Para.

Preciso respirar.

Ar.

Me falta o ar.

Preciso de silêncio.

Anseio por tempo.

Tac-tic-tac-tic-tac-tic-tic-t-a-c.

Maldito tempo que no tiquetaquear descompassado se transforma em pretérito passado.

Ponteiros acelerados.

Corações palpitantes.

O que era bom já não é mais.

Sumiu ou sufocou.

Clique-claque.

Tic-tac.

Devo ser a errada. Minha empatia desenfreada mergulha na necessidade de não magoar.

Tento agradar, usar boas palavras e no final?

O punhal que eu mesma seguro está nas minhas entranhas.

Que sangram.

Ora, sangrariam de qualquer forma, então por que diabos eu não me acolho e muto o mundo?

Vai doer. Sempre vai.

Sufrimento? Inerente à existência humana. Todos iremos sofrer.

A exaustão é mental, é global.

Quero correr pela rua,

nua.

Nua de mim, livre de amarras e do que me ensinaram a acreditar sobre quem sou ou deveria ser.

Clique-claque.

“Boa menina”, “Você sempre entende”, “Você sabe tudo”, “Você não dá problemas”, “Eu quero você”, “Você não pode falar tantos palavrões”, “Você tem que...”, “Você deve”.

Você. Você. Você.

(você, o caralho)

Claque-tic.

A perfeição não existe e correr atrás dela é perda de tempo.

Esgota. O tempo e a alma.

Cansei.

Cansei de ser boa. Cansei de ser desejada. Cansei de ser objetificada. Cansei de fazer o que esperam de mim.

Que se foda.

A boa menina é uma vilã.

Na história de alguém, mas não mais da sua própria narrativa.

Tac-tic-tac-tic-tac-tic-tic-t-a-c.

Quero me amar. Quero me respirar. Quero me lambuzar na delícia de ser quem sou. Liberdade da prisão. Se vou beijar homem ou mulher? Não se sabe. Para onde irei para me reencontrar? Boa pergunta. Se estou bem ou estou mal? Fica a dúvida. Se faturei ou passo fome? Que se dane. Perdoei ou guardei rancor? *E eu lá sei?* Estou aqui ou acolá? Tanto faz. *Tan-to faz.*

Tic-tac

Clique-claque.

Aquela mulher morreu há um tempo, mas renasceu na lama. Como fênix, cuspiu fogo e carbonizou tudo o que não quer mais. Olhos de lótus, força de mil leões.

Hora da reconexão com quem mais importa, hora de ir embora e não olhar para trás.

O reencontro da mulher com o seu próprio self é mais poderoso do que qualquer declaração de amor ou de renda.

Clique.

Eu estou me afogando e é como se eu morresse um pouco a cada dia.

“Ora, e não estamos todos morrendo?”

Claque.

Tempo. O que fizemos do tempo.

Clique-tic-claque-tac-tic-tac-claque-tic-clique-tac-tic-tic-tic-t-a-c.

O tempo segue transcorrendo, os ponteiros vacilam, mas ainda temos até o último *claque*.

Clique.

Cla-

que.

Luana Schrader



Luana Schrader é autora de romances mágicos e leitora voraz de livros de romance com altas doses de fantasia, acredita que é através da literatura que a magia acontece e tudo torna-se possível. Escreve ao lado de uma fada canina chamada Anja; é influenciada pela lua e pelas estrelas, acredita em destino e na magia do universo. Formada em Moda e em Escrita Criativa, começou a sua carreira literária em 2019, participando de inúmeras coletâneas nacionais e internacionais. É autora de *Serendipity* (2021); *Fios do Destino* (2022); *De repente, Natal* (2022); *Felizes agora e para sempre* (2023) e *Onde as fissuras brilham* (Sem data de lançamento). Em 2023 recebeu o Prêmio Talentos Helvéticos Brasileiros e participou do Salão do Livro de Genebra (Suíça); em 2024 foi consagrada com o Troféu Fernando Pessoa de Literatura, e com o Prêmio Parisiense de Literatura e Artes. Acompanhe a autora pelas redes sociais (@luanaschrader) e pelo site luanaschrader.com.br



UM JARDIM VESTINDO OUTONO

Naquela tarde cinzenta,folhas caíram, entrelaçaram-se.

O vento soprou mais forte, mudando a coleção do meu jardim.

Jardim, que acolhe, o nosso abraço,irradia junto com o mormaço, deixa o pé de algodão embebecido de suor.

Encanta-se com a flor renovada banhada pela brisa matinal
e pela fragrância da tua alma sem espinhos.

Perfume que se espalha dentro do renascer de uma estação chuvosa,e, sóbria.

Essência,que simplesmente evapora por toda a sobriedade do outono.

O contorno,cinza do céu, vai
fixando-se. na penumbra da noite envolvente.

Esta, vagarosamente vai mareando,os meus olhos.diante da forte ventania.

A natureza, despia o meu jardim da antiga estação,e permitia a colheita do olhar da constelação que vislumbraava,e, adornava toda aquela coleção do meu jardim, captando, os reflexos da sobriedade do outono.

Naquele,instante,nem o clima nem a forte chuva,nem mesmo todos os roedores das florestas preservadas,mudariam os meus planos,depermanecer em volta do algodoeiro, entregando-me, às rendas da nova coleção do meu gramado.

Pudia,sentir, toda macez do algodão em minha face, enternecida,complementando, assim, o meu momento de contemplar um jardim vestindo outono.



Olá, me chamo
Shirley Pereira de Lima
Sou colaboradora do Site
Recanto das Letras
Tenho poemas na plataforma
Scrivapp
Poema
em podcast no Spotify
Por Toma Ai Um Poema
Participo de alguns
E-books. 41

Sou de Recife /PE
Meu Instagram
@shirleypessego
Para pseudônimos de concursos de poesias
Shirley Lima.



MULHER, SINÔNIMO DE RESILIÊNCIA

Mulher de duas faces,
Na sombra do passado,
A mulher submissa,
Ela é alma que sustenta o lar,

Entre afazeres que o tempo alinha,
Ela é a mulher artífice do ninho,
Onde o lar se tece em harmonia,
É o sorriso que acalma a ventania,

Entre cuidar dos filhos e o amor ao marido,
Ela é a força que a vida entrega.
No varal, roupas a bailar,
No esvoaçar dos tecidos,

Eis que o tempo se curva ao seu poder,
Mulher resiliente, emerge, pronta a viver,
Desafia o mundo, destemida em seu salto,
Não mais aprisionada pela tirania do ontem,

Rompe barreiras, sem medo,
Em cada batalha, uma história de superação,
Ela é a própria essência da transformação
Dos grilhões do passado ao brilho do porvir,

Ela se reinventa, ousada a prosseguir,
Não mais submissa, mas Senhora do seu destino
No compasso firme do seu passo,
Arregaça as mangas, não se consome,

Em um mundo de engrenagens, ela é a peça chave,
Não há barreira que impeça o seu caminho,
Com destreza e coragem, segue seu destino,
Mulher de força invisível, sublime e persistente.

Marlene Krupa



Marlene Krupa do Rosário, 44 anos. Professora do Ensino Fundamental. Reside na Cidade de Araucária/PR. Ama escrever poesias, demonstra amor incondicional pelas palavras e pela arte. Passa horas escrevendo. Acredita que ao escrever, desperta sentimentos e conexões que fazem com que o leitor se sinta parte da história. É como abrir portas para um mundo novo, onde as emoções ganham vida.



VOCÊ VAI SENTIR FALTA...

Você vai sentir falta
Do sorriso que lhe dei,
Seu rosto, sua imagem
Que em versos decantei.

Sereno tão gelado
Que ao seu lado respirei
Tantas canções de amor
Que escondido autografei

Você vai sentir falta
Das bobagens que falei
Da cauda de um cometa
Que lá longe lhe aponte.

Do meu cavalo alado
Que em sonhos cavalguei
Você era a princesa,
Por um tempo fui seu rei.

Você vai sentir falta
Se outro lhe falar de amor
Lembrar minhas lembranças
Não faz mal se sentir dor

Ouvir o meu recado
Preso no seu coração
Murmúrios de um passado
Que por Deus não volta não

Você vai sentir falta
Quando um outro lhe tocar,
E o jeito que eu dizia
Chega mais, chega pra cá.

Das coisas tão só nossas
Que ingênuo, lhe escrevi
Falava dos seus olhos,
Que você nasceu pra mim.

Você vai sentir falta
Do jeito que lhe abracei,
Vestido azul rendado
Que seus laços desatei

Vislumbre de um mistério
Que com olhos desnudei
Seu corpo, a formosura
Tanto, tanto que esperei

Você vai sentir falta,
Quando um dia se sentar
No banco da pracinha

Eu escrevi seu nome lá

Verá que meus detalhes

Você nunca esqueceu

Que é seu o meu passado

Seu presente ainda é meu.

Maria Araújo



Germano Ribeiro

Maria Araújo e Germano Ribeiro foram os vencedores do Prêmio Autorretratos de Literatura 2024, destacando-se por suas criações artísticas. Maria nasceu em ACARAÚ, no lugarejo de LAGOA DO CARNEIRO, SERTÃO, e é apaixonada pelas artes. Leitora ávida, poeta e artesã, ela é natural de Fortaleza, Ceará. Germano é músico e compositor renomado, reconhecido na Música Brasileira Contemporânea por suas habilidades como instrumentista. Residente em Campinas, São Paulo, encanta com suas melodias. Juntos, celebram este prêmio por suas contribuições artísticas.



DESSEPULTO VÍVIDO

Nesse momento,
versos se rasgam no papel
em branco.

As lágrimas de saudade
são como o ácido
que queima
o mais forte ferro.

Minha existência
às vezes enfadonha,
anda descrente da indeclinável felicidade.

Não creio que exista verdadeiramente.

A cada canção que ouço,
me embriago
da mais dolorosa melancolia.

O choro se fez melodia.

O dedilhar no violão
das memórias
me ajuda a levantar-me
de qualquer luta
mais garrida e enérgica.

O libertar-me
é a imensa busca
quando abro os meus olhos.

Já não tenho tempo
de sofrer explicitamente
pelo passado.

O sofrimento me acompanha,
mas, nesse momento,
é o combustível
para a engrenagem
da minha vida,
muitas vezes,
tórrida e,
inclemente,
concomitante,
tolhida,
porém,
coloridamente em cinza,
é, intensamente, vivida.

Laila Angelica Moraes



Nasceu em Votuporanga-SP. Graduada em Letras: Português/Espanhol e Pedagogia na Unifev (Centro Universitário de Votuporanga) e História na UniCV (Centro Universitário Cidade Verde). Professora de Língua Portuguesa e Espanhola, Pedagoga, Pesquisadora, Revisora e Escritora. Especialista em Metodologia de Ensino de Língua Inglesa e Espanhola, Gestão Escolar, Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Educação Especial, Alfabetização e Letramento. Tem textos publicados nas Revistas Mal-larmargens, Ruído Manifesto e Sucuru. Coautora em Antologias pelas Editoras Chiado Books, Patuá, Expressividade, EHS Edições, Mente Aberta e A Arte da Palavra. Autora do livro de poesias “Poememórias” (2021) pela Editora Expressividade. Acadêmica Efetiva da Sucursal da ACILBRAS em Votuporanga, Membro afiliada da ABRESC, Acadêmica Correspondente da Nalap (Núcleo Acadêmico de Letras e Artes de Portugal) e Acadêmica da ALIPE (Academia Literária Internacional de Poetas e escritores).



MARCAS DO INEVITÁVEL

Cá estou eu a questionar o hoje, o agora
Imersa nas lembranças de um tempo
Embora hostil, atrevido, cheio de sofrimento
Não roubava de mim a juventude audaciosa.

Olho-me no espelho da vida. O que vejo?
Cores cinzentas de um olhar cansado
Passos lentos, fôlego curto, inércia. Solidão? Talvez
Experiências passadas. Consideradas? Obsoletas.

Pesados fardos, do acúmulo da idade. Jornada encerrada
Marcas profundas desfiguram o corpo, já sem vaidade
Não! A mente é brilhante, destila ideias!
Se consideradas, enriquecem, somam, afagam.

Cá entre nós, pensem como quiserem
Privilegiada sou, por chegar onde estou
Teci ricas histórias, contribuí, deixei um legado
Decidi por ser feliz, ser livre, amada.

Por mais que seja difícil, limitada
Fiz opção pela vida, pelo amor, pela fé
Com a ajuda de Deus, caminhando eu vou
Driblando a doença, escrevendo meus versos, até quando Ele quiser.

Sinto-me jovem, com os cabelos brancos, idade avançada
Não me falta coragem, nem inspiração
Sou linda, simpática e muito educada
Vivo o momento, sou musa apaixonada.

Sirlene Maria da Silva Ferreira



Sirlene Maria da Silva Ferreira, é brasileira, nascida em Minas, residente em Taguatinga, DF. É professora, psicopedagoga, formada pela Universidade Católica de Brasília. Já atuou com Formação de Professores, Alfabetização e em Sala de Leitura, com Projetos Literários. É contadora de histórias, poeta e escritora. É coautora de diversas antologias e concursos literários. As mais recentes antologias que participou são: No Labirinto da Depressão, organizada por Monique Machado, do Livro não me livro e Terceira Coletânea da Academia Cruzeiroense de Letras – ACL, da qual participa, pelos dez anos de contribuição com a arte e cultura do DF. É autora do Livro, Poemas da Alma que se Cala, pela Artletras Editora. E-mail: enelris.maria@gmail.com|@sirlene_maria_poeta |www.youtube.com/@sirlenemariadasilvaferreira1298.

PROSA



O PÁSSARO, A LAGARTA E O MENINO

— Conte-me uma história... — ela me encarou com aqueles olhos cheios de vida.

— Era uma vez... — comecei.

— Sério que você vai começar a contar essa história com "era uma vez"? — ela me olhou como se esperasse uma resposta lógica, mas na verdade eu não tinha.

— Não tenho outra forma de contar. — admiti e ela pareceu entender.

Era uma vez, um pássaro azul e pequeno, que amava o céu, amava a sua liberdade e tudo o que essa sensação lhe permitia, mas ao mesmo tempo esse passarinho invejava os outros pássaros que nunca estavam sozinhos.

Ele passou a se questionar sobre o assunto e se um dia amaria e seria amado de volta.

Um dia ao pousar próximo a um lago se sentou próximo a uma lagarta, que intrigada com suas lamentações se aproximou.

— Dia difícil pequeno amigo azul? — ela questionou e parecia realmente interessada em saber, mas não apenas por curiosidade, mas na intenção de acolher aquele até então desconhecido.

— Acredito que tem sido uma existência difícil. — ele confessou um pouco envergonhado.

— Você tem o céu inteiro, quando algo fica difícil você pode partir. — a lagarta respondeu e ele lhe encarou.

— O que adianta voar sem destino? — perguntou o passarinho.

— E onde você queria estar? — ela parecia cada vez mais intrigada.

— Para ser sincero, eu não sei. — ele disse triste, se encolhia em suas penas de tom azulado. — O que você sabe sobre o amor, diga-me pequena lagarta — ele quase implorava.

— Eu não sei muito sobre amor, mas me disseram que um dia eu descobriria, mas antes eu teria que me amar e nunca aceitar menos do que eu merecesse. — ela confessou e agora parecia tão envergonhada quanto o novo amigo.

— Posso ficar um pouco por aqui? — ele perguntava e ela lhe encarava sem entender o motivo dele não querer voar, sendo que era uma das coisas que ela mais esperava.

— Claro, mas cante algo. — ela sugeriu.

— Sinto que estou triste demais para qualquer cantoria. — ele resmungou.

— Uma vez me disseram que pássaros tristes cantam, afaste seus males com seu canto. — ela explicou e ele começou a cantar, era esplêndido, o canto mais lindo que aquela nova amiga havia escutado.

Alguns dias se passaram e eles ficaram muito amigos, pela primeira vez ele não se sentia só, ele voava, mas sempre voltava e contava a sua parceira como era o mundo lá de cima.

— Um dia terei essa sensação... — ela contou e ele não levou muito a sério.

O tempo foi passando até que um dia ele sentiu que precisaria partir, seguir o seu destino, eles sempre falavam como o mundo era grande e merecia ser explorado.

— Chegou a hora de partir, mas não quero que seja uma despedida. — ele falou para aquela que agora já era tão íntima.

— Sentirei sua falta, mas fico feliz por ter te conhecido. — ela disse e parecia entender que este era o ciclo.

— Será que nós nos veremos outra vez? — ele questionou enquanto também se questionava sobre essa possibilidade.

— Talvez, mas possa ser que você nem me reconheça, eu não serei a mesma por muito tempo, mas espero te encontrar e por favor pequeno amigo, nunca deixe de cantar. — ela disse e em poucos segundos ele partiu.

Mesmo sem ter as respostas que tanto buscava, ele voava e cada vez mais se distanciava de seu ponto de partida, até que em um dia daquele mesmo verão, se bem me lembro, no mês de dezembro, ele pousou num abacateiro, cheio de frutos, mais ainda impróprios para consumo.

Neste mesmo abacateiro ele avistou outros pássaros, alguns eram casais e se amavam naquela manhã quente e ensolarada.

O pássaro então viu uma bela ave, tão azul quanto ele, bem na sua frente, de primeira ele parecia estar zangado, pois tudo o que fazia aquela desconhecida ave fazia igual.

Dias se passaram e ele voltava, repetia todo o ritual, ele não entendia o que fazia para que seus passos fossem copiados, ele então fazia de tudo para chamar a atenção daquela imagem desconhecida, enquanto todos os outros pássaros tanto olhavam, ele cantava, bicava, batia as asas, mas sentia como se algo lhe separasse do que via.

— O que você olha com tanta admiração menino? — perguntou a borboleta verde e preta que voava baixinho.

— Aquele pássaro azul todos os dias voa em direção aquela janela espelhada e eu não sei se ele está brigando com a própria imagem ou se ele se apaixonou por ele mesmo sem nem saber. — o menino com cabelo de cuia respondeu.

— Sabe menino, eu acredito que seja as duas coisas, eu não entendo bem o que se passa na cabeça dele, mas ele queria amar e ser amado. — a bela borboleta disse enquanto batia suas asas.

— Vocês se conhecem? — o menino perguntou enquanto tirava a franja dos olhos e admirava aquela doce criatura.

— Há muito tempo, poderia até dizer que isso foi em outras vidas. — ela contou.

— O que há de errado com ele, todos os dias ele volta e faz a mesma coisa. —

o menino indagou cheio de inocência e doçura que só uma criança poderia ter.

— Muitas vezes buscamos tanto o amor que deixamos nos enganar pelo o que os olhos podem ver, ele nunca se viu de verdade, apenas voava sem rumo e não prestava atenção nem no próprio reflexo, então quando finalmente passou a se enxergar, se apaixonou, ele tem razão para isso, mas poderia ser diferente. — ela explicou e o menino parecia confuso.

— Minha mãe diz que devemos nos amar, ele está errado em se amar? — ele falou e a borboleta entendeu o que precisava dizer.

— Devemos saber como amar, a nós mesmos e aos outros, o amor machuca se não for da maneira correta, não há uma fórmula, mas há medidas. — explicou enquanto voava ao redor da criança.

— Então por não amar direito ele está se machucando? — agora o pequeno garoto parecia entender, a borboleta então pousou no seu ombro e descansou.

— Esse pássaro tem o canto mais lindo que eu já ouvi, mas nunca se ouviu até que alguém lhe dissesse o quão bom ele era, ele amava a liberdade, mas agora está preso numa relação na qual só ele oferece algo, ele deveria se amar, mas entender que o amor e a liberdade andam de mãos dadas, no caso dele, voam de mãos dadas. — ela explicou.

— Vocês ainda são amigos? — o garotinho perguntava como toda criança curiosa.

— Acredito que ainda somos. — a borboleta respondeu.

— Então por qual motivo você não salva ele? — agora o menino parecia estar triste com aquela situação.

— Não podemos salvar aqueles que não se enxergam em situação de perigo. — ela começou a voar e estava prestes a partir.

— Vamos nos ver outra vez. — ele fez a sua pergunta antes que ela partisse.

— Eu não sei, mas estou feliz por ter te conhecido, só me prometa não ser como esse pássaro, sempre se veja como alguém digno do amor que você merece e tanto oferece. — ela quase implorou para que ele promettesse.

— Eu prometo. — ele respondeu e ela então partiu.

Todos os dias o menino observava o pássaro azul enfrentar o seu reflexo no vidro, até que um dia ele cantou e a borboleta tinha razão, era um canto lindo e depois disso o passarinho voltava dia após dia.

— Como você sabe disso? — a jovem moça de olhos castanhos me questionou por fim.

— Eu era o menino. — contei.

— E o pássaro, como ele está? — outro questionamento e agora ela estava intrigada.

— Nunca mais ouvi o seu canto e nunca mais lhe vi por aqui, espero que ele tenha aprendido a lição e tenha sido feliz. — respondi enquanto ela se aninhava em meu colo debaixo daquele mesmo abacateiro.

Foi ali que eu havia aprendido uma lição tão importante sobre amor, liberdade e vida, eu amava aquela garota, mas só amaria enquanto fosse diferente do amor que vi o pobre pássaro viver.

Juan Alonso



Juan Alonso, Salvador – Bahia, além de escritor também é psicólogo e fotógrafo, e sempre recorreu à arte como forma de expressão. Foi escrevendo que criou um mundo particular que sempre foi seu refúgio. Inspirado em grandes histórias de amor e comédias românticas que acompanhava em novelas, séries, filmes – e claro, livros! – agora compartilha suas próprias narrativas, abordando temas e histórias que cativam os leitores. É autor dos livros *Esmeralda* e *Celestial*, romances ambientados nas décadas de 50 e 70, respectivamente, ambos lançados em 2023. Acompanhe o autor em suas redes sociais ([jualonso07](#)).



O VELHO

Ao encarar as mãos espalmadas, repletas de manchas e enrugadas, um pouco trêmulas, as unhas curtas e com irregulares pontos de terra de um marrom alaranjado acumulados no subterrâneo daquelas, na intimidade da carne rosada, não pode deixar de se surpreender: já era um ancião! Há uma semana Maria, sua esposa e companheira de trinta anos de convívio, havia falecido.

Ele havia se acostumado com seu silêncio e olhares furtivos. Era uma sombra sempre presente. Mãe de seus quatro filhos, já adultos e criados, cada um em um canto do vasto mundo. A que vivia mais próximo era Marilda, numa cidade vizinha, São José Padroeiro. Mas não sentia falta dos filhos, nem tampouco de Maria. Fora gentil com ela, nunca a traiu nem deixou de apoiá-la, suprimindo suas necessidades materiais. Já o coração era seara que não dominava. Em seu íntimo, o que suspeitava experimentar era a falta de se achar ser vivente, como percebia ao olhar para ela: Joana. Sempre Joana, a que amou.

Engraçado, não deixava de ser, pensar nela justo nesse momento com os passos um pouco trôpegos, os cabelos enevoados, o corpo curvado pela labuta de anos sob o sol tórrido, recebendo a chuva, lufadas de vento, carregando inúmeros pesos, dia após dia. Mas era essa a realidade. Dentro de si não envelhecia. Era ele mesmo, Aparecido, idêntico ao rapaz que havia enlouquecido de amor pela moça Joana, a filha do dono da mercearia do Bairro das Flores, o mais próximo das terras que habitava, em zona rural.

Talvez ela houvesse sentido algo por ele, não sabia ao certo. Como ter certeza diante da distância da memória que o tempo nubla, à míngua de verbalização por parte dela? Sempre se perguntou se sua adoração não

derivaria, em parte, da negativa da oportunidade ou do desafio que a proibição enseja, uma típica obsessão. Mas após todo esse tempo, milênios transcorridos em sua alma morta e ressequida como a vastidão do território árido que seus olhos alcançavam para além das roças irrigadas, parcas se comparadas como eram no passado – nos tempos modernos muita gente havia deixado o campo para viver de auxílios governamentais ou aposentadorias dos idosos, tolerados por esse motivo nas casas que eles mesmos construíram – bem sabia, aquilo não era invenção. Era a sua capacidade de amar Joana. Apenas a amava e sentia uma saudade imensa de sua presença. O riso fácil. A voz suave. O jeito de colocar os cabelos atrás das orelhas.

Como estaria hoje? Certamente não era mais a menina graciosa, de quadris largos e busto firme, de cabelos ondulados castanhos na altura dos ombros e olhos que sorriam para ele quando o viam. Olhos que guardavam a luz do dia e tinham a profundidade dos poços escuros que salvam toda a gente quando calor não dá trégua alguma e tudo é morte, falta, fome. Para ele a ausência de Joana é que traduzia a aniquilação. Não conseguiu sequer pedi-la em namoro. Seu Ambrósio, o pai de Joana, ao perceber o interesse recíproco entre ambos e a verdadeira energia que emanavam como corpos magnéticos que teimam em se aproximar, não pestanejou e mandou a filha para São Paulo estudar e trabalhar com os tios, que eram feirantes. Sequer conseguiu localizar seu paradeiro. Aparecido era um Zé Ninguém. E homens assim eram desconsiderados do livreto que registrava a lista de pretendentes valorosos que o merceiro certamente guardava no interior de alguma gaveta com a madeira empenada de sua escrivaninha carcomida.

Naquela época telefone em casa era raridade, ainda mais onde vivia. Era pobre, do campo, não tinha estudo. Desmereceu-se tanto que não pode deixar de concordar com o pai de seu alvo de incontida estima. Inominável

estima. Dor no peito sentida uma vida inteira de vazio, ausência, marasmo e triste solidão.

Casou-se com Maria porque os pais arranjaram. Não era bonita, mas era honesta, trabalhava muito e não o perturbava. Era uma mulher quieta e sem graça. Mas talvez e só talvez o problema consistisse em Maria não ser Joana, nada além. Bem se lembra, Joana vibrava, conversava, contava anedotas, tinha alegria em existir e ele apenas desejava a sua companhia, ouvir sua voz e sentir o toque de suas mãos na face. Aquilo já era mágico. E não, não estava absolutamente em devaneio. Joana fazia com que Aparecido se sentisse à vontade, agindo com espontaneidade. Ela não era sombria. Ouvia o que ele falava e contava de si e o transcorrer de sua semana. Um pouco dos seus sonhos. Dizia que queria morar em uma cidade no litoral, mesmo que chovesse muito no inverno, porque levantar e olhar o oceano mesclado de azul e verde, ora brilhando como se tivesse estrelas alvas em seu corpo flutuante, ora acinzentado por mudar de humores, devia ser um luxo. Aparecido apenas lembrava o quanto queria dar àquela linda menina tudo o que ela ousasse imaginar. Claro, se assim conseguisse, mas a queria tanto, se tivesse a chance, talvez lograsse sucesso. Quem sabe fosse um político, por que não? Teria se esforçado para ser alguém na vida. Alguém diferente, se era isso o que contava para o pai de Joana e bem sabia, em sociedade o que valia era o dinheiro e o sucesso. Doutor com estudo seria difícil. Mas doutor por relacionamentos e condições financeiras, talvez.

Soube, meio por acaso, muitos anos depois de haver se casado com Maria e isso através de uma prima de Joana que encontrou na saída da igreja na missa dominical, que Joana havia se casado com um comerciante, lojista de tecidos, algo não tão diferente para Aparecido considerando que a atividade negocial já era o ramo de trabalho e sustento da família da moça. Na sua mente, para aquele homem perverso e ambicioso, o

pai de Joana que a afastara para sempre do alcance de seus olhos mas não de seus sentimentos, a remessa da filha como mercadoria para São Paulo devia render, no mínimo, um dentista. Ou advogado. Médico, talvez. Só sabia que Joana foi o amor da sua existência e ainda era, em sua alma que não envelhecia e não a esquecia, como uma espécie contraditória de castigo e dádiva impostos, perenemente. Uma dor secreta e que não cedia. Não era a tristeza que o incomodava. Era na verdade o se conceber morto por dentro. Com Maria, saboreou sentimentos fraternais e de culpa por compreender sua incapacidade de amá-la como mulher.

Saiu de casa, após esgotar o conteúdo de um copo de água do filtro de barro, com frescor indissociado da transparência. Foi para a roça carpir pois o trabalho árduo haveria de lhe distrair e afastar o peso daquelas lembranças. Daquela saudade infinita. Após trabalhar mecanicamente, decidiu descansar na sombra do umbuzeiro. Uma lassidão gigantesca o abraçou. Sentou-se sob a sombra, escorando as costas no tronco da árvore. Fechou os olhos. E a imagem que surgiu à sua frente foi de Joana com um meio sorriso, encantada com o singelo buquê de flores brancas de angico que havia lhe ofertado, trinta anos antes, no último encontro que tiveram na praça pública próximo ao coreto, não distante da casa dela. Aparecido nunca mais tornou à rua em que Joana morava nem frequentou o estabelecimento de sua família. Havia ouvido dizer que o irmão mais velho dela transformara a mercearia em um supermercado de bairro, bem-organizado e equipado, com uma padaria nos fundos do prédio comercial.

A noite foi difícil, salpicada de pesadelos repetitivos, com a mesma conotação de perda, abandono, rejeição. E o rosto de Joana. Seus lábios pintados com batom cor de rosa. Suas mãos delicadas e mornas. Saudade era o que sentia.

Acordou, como sempre, às cinco horas da manhã, ainda sob o manto da escuridão, ouvindo o galo cacarejar, afirmando sua autoridade sobre o

território teimosamente. Passou o café, cozinhou batata doce e a engoliu com manteiga. Resolveu, de modo inusitado para si mesmo, levar-se para passear no final do dia na cidade, próximo à casa de Joana e da antiga mercearia. Era imprescindível encarar de frente os próprios cadáveres para se curar das dores que o atormentavam há tanto tempo. Pior do que já estava, pouco provável seria ficar.

Se viu meio apático defronte ao supermercado “Maravilha”, sucedâneo da primitiva mercearia do pai de Joana, de banho tomado, camisa limpa, calça cáqui que usava para ir à igreja e as botinas menos gastas, guardadas para ocasiões comemorativas, às 18:00 horas. Nem ele compreendia bem o que estaria fazendo ali, mas lhe pareceu imperioso o procedimento numa tentativa quase desesperada de estancar a saudade que lhe corroía por dentro. Estava absorto nesse pensamento quando uma voz conhecida, feminina, o chamou. Virou-se meio assustado, em direção ao som. Uma mulher de não mais de setenta anos com cabelos curtos, grisalhos, brincos perolados, vestido branco com flores coloridas, usando sandálias, ampliou os olhos sorridentes mirando os olhos dele. Era Joana.

Conversaram efusivamente, compartilhada a alegria do reencontro. Joana estava morando na cidade há dois anos, resolveu deixar o sudeste e retornar às origens para perto de sua mãe em idade bastante avançada, a fim de cuidar da mesma. Estava viúva, tinha dois filhos casados, três netos e estava muito feliz em ficar perto da família e dos amigos de sua mocidade pois sentia-se solitária morando em um apartamento na metrópole. Aparecido atualizou-a sobre os rumos de sua vida, a recente viuvez, os filhos e netos. E surpreendendo-se consigo mesmo, libertou as palavras que retinha em seu coração há tanto tempo.

-Que saudade de você, Joana! Eu não te disse mas sempre te amei.

Embora ela haja enrubescido levemente, apoderando-se da liberdade que a maturidade traz em não se pautar pela crítica alheia para assim experimentar a felicidade, respondeu:

-Eu também.

E os idosos sorriram um para o outro como se estivessem juntos há tempos imemoriais.

Não mais se separaram.

LUCIANA SIMON



Luciana Simon de Paula Leite, paulistana, juíza de direito há 32 anos no TJ/Sp. Colunista da revista digital Magis no tema direito das mulheres, tem contos publicados, textos em livros jurídicos e três romances publicados: *Para Nossas Meninas*, 2021, Editora Autografia, romance sobre violência doméstica com orientações jurídicas; *Posso te Pedir uma Coisa?*, 2024, Edit. Lumen Júris, romance sobre adoção tardia, contendo orientações técnicas; *Jenipapo*, 2024, romance (ficção inspirada na vida e obra de Giovanni Gallo), editora Artera. Rede social Instagram @l.sleite.



O FOGO CORREDOR

A cada dia que passa, estamos perdendo um pouco da nossa cultura sertaneja, nosso folclore, nossas lendas, especialmente as do Nordeste brasileiro. Encontrei neste grande canal de comunicação, a RA – Revista Autorretratos, que oferece aos escritores, poetas, artistas, contistas e demais a oportunidade de colocarem um pouco de sua alma, os conhecimentos adquiridos através do boca a boca, as lendas de sua terra. Em cada região do nosso Nordeste brasileiro, encontramos suas histórias e suas lendas, contadas por seus habitantes, uma cultura transmitida de geração em geração – a força do boca a boca.

Nesse relato falaremos do “FOGO CORREDOR”, uma das muitas histórias que faz parte da nossa cultura sertaneja, o Fogo Corredor, não é visto nas cidades, ele aparece em lugares pouco habitados, onde há muito mato, este apavora e afasta muitos moradores de suas casas, onde se avista um “Fogo Corredor” a notícia, logo se espalha por todos os povoados vizinhos, e vira uma polêmica, torna-se até um tema de pesquisa, muitos moradores começam a investigar os compadres e as comadres que morreram naquela região, segundo a lenda, se o compadre e a comadre tivessem um romance às escondidas, e um deles morresse, sua alma vinha de encontro ao outro, a noite enquanto o encarnado dormia, o desencarnado aparecia em determinado local próximo onde o outro continuava morando, os seus espíritos se encontravam, ficavam frente a frente um para o outro, se batendo e soltando faísca de fogo, eles pousavam sempre em árvores, e mudavam de lugar, mas sempre naquele mesmo circuito, tudo ali ficava queimado, pois o “Fogo Corredor”, eram duas bolas de fogo, visível a olho nu, para quem tivesse coragem de ver.

O assunto principal de um povoado, era quando aparecia nas noites escuras do sertão, um “Fogo Corredor”, começavam os boatos a respeito do compadre ou da comadre, que eles tiveram um caso, e davam o nome de alguém que muitas vezes era inocente, essa criatura passava a ser vigiada e até temida, faziam campanha para ver se a comadre ou compadre estavam mesmo dormindo, muitos perdiam o sono, mesmo inocentes como medo das acusações.

Se por ventura acordassem o suspeito e “Fogo Corredor”, parasse de voar, não havia dúvidas, era a tal pessoa o par do “Fogo Corredor”, e por infelicidade, às vezes, as duas bolas de fogo davam um tempo, não apareciam, mas aí a sentença já havia sido concluída.

Muitas comadres, que haviam praticado o adultério com o seu compadre, isso não era comum, mas haviam casos que o compadre na desculpa de ajudar o compadre mais pobre, mantinha relações amorosas com sua comadre, e ao desencarnar o amante, a mulher temerosa do castigo, de virar “Fogo Corredor” fugia, deixando marido e filhos para trás, ia embora para bem longe, muitas vezes trabalhar em casa de família nas grandes capitais, filhos que cresciam sem mãe, um marido revoltado que também não tinha mais condições de viver naquele local.

Muitos lugares foram abandonados, terras que ficaram perdidas, pois ninguém comprava terra onde apareciam “Fogo Corredor”.

Muitas famílias foram destruídas por causa do “Fogo Corredor”, pois se acusavam, principalmente as mulheres de adultério com os seus compadres, e os maridos, acreditavam mais no “Fogo Corredor”, do que em suas mulheres, essas pobres e infelizes mulheres passavam a viverem em situações humilhantes, por causa da “abençoada língua” do povo. E quando corre o boca a boca, as histórias se espalham como farinha em redemoinhos, diziam os sertanejos.

Alguns casos, quem salvava essas criaturas eram os padres de bons corações, de vez em quando vinha um padre no povoado, rezar missa e ouvir os fiéis em confissão, o padre ouvia aquela infeliz, e se sensibilizava com a injustiça do qual ela foi acusada, ele dava um jeito de arrastar o marido dela ao confessionário, para também se confessar, e ali no confessionário, convencia o marido a perdoar sua esposa que diante de Deus, ela era inocente e digna de continuar sendo sua esposa, no confessionário e em confissão, o padre não pode tomar nenhuma decisão, mas no confessionário, ele tem autoridade em advogar as causas de justiça de todos os filhos de Deus.

O fogo corredor tirava o sono de muita gente no sertão, e suas histórias se espalhavam, em cada povoado que aparecia um “Fogo Corredor”, surgia uma nova história, nas bodegas o assunto entre os homens, era um só: “O FOGO CORREDOR”, enquanto ingeriam sua cachaça, discutiam a possibilidade de ser um dos compadres que falecidos recentemente estava voltando.

Um caso que gerou muitos falatórios foi de uma mulher que era sonâmbula, uma moça muito bonita que casou com um rapaz de outro povoado vizinho, e ela e a família por vergonha, pois ali ninguém conhecia esse fenômeno, nunca falaram para o rapaz, que ela levantava e andava dormindo. Ela só dormia com a porta do quarto fechada a chave, tirava a mesma e escondia. Se levantasse dormindo não teria como sair.

Assim que a mulher engravidou, o marido propôs a esposa, convidar o patrão para ser o padrinho da criança, assim que a criança nasceu, o padrinho se aproximou do afilhado, enquanto o seu empregado trabalhava cuidando de suas terras, o compadre ia visitar o afilhado, levando um presentinho e dando um dinheirinho para comadre, logo, a comadre ficou caidinha pelo compadre, não era normal, mas houve muitos casos semelhantes por ali, os compadres guardavam seus segredos.

Um belo dia o compadre passou mal em sua mesa sempre farta, teve um ataque cardíaco, vindo a falecer. Por castigo surgiu um novo Fogo Corredor, e os falatórios explodiram, e logo a comadre que já vinha sendo suspeita e mal falada entre as lavadeiras nas beiradas dos tanques, se tornou o foco de todos os pontos de encontro.

A moça não conseguia dormir atormentada pelo medo e pelo remorso que consumia a sua alma. Já tinha pensado até em morrer para não ter que carregar aquela culpa, o marido não a procurava mais, vivia em silêncio e não ia mais à bodega, como costumava fazer, por certo era vergonha.

Aquela noite, de tanto cansaço, a moça adormeceu e não lembrou de fechar a porta a chave, levantou-se e saiu, foi andando até a porteira que dava entrada a sua casa, dois moradores a avistaram e saíram correndo chamando a vizinhança mais próxima, a comadre estava indo ao encontro do compadre, não restava mais nenhuma dúvida.

Acordada, se deparou com as pessoas formando um círculo a sua volta, rezavam o CREDO, faziam o sinal da cruz, o marido com olhos estagnados olhava pra ela, e ali mesmo diante de todos, ordenou que ela não iria mais entrar em casa, desaparecesse imediatamente do povoado, ou ele iria matá-la na frente de todos.

Uma alma generosa pediu a ele que permitisse ir até a casa dela para pegar alguma roupa, e um calçado para infeliz que estava descalça e de camisola.

Ele permitiu, pedindo que fosse breve, aquela moça desapareceu estrada a fora, diziam que ela pegou carona com um caminhoneiro que andava de norte a sul. A verdade é que ela desapareceu.

Um caso no mesmo povoado, que assombrou os moradores mais velhos, eles se reuniram e acharam por bem, ir até o bispo na cidade mais próxima e pedirem para vir um padre, sobre o cemitério local, apareceu

um Fogo Corredor, como jamais se tinha visto, as cruzes da madeira que determinavam a cova dos mortos, muitas estavam queimadas, e o medo dos moradores era que essas almas demoníacas, do “Fogo Corredor”, víssemos bichos e começassem a devorar as pessoas, era a conversa que rolava de ponta a ponta do povoado.

O padre veio, rezou a missa pelos mortos, e apaziguou os moradores, em poucos dias apareceu um grupo de pesquisadores e começaram a colocar aparelhos e equipamentos nas redondezas onde costumavam aparecer os “FOGOS CORREDORES”.

A Petrobrás, montou os seus cavalos de pau, livrando os espíritos dos castigos do adultério e os vivos do medo, das injustiças e da pobreza, os povoados passaram a ter muitos recursos, abriu muito emprego e muitas famílias, mães e filhos, separados pelo Fogo Corredor, se reencontraram, onde corria o Fogo Corredor, hoje, corre Petróleo e seus derivados.

E hoje os mais velhos falam: O maior inimigo do homem é ele mesmo... Na sua ignorância, só vê o lado ruim da coisa, e muitas vezes, cria inimigos que não existem, demoram para descobrir a verdade, por isso é muito bom, ter cautela no julgar, pois nem tudo que a gente ver é verdadeiro e nem tudo o que gente ouve também é verdadeiro.

Ainda hoje, os “Fogos Corredores”, aparecem em algum lugar do sertão, e já não causa tantos estragos familiares, os compadres e as comadres hoje em dia tem mais medo das câmeras. Do que que do “Fogo Corredor.”

Maria Nazareth Doria



Sou jornalista e escritora, tenho 21 livros publicados, 6 deles traduzidos em espanhol, acumulei muitos prêmios e títulos, sou vencedora de alguns concursos literários, contos e poesias, inclusive um na cidade do Panamá, recentemente recebi a Medalha Cinquentenária da ABFIP- Associação Brasileira das Forças Internacionais da Paz, prêmio NOBEL da Paz de 1988 à 2002, essa medalha é outorgada pela ONU. Apresentei por 3 anos consecutivos o programa RAIZES INDÍGENAS (sou descendente indígena).



A ESCRITA INADIÁVEL

Acordei hoje com a nítida sensação de que as palavras estavam me espiando. Não era paranoia, elas estavam ali, empilhadas no canto do quarto, como caixas de mudança que ninguém quer abrir. “Hoje é dia de produzir algo grandioso!”, gritaram em coro. Mal sabia eu que, na vida de uma escritora, a grandiosidade tem prazo de validade. E ele é diário.

Sentei-me diante do computador, a caneca de café emitindo fumaça como se fosse uma locomotiva que me arrastaria até o próximo parágrafo. O cursor piscava na tela, um cronômetro silencioso marcando o ritmo da minha procrastinação. Mas não havia espaço para desculpas: uma escritora que não escreve todos os dias é como um açougueiro sem faca, um nadador sem água ou – ousar dizer – um influencer sem Wi-Fi.

Lá fora, o mundo parecia conspirar contra minha missão. O vizinho decidiu cortar a grama (ou talvez estivesse testando um novo motor de avião). O gato miava como se estivesse ensaiando para uma ópera trágica. E o vento, esse rebelde, insistia em fazer uma sinfonia particular com as folhas da janela. Era quase poético, se não fosse irritante.

Pensei em desistir. Afinal, quem decretou essa obrigatoriedade de escrever todos os dias? Um conselho literário? Um influenciador motivacional? Talvez algum escritor falecido, que agora, do além, ri da nossa tentativa de seguir sua disciplina. É irônico como insistimos em domesticar a criatividade, essa fera selvagem que aparece quando quer, geralmente no banho ou durante o almoço.

A ironia maior, contudo, é que as palavras não perdoam. Elas te perseguem, insensíveis às suas dores de cabeça, ao cansaço acumulado ou ao dia ruim. Querem ser domadas, moldadas, cuspidas no papel, como se sua existência dependesse disso, e talvez dependa.

Depois de muito tentar, escrevi uma frase. Não era genial, mas estava lá, piscando na tela com um ar de superioridade. Olhei para ela como quem observa uma planta crescer: com descrença e um toque de orgulho. "Pronto", pensei. "Escrevi hoje. Estou salva do tribunal literário."

Mas as palavras riram de mim. Uma frase só? Para quem escreve, isso é como tomar uma colherada de sopa e chamar de banquete. Elas me provocavam, desafiavam: "E amanhã? Vai fugir de novo?".

Suspirei e fechei o notebook. Talvez a vida de escritora seja isso mesmo: uma dança entre obrigação e inspiração, onde a ironia faz o papel de par constante. Afinal, não é engraçado como passamos a vida tentando capturar a imensidão do mundo em pequenas palavras só para depois deletá-las?

Thaísa Pinto



Thaisa Pinto nasceu aos pés da Serra da Mantiqueira e vive em Passa-Quatro, Minas Gerais. Professora de língua portuguesa e espanhola, encontra nas palavras um caminho para compreender e expressar a vida. Mineira de coração e essência, compartilha seus escritos com delicadeza, transformando sonhos distantes em conquistas reais. Conheça o trabalho da autora aqui: (@atelièdeversos) <https://www.instagram.com/atelièdeversos?igsh=MXFtbzZteTIzdmVtNg==>.



AMOR COM FLORES

Eu nunca vi pessoalmente, nem senti o odor, nem toquei uma das flores que mais me encantam: a *Nymphaea Nouchali*, ou a flor de lótus, considerada um símbolo budista de pureza espiritual. Essa flor, apesar de sua beleza, como parte do seu ciclo natural, desabrocha em águas lodosas. Durante a noite, suas flores se fecham e submergem, mas quando os raios solares incidem novamente, as pétalas se abrem e elas reaparecem. Dentro da espiritualidade, este percurso da lama à luz simboliza pureza, renovação e vida eterna.

Eu tenho algumas tatuagens de flor de lótus e farei outras. A simbologia do renascimento e a delicadeza com que se comporta seu ciclo (a planta procura águas rasas para que suas raízes se fixem na lama, enquanto o caule permanece na água e as pétalas na superfície) são, para mim, fonte de inspiração e sabedoria.

Essa leveza de pairar sobre a água é a mesma que procuro... eu me vejo na flor de lótus, pois minhas raízes, embora estejam em águas cristalinas e límpidas, foram germinadas na lama, nas dificuldades que cercam a vida de quem é intenso e se importa demais. No Egito antigo, devido ao seu ciclo solar, a flor de lótus representa o nascimento e renascimento. Segundo a ciência, suas sementes podem ficar até 5 mil anos em estado de dormência até que se encontre em condições adequadas de umidade e temperatura para germinar. Por isso ela também é sinônimo de longevidade.

Eu amo a analogia da vida com o ciclo dessa flor... a beleza, a leveza, podem vir dos mais profundos lamaçais de dor e sofrimento pelos quais já tenhamos passado. Cria-se uma resistência, uma insistência em permanecer magnífica na superfície, em se mostrar à luz do sol, mesmo atrelada à

lama! Quando se gosta de flores, o primeiro ímpeto é arrancá-las, embalá-las num buquê, mantê-las num vaso... é diferente com a flor de lótus. A beleza dessa flor reside em deixá-la seguir seu ciclo, naturalmente. Do contrário, ela teima, não se abre, não sobressai sua magnificência de cores. Fora do seu habitat natural dura apenas 48 horas. Não, essa flor não serve aos desejos de noivas para enfeitar buquês efêmeros, nem para ornamentar lares em vasos. Ela serve à apreciação natural, em meio à calma e silêncio.

Depois de um tempo, eu percebi que há uma certa semelhança dos bons relacionamentos com a flor de lótus: prezam a longevidade em detrimento das efemeridades; aguardam pacientemente condições confortáveis para germinar, desabrochar e fincar suas raízes; embelezam a vida dos que sabem apreciar suas singularidades; perfumam os espaços...tornam-se raros e desejados.

Viver o amor tem de ser assim, com leveza e maturidade. Longevidade e calma... apreciando o que há de belo no outro e se mostrando à luz do sol, límpido e cristalino, ainda que toda quietude tenha sido construída no fundo de águas argilosas.

Todavia não ser apenas calmaria, mas como a sensação lúbrica que causa o perfume das flores, inebriar e conduzir ao amor lascivo e impetuoso.

Viver o equilíbrio entre mostrar-se e recolher-se, submergir e emergir das aflições com brilho e beleza, permanecer com naturalidade e simplicidade e ao mesmo tempo ser singular... amor com flores, é o cenário perfeito para viver feliz.

Viviane Cardoso



Sou Viviane Cardoso, nascida nos anos 80, 43 anos, divorciada, mãe de 3 filhos. Sou professora de Inglês e português há quase 20 anos. Dou aulas para adolescente e adultos. Nasci no Distrito Federal, moro há 23 anos em Formosa, Goiás, entorno de Brasília. Sou uma apaixonada pela lua, por viagens, idiomas, música e arte. Sempre em busca de algo que desperte as emoções. Estou me aventurando no mundo da escrita com o incentivo dos amigos e alunos que leem meus textos e apreciam. Escrevo para manifestar um pouco da criatividade e emoção que possuo e para dividir a profusão de sentimentos que tenho em mim.



QUE NEM KATRINE

Olhos que olham e não veem, mesmo de frente ao espelho, aquela menina melancólica, procurando suas dádivas...

Procurando vida para além daquele autorretrato, fechada, imóvel, numa busca incessante por cada imperfeição!

— Que parva! — desabafava Katrine. — És perfeita! Ainda não consegui entender o que tanto procuras nesse espelho.

Mas... aquela menina não olhava o espelho, ela nem conseguia ver o que via nele.

— Katrine insistia: — Anda, vamos ver o mar. Vamos tomar um sumo de laranja ou nadar. Quem sabe o tempo ajuda? Vamos... vamos divertir-nos!

— Não, não posso... deixa-me.

— Mas o que tens tu? Vais voltar para aquele maldito espelho?

E todos os dias, pela manhã, aquela menina voltava ao espelho — narcisicamente, aos olhos de outros; pateticamente, no olhar jovial de Katrine. Mas, para ela, a vontade de ver além do reflexo era a possibilidade de encontrar algo muito maior do que Katrine e os demais podiam compreender... Ela sabia que havia muito mais!

— Vai tu, Katrine. Faz novos amigos, namora, diverte-te, sorri!

— Eu ficarei aqui mais um dia.

— Mas tu...

— Deixa-me. Eu necessito disto. Do meu silêncio, do pulsar do meu peito, do vibrar da minha alma, de mim aqui.

— Mas como posso ir sem ti? O que os outros vão dizer de nós? Como podemos nos separar assim?

— Não sei... deixa-me em paz! Não vês que me perturbas?

Katrine ficou em lágrimas. Não sabia como se separar daquela menina bela, delicada e, ao mesmo tempo, tão forte.

— Não, não posso ir sem ti!

— Claro que podes, não sejas pateta.

— Não conseguirei divertir-me, não me sentirei alegre indo sabendo que tu...

— Que eu? Falas como se fosse uma coitadinha.

— Não, não. Admiro essa tua força, a coragem de olhares de frente tudo o que és e queres ser.

— Não! Não vais agora fazer-te de vítima.

— Vou sentar-me aqui junto a ti, caladinha, quietinha. Quem sabe também descubro em mim o que ainda não descobri...

Uma tarde de inverno, Katrine olhou o espelho e não encontrou mais os olhos da menina. Não viu mais aquela alegria e paixão pela vida que só ela tinha. Encontrou uma paz. A melancolia da vida harmoniosa e bela que, um dia, imaginara para a sua velhice.

Voltou a olhar o espelho, procurando aquela menina. Viu, então, o sorriso nas rugas de expressão do próprio rosto e sorriu, falando de si para consigo:

— Como o tempo passa!

A beleza fica, porque quem não tem, não pode mostrar; e quem tem, não pode esconder!

Vieirinha Vieira



Nasci em 1976 no distrito do Porto/ Portugal. Nome próprio Cláudia Vieira. Formação: Psicanálise e espiritualidade, Participação em + 100 livros como co-autora, autora de 8 livros. Membro e fundadora de diversas associações de letras, musical e artes. **Distinguida com diversos prêmios e honras.** Escriturária há 25 anos numa firma de exportação/ importação. Blogger: peemviagem.blogspot.com.



POR QUE ESCREVO

“sou eu mesmo a matéria do meu livro: não é razão para que empregues teu vagar em assunto tão frívolo e vão”

Michel de Montaigne

Não tenho muitas habilidades.

Quase nenhuma, para ser mais precisa.

Sem muita coordenação motora e com pouco interesse em atividades cotidianas, livros sempre foram um refúgio contra o tédio.

A literatura me leva a lugares aonde eu nunca chegaria de outra forma e me acompanha na inexorável jornada da vida, proporcionando repertório para que eu enfrente seus desafios.

No meio desse caminho, comecei a escrever e não consigo parar.

Se me leem, ótimo!

Se eu consigo fazer com que alguém se reconheça no que escrevo, compreenda melhor a vida, a si mesmo ou o mundo através das minhas palavras, que se articulam quase como extensão do meu pensamento, uau!!, simplesmente sublime.

Se não me leem ou tenho um alcance muito pequeno, que pena!

Ainda assim, escrevo.

Por quê?

George Orwell tem um ensaio sobre a escrita, de cujo título me apropriei para essa crônica - "Por que escrevo".

São interessantes os quatro motivos que, segundo ele, levam um escritor a escrever: puro egoísmo, entusiasmo estético, impulso histórico e propósito político.

Ele observa, ainda, que todos os escritores são vaidosos egoístas e preguiçosos, mas ressalta que: "escrever um livro é uma luta horrível e exaustiva,

como o longo acesso de uma enfermidade dolorosa. Ninguém empreenderia nada do tipo se não fosse impelido por algum demônio ao qual não pode resistir nem tampouco compreender".

Não escrevi um livro e, talvez por isso, não tenha tanta identificação com a visão que Orwell tem do escritor, exceto pela dificuldade e por esse impulso irresistível.

Tanto a dificuldade quanto o impulso me acompanham.

Trabalho com o direito, lendo e escrevendo, mas essa necessidade que me compele à escrita é diferente.

Quando surge, não consigo não escrever.

Penso melhor escrevendo e determinados pensamentos precisam ser expressos através da palavra escrita.

Não consigo agir de outro modo.

Parar seria como interromper o meu pensamento.

Não é possível e, assim, o texto é criado.

Qual será o seu destino é outra história e independe do processo de escrita.

Para Virgínia Woolf, escrever é o verdadeiro prazer, ser lida é um prazer superficial. Ainda que superficial, ela, não sem razão, desfrutou amplamente desse prazer.

Não estou exatamente na fase em que escrever seja apenas prazer, mas é, de fato, um fim em si, ao qual pode ser adicionado o prazer de ser lida, ou não.

Escrevo porque penso.

Escrevo porque ler e escrever são os meus instrumentos no mundo.

Escrevo porque a escrita me salva de mim mesma e das circunstâncias.

Escrevo para mim e para quem puder se interessar.

Há uma força motriz que me compele a escrever.

Eventualmente, alguém pode me entender e se identificar com essa necessidade, que se impõe e tem vida própria.

Uma revista literária me parece o espaço adequado para divagações sobre a escrita, já que considero escrever a forma mais sofisticada de pensamento.

Enfim, dado o seu sugestivo nome - Autorretratos, quis fazer o meu e a forma como enxergo o ato de escrever me pareceu um ótimo desenho.

Em outra oportunidade, falarei sobre livros.

Afinal, são a fonte do que escrevo, penso e até do que sou.

Mas aviso, qualquer livro lido vem ao meu encontro.

A partir daí, se desprende do autor e forma um amálgama com tudo que já li, vi, ouvi, senti, apreendi e vivenciei.

Legítima apropriação.

Até a próxima!

Viviane Neme Campos



Viviane Neme Campos, bacharel em direito pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), exerce o cargo de analista judiciário na Justiça Federal da 3ª Região, em Ribeirão Preto, sua cidade natal. Antes de tudo leitora, também pensa muito e escreve de vez em quando (cada vez mais), publicando seus textos no facebook e instagram, mas deixa claro, com as palavras de Montaigne, que: *"Aqui estão meus humores e opiniões: escrevo-os por serem aquilo em que creio, não por serem aquilo em que se deva crer. Aqui só tenciono descobrir a mim mesmo, que amanhã será outro, se nova aprendizagem me mudar"*. Contatos: Instagram: @vncampos | Facebook: Viviane Neme Campos | E-mail: vncampos1970@gmail.com.



CRÔNICA: A JORNADA DE UMA PROFESSORA

Mariana ajeitou os óculos sobre o nariz e encarou a pequena escola da zona rural onde começaria a dar aulas. O prédio era simples, com paredes desgastadas e um telhado que denunciava os anos de uso. Ainda assim, havia algo acolhedor naquele lugar, talvez a maneira como as crianças a observassem, curiosas, atrás das janelas.

Ela sempre sonhara em ser professora. Desde menina, organizava aulas imaginárias para suas bonecas, reproduzindo o que via em sala de aula. Agora, adulta, tinha diante de si um desafio real: ensinar crianças de diferentes idades em uma única sala, com poucos recursos e muita vontade de fazer a diferença.

No primeiro dia, percebeu que muitos alunos tinham dificuldades com a leitura. João, um menino esperto de nove anos, olhava para o livro como se fosse um enigma impossível de decifrar. Mariana sentou-se ao seu lado e, pacientemente, começou a ensinar as letras e os sons. Aos poucos, viu nos olhos dele o brilho da descoberta.

A cada semana, ela inovava: improvisava jogos com tampinhas de garrafa, usava histórias para ensinar matemática e transformava o pequeno pátio em um laboratório de ciências ao ar livre. O desafio era grande, mas a cada conquista — um aluno lendo sozinho, uma redação bem escrita, um cálculo resolvido — Mariana sentia que valia a pena.

Um dia, ao chegar à escola, encontrou um desenho sobre sua mesa. Era um retrato simples, feito com giz de cera, mostrando uma professora sorridente rodeada de crianças. No rodapé, a frase: "Obrigada por nos ensinar."

Mariana segurou o papel com cuidado, sentindo os olhos marejarem. Ela não estava apenas ensinando. Estava mudando vidas.

E naquele momento, soube que a jornada de uma professora não era feita apenas de desafios, mas também de pequenas e preciosas vitórias.

Juscélia Santos Xavier



Professora de Língua Portuguesa; Especialista em Língua Latina e Filologia Românica; Mestranda em Letras. Apaixonada por Literatura Clássica Brasileira.



SONHO DE MENINA

Estava mais uma vez na escada, oito degraus para cima, nove para baixo, desceu mais um degrau, pronto, em um passo havia invertido tudo. Mas não poderia ficar parada ali no degrau da escada, tinha que descer. Ou será que tinha mesmo é que subir? Estava confusa, é que o relógio corria mais rápido que seu fôlego pudesse acompanhar, eram tantas coisas para resolver em tão curto tempo que tinha. Talvez o tempo não fosse tão curto, mas ela não conseguia se organizar, então demorava três vezes mais para resolver algo talvez tão simples. Por que tinha de complicar tudo? Será que só ela era assim? Bem, não importava o tempo que levaria, somente tinha de ser feito, então nada de parar no meio da escada, até mesmo porque aquela escada não tinha meio, ou se estava mais a perto de subir, ou mais a perto de descer. E para onde deveria mesmo ela ir? Tanto faz, tinha coisas para resolver em todos os cantos. Ah, por que tinha de haver uma escada? Quando era menina amava subir e descer escadas, era divertido. Mas agora aos 79, lhe tornara penoso, uma tortura. Ai, como suas pernas doíam, dava até vontade de desistir de seguir, ali mesmo onde estava parada sentar-se sobre o degrau e deixar o tempo correr sozinho. Para que? Para que correr com o tempo? Ainda mais, se for contra o tempo. Todavia precisava se decidir, apesar de estar mais para chegar embaixo a que chegar encima, sabe-se lá o porquê, resolveu subir.

Lá de cima, finalmente fora dos degraus, tomava um ar, é que carecia os pulmões afoitos enquanto o suor levemente escorria. Olhava com os olhos cansados, a escadaria de 18 degraus, sorriu, por isto não tinha meio, eram par, ela por vez era ímpar, assim se sentia, ímpar. Sempre fora assim, sozinha, nunca se enquadrava a grupo nenhum, sempre sozinha. Nem sabia explicar como poderia ela ter se casado, mas ela se casou e teve filhos,

filho que já crescidos se casaram e se foram. E seu esposo, de uma outra forma, também havia se ido, portanto viúva e de filhos casados, voltava-se a ser sozinha, como sempre, ímpar. Dirigiu-se ao guarda roupas, estava antes guardando as peças já minuciosamente dobradas por ela, continuou sua tarefa, foi então que se lembrou de o que estava indo fazer no primeiro cômodo da casa, ela ia buscar água, sentia sede, e agora inevitavelmente a sede voltava a incomodar, ela não queria encarar aqueles degraus mais uma vez, segurou a sede por alguns minutos, seu plano era acabar de guardar cada peça em seu devido lugar dentro do guarda roupas, mas não aguentou por muito tempo, a sede lhe apertava, deixou mais uma vez a tarefa que fazia e pôs-se a descer a escada. Como pode ter esquecido de que tinha sede? Talvez estivesse tão fatigada que o cansaço lhe era maior que a sede, não deixando passar que a preocupação de terminar a tarefa que lhe era ajeitar o guarda roupas lhe ocupava a mente.

Pronto, finalmente chegava à cozinha com passos lentos, quase arrastados, é que tudo parecia ser mais difícil com o tempo, e o tempo lhe havia chegado. Pegou um copo cristalino e dirigindo-se ao bebedouro entornou-o de água. Como estava desastrada, talvez distraída demais. Pois bem, não podia deixar o assoalho molhado, era perigoso de se cair. Largou o copo em um canto e foi buscar o pano de chão e o rodo. Secava o chão molhado do desastre que tinha acometido quando avistou na mesinha de centro na sala um prato de lanche que já havia lanchado mais cedo. Largou o rodo desesperada, como pôde ter esquecido de levar o prato a pia, recolheu o pratinho e seguiu a lavá-lo. Pronto, precisava agora limpar a superfície da mesa, havia migalhas, tomou mão da toalha da pia quando sentiu novamente, sede. Lembrou-se do copo de água que havia enchido a ponto de entornar, precisava tomar água. Onde estava o copo? Onde tivera o deixado? Procurou e não o achava, talvez fosse mais fácil pegar um novo copo que continuar a procurar aquele que parecia mais é ter evaporado. Assim

fez, e quando ameaçou a encher o novo copo que ainda estava vazio, foi quando viu o copo que havia enchido de água, estava bem ali. Largou o copo vazio avançando com ânsia sobre o copo cheio, finalmente degustou de sua água, lhe descia como vida renovada. Ah, como sentira sede, mas aquela água lhe era muita, deu conta apenas da metade. “Que desperdício” pensou, na sua infância não havia mordomias e até a água retirada de poços era algo de ser cortejado, agora a água saída de uma torneira na pia de sua casa, parecia ser de graça, mas não era, tudo tinha preço, principalmente a água que estava no galão do filtro. Foi pensando no valor das coisas que lembrou-se, precisava comprar verduras para preparar o almoço, as roupas mais uma vez ficariam para depois, assim até mesmo ela poupava de ter de subir os degraus da escada, outra vez, se pudesse nunca mais os subiria.

Seguiu-se na rua a caminho da vendinha que ficava logo ali na praça, mas por algum instante de desatenção havia entrado em uma rua errada, quando percebeu já havia andado muitos quarteirões, que atraso de vida, não tinha nada a se fazer a não ser voltar todo o caminho percorrido, precisava comprar verduras. Como pôde confundir as ruas, sempre passava no mesmo lugar, já era para ter decorado o caminho, mas não estava perdida, conhecia cada rua como conhecia a palma de sua mão. Só não conhecia aquela loja, era loja nova. Ficou parada na calçada namorando a vitrine, estática, pudesse dizer que por ali ficara um bom tempo a ponto de incomodar o vendedor que a convidou a entrar. “Gostou do vestido?” Perguntou o vendedor. “Ah, sim. É maravilhoso.” Respondeu com um sorriso.

Tinha uma fortuna guardada bem ali no bojo do sutiã. Podia ter aquele vestido! Lembrou, de seu tempo de menina, da Marcinha, da Maria, da Betina, estavam tão elegantes no dia da formatura. Lembrava bem que as via por uma greta do lado de fora da festa que era para ser também sua. Na época ela era muito pobre e seus pais que Deus os tenha, não tinham

condições de comprar um vestido de formatura, não foi por falta do vestido que deixaria de estudar, pois estudou e formou e era uma das melhores alunas. O vestido era simbólico, mas ela queria ser parte daquele símbolo da conclusão da quarta série, como todas as outras meninas, e não se sentir ímpar. O vestido era coisa atoa, mas cada uma vestia um vestido mais lindo que a outra, ela era como sempre ímpar, não podia ser diferente. Não tivera a honra de andar sobre o tapete vermelho. Talvez lhe fosse menos penoso se não tivesse visto, mas ainda era meio da tarde indo para o fim, ocorria-se o cerimonial. Ela deveria estar correndo descalça no asfalto jogando bola ou empinando pipa, era menina que gostava de brincadeiras radicais, sua mãe não sabia, mas os pés descalços e sujos de terra do asfalto foram escondidos ficar de tocaia pela greta do portão da quadra da escola, onde haviam vários vestidos simbólicos, ficou ali ate todos desfilarem pelo tapete vermelho. Não era para estar ali, mas ela queria ver e viu e foi lindo. Momento fútil ao qual deveria vim a ser esquecer, mas após sete décadas descobria que nunca havia-se saído de sua memória, estivera por vez escondido estre as coisas que não tinham mais importância, e por algum súbito, em um distraído momento, pois andava assim tão distraída, teria escapado e vindo a tona. Mas, o vestido era só símbolo e não importava antes, por que importaria agora? Não faz diferença, a questão é que sendo agora adulta mais certo de se dizer, uma anciã, era empoderada e diferente de a tempos remotos agora podia consumir aquele símbolo.

Não demorou estar entre seus dedos. Era macio, de cetim, era tão lindo! Girou sobre o corpo com o vestido suspenso nas mãos e sorria como uma menina inocente, não era mais a senhora de 79 anos que estava ali era a menina de 09, doce e inocente menina. “O vestido é para sua neta?” Interrompe o vendedor o fantástico momento. “Não, é para mim!” Disse ela agarrando e segurando contar o corpo com toda sua energia. “Este é pequeno para a senhora, tenho algo que irá lhe ser mais adequado.” Sorriu o

vendedor a direcionando educadamente. De início parecia que não estava entendendo. Relutou: “Este vendedor intrometido interrompe meu regozijo a me dizer que meu vestido não me cabe.” Foi então que por vez parecia despertar de um sonho ao qual estava mergulhada, ao olhar bem, fitando os olhos a peça que estava em suas mãos de velha, veio a notar que o vestido era mesmo pequeno. Não estava tão louca, Marcinha, Maria, Betina, e todas as outras assim como ela eram crianças, aquele era o tamanho ideal que guardava na memória, era, não mais. O vendedor paciente e gentil a trouxe um vestido que a servisse, e era tão lindo quanto o outro que tinha nas mãos, porém este era de adulto e ela era adulta, bem dizer uma anciã.

No provador se Vestiu e saiu desfilando pela loja como se fosse donzela, certamente era, depois de ter colocado o vestido no corpo e ter pago por ele, agora era todo seu, se recusava de retirá-lo, saiu da loja com o vestido no corpo, com etiqueta e tudo. O dedo anelar fazia pinça com o polegar, elevava elegantemente a bainha. Foi assim, desfilando para sua casa, a verdura havia ficado esquecida, não importava mais, só pensava na deslumbrância de seu vestido de festas, mesmo estando ela de chinelos de dedo, estava deslumbrante. E assim ia, arrastava os pés sobre o caminho como se fosse uma dança, mas não era assim bem uma dança, era os passos arrastados da idade. Nem ressentia, não se via em seu corpo pesado de velha, se via no corpo da menina que era, em momentos ia assim, lembranças que estavam ainda vivas dentro dela e nem ela mesma o sabia, até este, momento a que se entregara na frente de uma vitrine de uma loja que era uma loja nova, pois nunca antes havia visto ali, se aquela loja estivesse ali antes, se lembraria com toda certeza, como já dito, Conhecia cada canto daquelas ruas como a palma de suas mãos. Só não havia dado conta de que suas mãos não eram mais lisas, estavam enrugadas do tempo, o tempo que lhe havia chegado como chega a todos. Com ela não seria diferente, mesmo

ela sendo ímpar, com ela não seria diferente. O símbolo vestido em teu corpo lhe fazia sentir revigorada, com veemência desfilava pela rua a caminho de sua casa que era ali perto mas não tão perto para seus passos lentos os quais se arrastavam no chão, como uma dança. Não importava o quanto demoraria, mas um dia chegaria e chegou. Já havia se passado o tempo de almoço, a tarde estava por vim ao fim. Nem ligava para o tempo. Para que? Para que se preocupar com tempo? Ainda mais, no findar de mais um dia. Aquele momento simbólico que era só seu, momento ímpar como ela.

Dentro de sua casa desfilou de um cômodo a outro, e desfilou, e desfilou. Não era mais dia e já ia escurecendo. Sentiu-se cansada mas não sabia se era da euforia ou do tempo que lhe havia chegado. De uma coisa tinha certeza, precisava de um banho e um repouso. De frente para a escada se pôs a subir, vagorosamente. Esgotada parou sobre o nono degrau, não havia meio naquela escada mas ela pôde imaginar um, se assentou no meio imaginário, vestida em seu simbólico palpável de cetim, tão lindo. Suspirou, estava tão feliz como tal não se lembrava, a tanto tempo sozinha, seus dias eram um desalento . Suspirou, e novamente, e novamente. E os suspiros ficavam árduos, cerrava o peito até sua última respiração chegar. E chegou, como a morte um dia chega para todos, ela era ímpar, mas com ela não podia ser diferente.

Karen Cerutti



Karen Cerutti, brasileira, mineira, nascida no ano de 1989 no município de Vespasiano/MG. Profissional de Técnico de Enfermagem. Estudante de Bacharelado em Enfermagem. Escritora poetisa. Publicado em fevereiro de 2024 o livro “Soprando a Poeira dos Versos” pela Editora “Clube de Autores”, comportando 36 obras literárias dentre poemas, crônicas e contos os quais **exploram temas como dor, amor, reflexões líricas, e narrativas curtas**. Karen Cerutti é coautora em 06 antologias publicadas pela Editora “Persona” e em 03 antologias publicadas pela Editora “Usina de textos”. Coautora assinante da revista “Autorretratos” com lançamentos mensais. @poemaskarencerutti (Escrever para a revista Autorretratos é abrir os horizontes do mundo literário, a cada edição uma experiência nova.)



AS CHAVES NÃO CAEM COMO AS FOLHAS

CAPÍTULO I

Brincava silenciosamente com sua Susi. Parecia distraída com a boneca que já não tinha um dos olhos visível, a pestana insistia em manter-se abaixada. Liza acariciava aquele rostinho de borracha. Dizia para sua Susi não ter medo, porque elas estariam sempre juntas. Se isso fosse um filme, a imagem se abriria e poderia-se ver que o local onde brincavam era a sala de sua casa, embaixo do caixão onde seu pai estava sendo velado naquele momento.

– A gente é amiga, mas quando você crescer mais, poderá ser minha mamãe algumas vezes. Agora você é muito pequena ainda, só eu posso ser sua mamãezinha, tá bom? – falava isso enquanto ninava a boneca suja e descabelada em seu colo.

Quem olhava a menina não sabia o que estava se passando em seu interior. Ela recusava-se a ver a realidade. Não aceitava que o pai estivesse morto e resolveu falar somente com sua boneca, com mais ninguém. Quando algum adulto tentava falar-lhe, ela saía correndo com as mãos nos ouvidos. Por

fim, desistiram e deixaram a menina como ela queria, embaixo do caixão do pai, brincando com sua boneca.

Sua mãe, Nina, estava desempenhando seu papel de viúva arrebatada. Estava entregue aos prantos no sofá próximo ao féretro, abraçada por duas vizinhas. Não tinha condições de cuidar da emoção da filha

naquele momento, estava ela mesma muito abalada. A criança estava bem, afinal, crianças pouco sabem da vida adulta.

Por bem da verdade, seria mesmo difícil de agora em diante cuidar da filha em tantos outros aspectos, porque precisaria reorganizar sua vida. Mas agora estava entregue. Estava sofrida. Estava viúva. Os poucos amigos da família falavam coisas para fortalecê-la. Uma amiga se ofereceu para ficar com a menina enquanto ela se reestruturasse, mas Nina já havia cuidado desse assunto.

A menina solitária, com sua boneca, estava na verdade atenta a tudo que se passava naquela sala, naquela casa. Via seu mundo desabar e não tinha forças para segurá-lo. Não caberia em seu peito a dor da morte de seu pai e como toda boa criança, enganou-se que poderia ter uma realidade diferente se fizesse de conta que nada estava acontecendo. Por isso não deixava ninguém lhe falar. Mas sabia! Sabia exatamente o que estava se passando. Tiravam-lhe o pai, agora que o irmão também não estava mais aqui. Nunca entendeu porque tiveram que enterrar aquele menino tão lindo de bochechas grossas e avermelhadas que sorria um riso gordo e gostoso, cada vez que ela estalava a língua para ele. Ficou esperando que ele voltasse, mas isso não aconteceu. Com o tempo conseguiu entender que ele nunca mais voltaria, assim como agora entende que seu pai também nunca mais vai voltar.

Tinha ouvido claramente: “o enterro será às 14 horas”. Tudo igual. Tudo igual ao que fizeram com seu irmãozinho. Enterro. Essa é a palavra. Quando se enterra alguém, esse alguém nunca mais volta. Seu pai não voltaria mais. Então ela queria ficar ali, pertinho dele o quanto mais pudesse. Não conseguia olhar para ele ali dentro daquela enorme caixa transbordando de margaridas brancas. Até sua Susi tinha mais movimento que ele. Não suportaria olhar para aquele pai tão divertido e amoroso, agora paralisado.

O cheiro de vela e flor que envolvia aquela atmosfera ficaria para sempre em sua mente. Alguém usava um perfume que se misturava a esses outros aromas, fazendo com que o ar pesasse ainda mais. Emoção baixa e aroma de perfume é uma combinação terrível. Os perfumes deveriam ser proibidos em velórios. O cheiro que se sente ali remete eternamente para essa mesma cena. O perfume passa a ter cheiro de velório.

Ouviu o choro da mãe aumentar e o murmúrio de pessoas dizendo que estava na hora de fechar o caixão. O féretro seguiria agora. Liza parou com os olhos fitos na boneca, como se telepaticamente conversassem, como se fosse muito importante o que se diziam. Não se abalava. Não sabia de nada. Não demonstrava que estava a par do que acontecia. Mas por dentro seus gritos estavam ensurdecendo a si mesma.

Apertou a Susi contra seu peito e aquele estado hipnotizado e trêmulo em que estava foi interrompido pelo barulho daquelas chaves que caíram ao seu lado. Pleft! Era um molho de chaves. Uma delas era preta e grossa, típica de ferrolhos antigos. Olhou para elas no mesmo instante em que um par de mãos peludas envolveram seu corpinho, levantando Liza junto ao corpo alto que a recolhera do chão. Era o padre Roberto, amigo da família; foi levando-a porta afora.

Continua...

Susana Stähelin



Susana Fátima Stähelin é nascida em Joinville/SC, nasceu em 1969, formada em Letras e Pós-Graduada em Literatura Brasileira. Poetisa, contista e autora dos romances “Fios que sangram” e “As chaves não caem como as folhas”, este último apenas em e-book; além de publicações em coletâneas de cordéis. É membro da Academia de Letras do Brasil – Santa Catarina – Seccional São Francisco do Sul e compõe o grupo de poesia clássica “Escritores do Belo”. Instagram: @susanastahelin.



CARTA PARA VOCÊ

Querida eu,

Preciso enviar essa carta para você. Estou aqui no ano de 2090. Sim, você achou que ainda estava nos anos 2000 e alguns números a mais... Pois bem, sei que você não vai entender muito bem o motivo dessa minha carta de tão longa data, até porque você ainda está aí, e nem passaram todos esses anos para você. Aliás, nesse caso, para mim mesma, né?

É estranho escrever uma carta para mim mesma no passado. O mais correto seria escrever para mim mesma no futuro, te encorajando na vida, mas não tive tempo. Sempre isso: a tal falta de tempo. Te escrevo agora, no alto dos meus 97 anos. Espero que não seja tarde, mas acho que não é. Você ainda é uma jovem adulta, e ainda faltam mais uns 60 anos até você chegar aqui, na nossa idade.

Estou aqui na varanda, naquela mesinha de madeira pequena que fica na frente, onde a gente escrevia juntas. Agora são 10h12 da manhã. Estou sentada escrevendo esta carta para você. Os raios de sol do mês de maio tocam minha pele fina, marcada pelo tempo. Meu rosto enrugadinho reflete os 97 anos que me chegaram sem a gente perceber. Estou com aquele cachecol que ganhamos de alguém muito especial, lembra? O friozinho está chegando de leve neste outono. As folhas secas alaranjadas caíram mais cedo no jardim. Não sei, mas a previsão do tempo avisou que o frio do inverno chegará mais cedo neste ano.

Quero lhe dizer que ainda dá tempo de você realizar os seus sonhos. Sim, dá tempo. Sei que a vida não tem sido muito fácil para você na sua fase adulta. Não tem sido fácil para ninguém, mas precisamos seguir em frente. Deus e os anjos veem seu esforço e dedicação em tudo o que você

faz. Continue! Você está indo muito bem. Às vezes, a sorte chega sem avisar.

Desculpe se, às vezes, fui meio inconsequente nas decisões antes de você ter lido esta carta, mas saiba que, na juventude, a gente é um pouco assim. Apenas fizemos o que podíamos na época. Temos nossas imperfeições, erros e acertos, mas a vida é assim, não vem com manual de instruções – e nunca virá.

Mas existe algo muito maior e muito mais importante do que um manual... Chamamos de mãe, pai, avós. Eles ajudam muito, dão dicas preciosas sobre o que você quiser, até sobre o futuro. Preste atenção neles enquanto puder, enquanto eles estiverem aí com você. Não quero te entristecer, mas um dia eles não estarão mais. E serão a maior saudade da sua vida. Pode ter certeza disso.

Te escrevi só agora porque o tempo era muito curto para tudo naquela época. E hoje, tenho tanto tempo para tantas coisas... e faço o mínimo. Hoje, tenho tanto tempo para viver, e só sei ficar na minha cadeira de balanço de madeira bege, sentindo a brisa do vento e dos anos passarem por mim. Lembrando dos momentos que vivi aí nesse tempo passado, que você está vivendo agora, no seu tempo presente.

Ainda bem que consegui lhe escrever a tempo. Viva a vida, pois depois, tudo o que ficará serão apenas lembranças guardadas no seu coração. Eu sei muito bem disso. Já estou com 97 anos, não tenho muito tempo... eu acho. Mas você ainda tem tempo. Ainda dá tempo de sonhar e realizar. Ainda dá tempo de abraçar, beijar, viver. Ainda dá tempo.

Preciso te dizer que você vai passar por fases difíceis, mas vai superar as que forem possíveis. E as que não forem, serão amenizadas com o amor da sua família e dos amigos. Eles sempre amenizam as dores invisíveis – algumas delas jamais irão passar, mas você se acostuma dentro do possível.

Não será fácil, mas você vai conseguir seguir em frente.

Agora, sai lá fora e agradece pelo sol. Agradece pela chuva abençoada que molha as plantas e a terra. Vai lá, sai na rua, no seu quintal. Se for verão, toma aquele banho de chuva igual você fazia quando ainda era uma criança feliz o tempo todo. Sei que, sendo uma mulher adulta, você não tem como ser feliz o tempo todo – ninguém tem. Mas pode ser feliz por instantes.

A verdadeira felicidade é tão fácil de encontrar... Ela está aí, bem na sua frente.

A felicidade é o rostinho alegre da sua mãe ao te ver, mesmo cansada, quando você vai visitá-la e leva o bolo preferido dela para acompanhar com um bom chá de frutas vermelhas.

A felicidade é a ligação da sua irmã e do seu irmão perguntando como você está, e que precisam se reunir.

A felicidade é aquela moça gentil que te ajudou com suas compras no supermercado, pois viu que você estava sobrecarregada de bolsas e não conseguiria carregar tudo sozinha até o táxi chegar.

A felicidade está naquela conversa gostosa e descontraída com aquela sua amiga que tem o dom de te fazer rir, mesmo quando você está se sentindo meio triste.

A felicidade é o seu amor te dar um abraço apertado naquele dia que não foi tão bom.

Felicidade é tão simples... É só ser. É só enxergar as maravilhas que existem em todos os dias da vida, bem aí na sua frente.

Quer aprender algo novo na sua vida? Se joga, garota! A vida é sua, faça dela o melhor que puder. Faça o que estiver afim, porque a única dona da sua vida é você mesma, entendeu?

Assim que receber essa minha carta, coloque tudo isso em prática, tá bom?

Somos a mesma pessoa. Só que você está no presente, e eu no futuro.

Vou esperar aqui, nessa cadeira de balanço, torcendo por você. Talvez você encontre muitas pessoas incríveis na sua vida que torçam por você, mas a principal pessoa que tem que torcer por você mesma... sou eu.

Suélen Ferreira Moreira



Meu nome é Suélen Ferreira Moreira. Sou gaúcha, nascida na cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul, no dia 13 de dezembro. Sou técnica em Contabilidade, cursei a Faculdade de Tecnologia em Marketing e também estudei Espanhol. Atualmente, trabalho no ramo da moda há mais de 10 anos, atuando com vendas no comércio varejista. Sempre tive uma grande paixão por escrever e ler. Agradeço primeiramente a Deus por esse dom que Ele me deu, à minha família pelo apoio constante e às amigas maravilhosas que conquistei ao longo dessa jornada. Meu especial agradecimento vai para a Revista Autorretratos pelo reconhecimento do meu talento, pelo carinho ao lerem minhas crônicas e pelo incentivo que me deram para continuar escrevendo. Isso trouxe maior visibilidade e oportunidade para um trabalho que eu tanto amo! Acredite nos seus sonhos! Contato: contato@sumoreira13.



EU QUERIA VOAR

— Voar. Eu queria voar... Queria minha mãe... Me tira daqui, mãe!
— Pisco os olhos. — Onde estou? — Não reconheço este lugar.

Baixo o olhar e vejo meu corpo preso a esta cadeira. — Há quanto tempo estou aqui? Preciso levantar. Quero ir ao banheiro. — Ei, me leva para o banheiro... — Ninguém me escuta.

Apoio os pés no chão, mas não tenho forças. — Me ajuda... Ei, me leva pro banheiro? — Minha mente... O que aconteceu com a minha mente? — Balanço a cabeça, confusa. — Estou presa? Quero minha mãe!

Choro todos os dias. Mas... por quê? Minha mãe morreu? Todo mundo morreu? — Levo as mãos ao rosto. Às vezes, as lágrimas escorrem. Outras vezes, a tempestade acontece apenas dentro da minha cabeça.

Esqueço por que choro, mas deve haver um motivo.

— Ei, estou com fome. Já comi? Não, não comi. — Minha cabeça dói. Puxo os cabelos. Sinto uma dor surda, carregada de esquecimento.

— Ainda estou aqui? Sou eu mesma? Há em mim um pouco de mim?

Onde as memórias resistem, tenho certeza: sou livre. Posso fazer tudo o que quero. Lá, ainda sou eu. E todas as minhas versões se fazem companhia.

— Espera... Eu não quero buscar meu pai... Eu queria voar! — Mas não agora.

Tento me levantar. — Por que não consigo? Dói... Está doendo bem aqui dentro.

Ninguém é meu dono.

Estou cansada dos gritos. Ponho as mãos nos ouvidos. — Não quero ouvir! Por que tenho que ouvir?

— Ei, me tira daqui! Não faz isso... Por favor, eu não quero! — Fecho os olhos para escapar dos olhares que me culpam por seus fracassos.

— Todos estão doentes? É minha culpa? É minha culpa...

— Ei, me leva pra casa... — As lágrimas recomeçam.

— Ei, de quem é essa casa? É minha? Onde está a minha mãe? Cadê a mãe?

— Ei... eu quero voar...

Anna Rodrigues



Anna Rodrigues, cearense, pedagoga e psicanalista, adora livros, músicas e filmes que explorem as singularidades e os conflitos dos relacionamentos. É tutora de gatos, ama praia e, é claro, escrever, pois como já dizia o grande cantor, compositor e poeta Belchior: “Afinal, a vida é mesmo uma aventura da qual não sairemos vivos!” Então, nada melhor do que pegar papel e caneta e escrever sobre a vida, os amores, os desejos, os prazeres e os sonhos que jamais envelhecem. É autora dos livros: 'A flor do meu desejo', com sua primeira edição publicada pela Editora Viseu; 'A flor da minha pele' publicado pela editora Hope e 'Contos Eróticos', publicados de forma independente na Amazon. Participou das antologias 'Sem pudor' e 'Amores de Outono', SF Editorial; 'Uma poesia para cada dia' e 'Cartas para o meu amor', Lura Editorial; Coletânea de Microcontos pela Editora Persona; 'Coletânea Erótica' no Wattpad; #annarodriguesromantica | @annarodriguescontos | anna.rodrigues.romantica@gmail.com.



**SORVET
ICE CREAM
CAFAYATE**

TORRONTÉS CABER
CABER



SORVETE DE EMOÇÕES

Quem nos conhece sabe a paixão que temos por viajar e quando fazemos isso, sempre tem um toque inusitado, característico da nossa personalidade. O primeiro passo é escolher aonde ir; depois, claro, pesquisamos com detalhes sobre o lugar. Preparamos o veículo adequado à aventura escolhida, para nos levar sem preocupações extras, porque preferimos ir ao nosso tempo, fazendo escalas de acordo com as preferências que temos. Nada de efetuar reservas antecipadas em hotéis ou pousadas; gostamos da sensação pitoresca e até mesmo arriscada de conhecer uma cidade e a desvendarmos minuciosamente.

Temos o espírito aventureiro aguçado e a cumplicidade intacta para transformarmos qualquer passeio em uma história inesquecível! Em toda viagem, algo especial nos toca profundamente e guardamos esses acontecimentos, além da memória, no coração!

Meu marido ama dirigir e eu aprecio ser seu copiloto! Vamos admirando cada detalhe; observando tudo ao redor, paisagens e pessoas até o destino principal.

Desse jeito simples e descomplicado conhecemos praticamente toda Argentina. E ao contrário do que alguns pensam, os argentinos são excelentes no acolhimento e recepção. Fizemos muitas amizades nas idas para lá!

Em uma delas, quando chegamos a Cafayate não imaginávamos o turbilhão de emoções que iríamos experimentar...

Um dos objetivos desse destino, além de conhecermos suas vinícolas, famosas por seus vinhos Torrontés - de sabor refrescante e intenso, normalmente frutado com notas de mel e uma acidez muito agradável ao

paladar - era provar o primeiro e um dos únicos do mundo, sorvete de vinho!

Esse sorvete não tem apenas o sabor da bebida, realmente contém vinho na composição com real teor alcoólico. A receita foi desenvolvida a muitos anos e até hoje é mantida em segredo pela viúva do criador.

Cafayate é uma cidade pequena, ao norte da Argentina, situada em um vale a mil e setecentos metros acima do nível do mar; fica na província de Salta e a mil e trezentos quilômetros de Buenos Aires.

Conhecida pelos excelentes vinhos produzidos em altitudes elevadas é uma região muito procurada por turistas. Nós nos encantamos com o lugar e habitantes assim que chegamos. Achamos uma pousada bastante charmosa perto do centro com vista para montanhas e um enorme vinhedo.

A ordem é deixar o carro sempre que possível e caminhar para explorarmos cada canto da cidade. Chegamos em um final de tarde deslumbrante à sorveteria que se encontra no centro e funciona na própria residência da proprietária.

Quem nos atende é Miranda, dona da marca e local. Nossa sintonia é imediata! Ela, uma senhora de olhos vibrantes que refletem a luz radiante que possui, adora contar boas histórias e, somos os ouvintes certos para apreciar a riqueza de sua vivência. Ela percebe logo o quanto somos apaixonados um pelo outro e quer saber se estamos em lua de mel. Respondemos com largos sorrisos que a parceria é antiga em números, porém tão doce quanto os primeiros encontros e agora, extremamente fortificada. Talvez aí, um portal é aberto na memória da amável senhora, levando-a novamente ao passado. Ela com olhar marejado pergunta:

- Vocês têm alguma programação marcada para esta noite?

- Não! Nada definido! - responde meu marido.

Ela, segurando firmemente minhas mãos diz:

- Irão jantar comigo hoje! Precisamos nos conhecer e garanto que sou ótima cozinheira!

Nós nos entreolhamos e com um gesto de cabeça, concordamos!

- Qual o horário a senhora quer que venhamos? - pergunto.

- Fecho o estabelecimento às vinte e uma e trinta. Podem chegar às vinte e duas?

- Claro! O que trazemos?

- Paciência para me escutar e fome!

- Combinado!

Ela nos serve, então, os famosos sorvetes de vinhos! Eu escolho o tipo Torrontés, vinho branco e meu marido o Cabernet, vinho tinto. Despedimo-nos com um abraço apertado e carinhoso.

No regresso à pousada uma intensa jocosidade nos abraça! Um pouco causada pelos gelados e também, pela amizade recente que firmamos.

No horário marcado tocamos a campainha da casa e a adentramos por uma porta lateral.

Aos sessenta e oito anos, vividos com determinação e sagacidade, Miranda nos atende com visível empolgação. A casa é bem arrumada e decorada, com cores vivas e harmoniosas.

Serve-nos um vinho de safra especial e comenta que ainda não está totalmente refeita do golpe mais dolorido que a vida lhe deu, a perda do marido a oito - longos - segundo ela, meses!

- Afonso era um homem abençoado! - é a referência que dá a respeito do cônjuge. E continua: - Era brasileiro igual a vocês! Nascido e criado no

Rio de Janeiro. Nos conhecemos quando fui visitar seu país pela primeira vez e foi amor à primeira vista!

O marido foi um artista apaixonado pela natureza e somente retratava paisagens e pássaros típicos do Brasil em suas pinturas. Os diversos quadros espalhados pela casa refletem o quanto era talentoso.

Casaram-se na cidade maravilhosa e a mudança para a Argentina ocorreu após o nascimento do primeiro filho. Eles tiveram dois.

Miranda precisou de força dobrada para resolver as questões do funeral, já que os filhos que residem nos EUA não puderam comparecer. Ela, filha única, não contava com o apoio da família; pois, também os perdeu a muito tempo atrás. Recebeu ajuda dos vizinhos e dos clientes que se tornaram amigos. Essas pessoas, tão especiais e importantes para a senhora, não a deixaram fechar a "Heladeria Miranda", iniciativa de Afonso.

Ela nos confidenciou que ele perseverou por três anos até conquistar o resultado ideal do sorvete. Precisou até um empréstimo para montar a sorveteria. Foram dias de muita dificuldade! Os filhos que fizeram faculdade fora, acabaram casando e ela pouco os vê! É uma mulher rica em aprendizados, mas bastante solitária.

Miranda permanece explicando:

- A cura começa no interior de cada um e o coração exerce um papel fundamental no processo! Somente quando se aquietam os soluços e o choro cessa, é possível escutar a própria voz, que está oculta, contida, na força e na capacidade de resiliência de cada um. Não importa o tamanho da dor!

Ela toma mais um gole do vinho e notamos que desce com arrelia. Ela continua com a palavra:

- Ao se ligar com sua paz interior, fazendo conexão com si mesma, começará a imergir da tristeza profunda! Essa capacidade é possível a qualquer um; não é privilégio de poucos!

Vê-se que é uma mulher sofrida, mas agarrada ao melhor dos sentimentos que iluminam sua alma.

Dos filhos, que lamentaram não poder estar com a mãe em época tão delicada, recebeu uma placa que pendurou acima da cama, com os dizeres:

"Isso também passará!" - ela fez questão de nos mostrar.

Miranda decidiu deixá-la ali para lembrar-se que os momentos ruins, um dia, poderiam ir embora; mas, os bons, permaneceriam com ela para sempre, se fosse essa sua escolha!

- Esse é meu tesouro, entendem? Tenho muito pelo que lamentar e chorar, mas também, um milhão de motivos para continuar! Escolho me agarrar aos últimos!

Quanta sapiência! Manter a chama de algo importante no seu coração, foi o segredo para mantê-la em pé! E é exatamente disso que a vida é feita: momentos! Os bons servem para aumentar o fascínio pela vida e as tormentas tornam-se grande aprendizado.

Miranda cultivou um ambiente saudável ao seu redor onde ninguém tem permissão para adoecer sua felicidade! E deixou para trás todas as coisas que atrasam o seu lindo sorriso!

Voltamos lá seguidamente até nossa despedida da cidade. E para agradecer tamanha hospitalidade, no dia seguinte, um domingo, compramos comida de um restaurante muito conceituado e fomos almoçar com a nova amiga.

Aos domingos, Miranda só abre a loja a partir das dezesseis horas; porém, não gosta de sair de casa e deixar residência e comércio, sós!

No almoço ela exhibe, com grande orgulho, os diversos álbuns da família quando moravam na cidade carioca. Lá ela aprendeu o português e apesar do sotaque, é perfeito!

Miranda tem três netos; dois, do filho caçula ainda não conhece! Ela vê as crianças por chamada de vídeo. Também nos contou, que antes de Afonso falecer, teve um sério problema de trombose na perna esquerda, motivo que a impede de viajar de avião!

- Se meus filhos não puderem vir, infelizmente, eu não terei como reencontrá-los!

Com isso, faz nova confiança:

- Já disseram não ter nenhum interesse na sorveteria. Gostariam mesmo de vender a receita a uma empresa com melhor proposta e depois a casa. Os dois concordam em apontar para o meu futuro a ida para uma clínica geriátrica. Acham que lá estarei mais amparada e assessorada.

"Com seu problema na perna não poderá manter-se trabalhando, ativamente, por muito mais tempo!" - afirmou-lhe o mais velho.

Contudo, a senhora tem o que os jovens atualmente não falam a respeito e pouquíssimos conhecem o significado: brio! Eu e meu marido sabemos muito bem o poder da palavra, pois fomos educados para sempre buscá-la!

- Parece que os conheço de outras vidas! - comenta a mulher de olhar angelical.

- Quem sabe, não é? - digo.

- O que pensam sobre morar aqui? Poderiam vir e tornarem-se sócios!

- A ideia está lançada e é o início de todas as coisas! - respondo assim para não a magoar; contudo, sabendo que é impossível!

Eu a abraço com gentileza; posso sentir o seu pesar!

Miranda nos faz refletir sobre a vida; ganhos e perdas! A senhora não sabia sobre nossa existência na semana anterior e tenta encontrar novo feixe de luz no nosso encontro inusitado; todavia, mágico!

Pensamos em surpreendê-la no momento da nossa saída, passando na loja para um abraço final. Antes, paramos em uma floricultura e compramos uma orquídea.

O "até logo", preferimos mencioná-lo assim, com mais leveza do que tristeza, foi custoso. Ela nos abraçou, um a um, com o mesmo carinho e vontade.

- Prometam que voltarão! Essa casa estará sempre aberta e pronta para recebê-los!

- Obrigada, amiga querida! Tudo aqui permanecerá para sempre conosco!

E ela nos entrega o menu da loja assinado por ela. No final, lê-se várias frases escritas por clientes muito satisfeitos que também se transformaram em amigos cativos...

Traduzidas, dizem mais ou menos assim:

"Os sorvetes da Miranda têm aquilo... não sei o quê; que só de imaginar, você derrete de felicidade!"

"Quero levar seu sorvete de Cabernet comigo na alma; não quero perder essa sensação única!"

"Sirva-me um sorvete daqueles que só você sabe fazer, com toque de nostalgia e gostinho de infância!"

"Um sorvete da Miranda, do jeitinho que ela faz, não importa o quanto eu tenha pago, porque a impressão é que ainda lhe estou devendo!"

E garantimos que cada palavra ilustra as cores e sabores desse lugar!

Simone & Alexandre Fraenkel



Simone é paulista e Alexandre, gaúcho; o encontro se deu em Florianópolis onde vivem, casados a vinte anos. A harmonia entre os dois de tão perfeita reflete-se nas histórias que escrevem, sempre a quatro mãos. Gostam de trocar ideias com leitores interessados em saber como criam suas obras. E adoram dividir suas experiências de viagens. Viajar é paixão de ambos! "Costumamos dizer que durante o dia somos pessoas normais, iguais a qualquer outra; na madrugada, emprestamos nossas almas para darmos vida aos diversos personagens que criamos!". "Nosso interesse é entreter; oferecer elementos para o leitor sentir-se parte da trama! Para as nossas histórias ecoarem em seus corações o maior tempo possível!".



DE REPENTE...

De repente, o namorado gritou com ela sem razão, no meio dos amigos, na choperia onde eles se encontravam todas as sextas com a turma. Ela sentiu um calafrio, respirou fundo e se levantou. A menina sensivelmente sonhadora estava abalada por aquela ofensa em público, o que teria acontecido, pensou. Seu namorado tinha sido até esse dia um rapaz gentil. Ela estava muito surpresa com atitude dele. Ela ficou na porta do bar ainda uns minutos, esperando que ele viesse lhe pedir desculpas... Como isso não aconteceu, ela abriu a porta e foi caminhando vagarosamente para a esquina da avenida principal. Enquanto esperava o sinal mudar de cor e permitir sua travessia da avenida larga, ela ouviu um ruído familiar. Uma motocicleta estava ao seu lado. Ela virou-se e viu um dos amigos do seu namorado. Ela apenas sorriu e continuou caminhando. Na esquina seguinte, ele estava lá parado. Ela sorriu novamente e ele perguntou se ela queria uma carona até em casa. Como ainda estava magoada, ela aceitou. Era melhor ir com ele do que sozinha. Cidade pequena não tem muito movimento depois das 23 horas.

Fizeram o trajeto em silêncio, ela sentia o vento frio no rosto, ia relaxando um pouco com o movimento da moto. Ao chegarem a casa dela, ele parou, ela desceu e dei-lhe um beijo no rosto, agradecendo a gentileza da carona. Estava mais calma, mas ainda tensa pela cena que seu namorado fizera sem motivos. O motoqueiro a abraçou e ela curtiu aquele braço forte e generoso. Ficou no jardim, olhando-o descer a rua e depois entrou em casa.

No seu quarto, ela pensava no namorado e na mudança de atitude dele. E lembrava-se da sorte de ter tido a carona do amigo motoqueiro, a

noite estava fria e ela teria caminhado sozinha alguns quilômetros. Deitou-se e tentou não pensar no namorado.

O sábado passou e o namorado dela não ligou e nem mandou mensagem. No domingo, choveu e ela ficou em casa lendo e estudando... Nenhum contato dele.

Na segunda, a vida tinha que retomar seu curso cotidiano, ela acordou cedo, se arrumou, separou os livros e um casaco... Desceu tomou café e foi para o ponto de ônibus. Na universidade, viu algumas amigas, mas não parou para conversar. As aulas foram difíceis e sua atenção ficou focada nos professores. Ao terminar as aulas, antes de ir para o ponto aguardar o ônibus, ela quis tomar um sorvete mesmo com o clima frio. Andava tranquilamente com seu sorvete, quando avistou a motocicleta próxima do ponto de ônibus. Lá estava o seu amigo motoqueiro para lhe oferecer uma carona, talvez. Ela olhou para ele e sorriu... Ele perguntou se ela ia para casa almoçar, ela disse que sim. Ela subiu na moto, menos tímida que na outra noite e curtiu o passeio até em casa. Sentia-se quase feliz! Ao descer da moto, ele segurou sua mão, trouxe a menina mais para perto dele. Ela corou envergonhada, ele a abraçou forte e a beijou nos lábios rapidamente. Ela sentiu um aroma cítrico doce que ele exalava, e eles ficaram abraçados alguns minutos. Depois, ele disse que precisava ir.

Ela entrou em casa, meio tonta, meio feliz! Como podia ser que o “badboy” da turma, o mais briguento e com fama de mal educado estava sendo tão gentil com ela. Subiu as escadas até seu quarto e guardou os livros na estante, pensativa. Almoçou em silêncio e depois deu uma volta pela rua para clarear as ideias. Sentou-se na pracinha da esquina e ficou olhando as árvores e os passarinhos. Nem notou o tempo passar, de repente seu celular tocou, ela atendeu. Era o motoqueiro. Ele queria conversar com ela, poderia passar depois do jantar na sua casa, perguntou.

Ela disse que sim, o jantar era servido às 19 horas na casa dela. Ele disse que às 20 horas estaria no portão, eles poderiam dar uma volta de moto até o lago e sentar lá para conversar. Ela gostou da ideia, fazia tempo que não ia ao lago, era longe da sua casa para ir a pé. O prefeito tinha reformado a pracinha em volta do lago, incluindo nova iluminação, bancos e um pequeno quiosque com sorvetes e cafés.

Ela se sentiu levemente tensa na hora do jantar, subiu trocou de roupa, colocou um jeans novo, blusa preta, casaco de couro caramelo e botas pretas. Fez uma maquiagem leve, soltou o cabelo e colocou seu perfume favorito de flores. Quando ouviu o barulho da motocicleta, desceu afobada e avisou a mãe que voltaria antes das 22 horas. Sua família era simples, mas severa com horários e princípios. Os estudos estavam à frente de tudo.

Quando ela abriu o portão, ele estava lá mais bonito do que ela imaginava. Veio logo abraçá-la e ela sentiu certo prazer naqueles braços fortes que a envolviam. Ela disse baixinho que precisava voltar cedo, pois tinha prova no primeiro tempo de aula. Ele sorriu e ela subiu na moto e eles foram dar uma volta grande pela cidade, sempre em silêncio.

Quando chegaram ao parque, ele parou perto do quiosque e eles ficaram olhando o lago, encostados na moto. Ele perguntou se ela queria dar a volta em torno do lago. Foram, **de repente**, já estavam de mãos dadas como se isso fosse comum para eles e ela gostou de sentir a mão dele macia e forte na sua. Andaram em silêncio e depois pararam perto da amendoeira e ele perguntou se podiam sentar um pouco e conversar.

Quem falou primeiro, foi ele. Ela ouviu, surpresa, o que ele dizia. Era um choque para ela, perceber que nunca tinha prestado atenção ao motoqueiro, mas ele era muito diferente do que ela imaginava. Ele contou sobre seus planos para o futuro, sua família, seus irmãos, e sobre o trabalho na oficina do pai. Ela também comentou seus planos quando terminasse a

universidade ano que vem. Ele ouviu atentamente, fez algumas perguntas e ela percebeu que ele se interessava por ela. O tempo passou rápido e tiveram que ir embora do lago. Quando pegaram a moto ao lado do quiosque, os olhos dele a olhavam intensamente.... Ela o abraçou e eles se beijaram longamente... Já na casa dela, ele saltou da moto e abriu o portão do jardim...

E ela acompanhou com os olhos ele descer a rua lentamente até ser engolido pela escuridão. Entrou no seu quarto, muito feliz! Como ele era diferente longe da turma, ele falava baixo e pausadamente. Sua voz era bonita. Os planos dele eram ambiciosos para um mecânico de motos de uma pequena cidade do interior de Minas Gerais. Ela ficou surpresa em saber. E o beijo dele era maravilhoso, muito melhor do que do seu antigo namorado. Um beijo forte, mas não era apressado! Ele gostava de velocidade ao dirigir a sua motocicleta, mas era muito tranquilo ao falar.

Antes de dormir, ela pensou novamente em como o motoqueiro era diferente do que ela pensava - muito diferente mesmo! Adorou...

Quando chegou à aula, antes de começar a prova, viu que ele tinha mandado uma mensagem de bom dia.

Novamente, ao sair da universidade, avistou a moto vermelha perto do ponto do ônibus. Ele viera buscá-la outra vez. Ela gostou desse carinho. Conversaram rapidamente em frente da casa dela e ele foi embora.

Antes do jantar, ele ligou perguntando se poderiam voltar ao lago à noite, ele precisava falar algo importante com ela. Combinaram no mesmo horário. Desta vez, tudo foi mais rápido; assim que eles começaram a passear; ele falou que gostava muito dela, fazia um tempo que se sentia assim, mas infelizmente ela tinha namorado. Mas agora parecia a ele que a situação havia se modificado. Ela confirmou que o antigo namorado não tinha feito contato desde 6ª.feira. O motoqueiro estava com sorte, ela poderia sair com ele, sem preocupações. Ele sorriu e a abraçou ternamente.

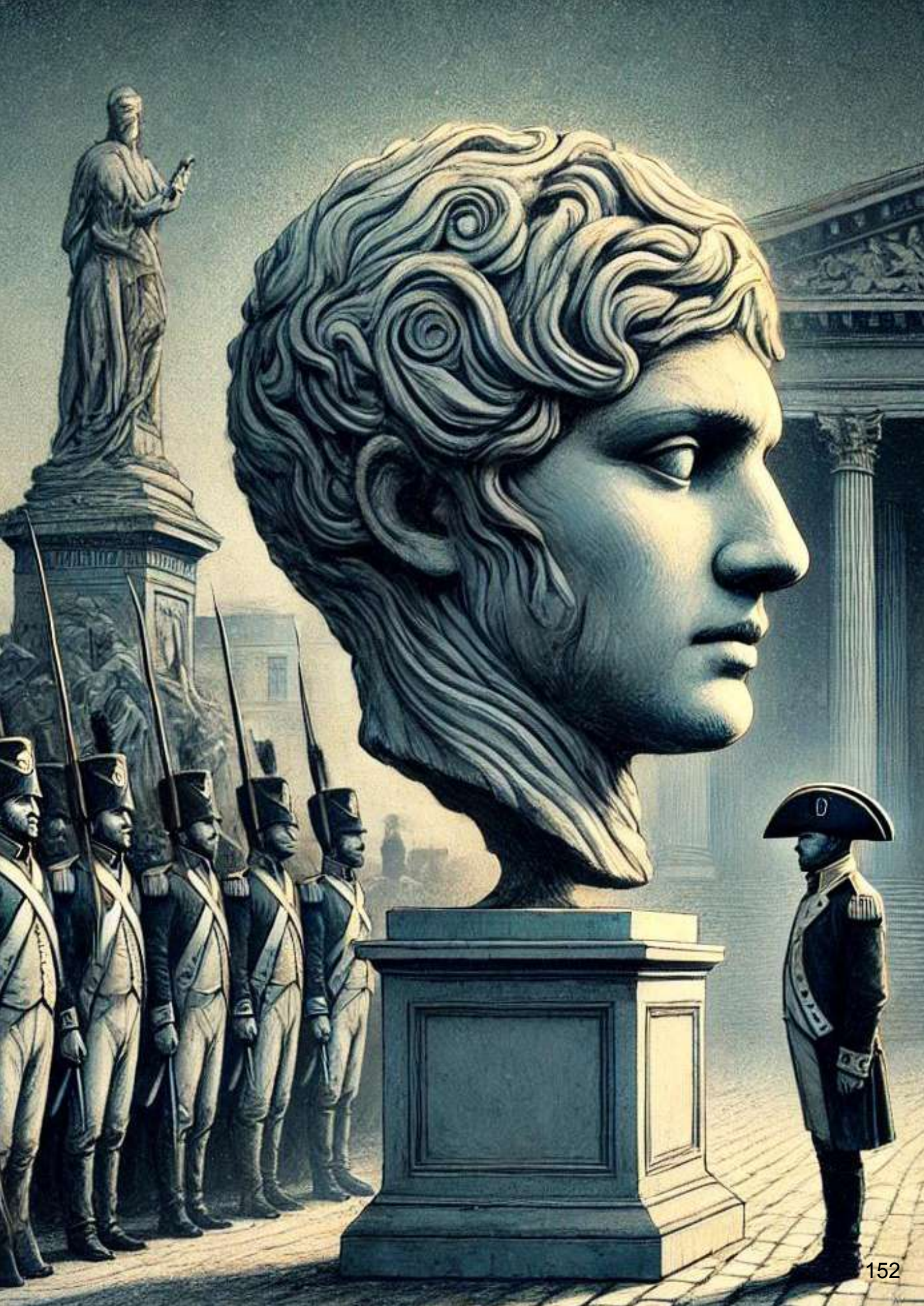
E foi assim que Mônica começou a sair frequentemente com JP. O nome dele era somente João. O P não era um nome - e sim uma adição que ela ainda não sabia a razão. A turma da choperia chamava o João de JP. Mas como eles nunca mais voltaram a sair com a turma, isso agora perdera importância.

Aos sábados, depois de fechar a oficina às 12h, João ia correndo em casa tomar banho, arrumava a mochila e pegava Monica às 14h logo depois do almoço. Cada sábado eles faziam um passeio diferente. E algumas vezes dormiam fora, na cidadezinha próxima que haviam visitado. Mônica nunca tinha tido um namorado assim tão animado, cheio de planos e organizado. Os meses se passaram e quando eles fizeram um ano que estavam saindo juntos, ele disse que ia vender a moto para poder alugar um apartamento para que ela pudesse morar com ele se ela quisesse. João tinha 23 anos, hoje ele tem 50 anos, e a Mônica continua morando com ele, só que num apartamento bem maior, com três filhos, Manuel, Pedro e Suzana. João ainda gosta de passear de moto aos sábados e dormir fora em lugares diferentes. Monica continua pensando que o João é muito organizado, animado e que ficou ainda mais charmoso com os cabelos grisalhos. Os beijos dele ainda são maravilhosos e nada apressados.

Bebel Pozzi



Bebel Pozzi nasceu no Rio de Janeiro, no Brasil. É graduada em Literatura brasileira e inglesa pela Universidade Católica do Rio de Janeiro. Fez especialização em Português como língua estrangeira e trabalha como professora de português para executivos estrangeiros. Os livros sempre foram seus companheiros desde a infância. Ela escreve desde os 18 anos; diários, crônicas e contos curtos. Bebel recentemente publicou um livro infantil “A garota que amava beterraba” pela editora “Ases da Literatura”. Email: isabelcpozzi@gmail.com | Instagram: [bebel_pozzi](https://www.instagram.com/bebel_pozzi). | Facebook: [Bebelpozzi](https://www.facebook.com/Bebelpozzi).



A FALTA QUE FAZ UMA CABEÇA

*Quanto tempo sobrevive uma cabeça
depois de separada do corpo?*

Para falar a verdade, nem dói. Ouve-se lá em cima o deslize acelerado da lâmina, raspando nas laterais da guilhotina, despencando no pescoço. Em seguida, o baque pesado na velha carcaça de madeira faz o mundo tremer. A cabeça voa no ar e avista, num instante extremamente fugaz, a multidão extasiada respirando fundo, as bocas escancarando-se num assombro silencioso. O tempo congela nesse instante. É aqui que a mente, ainda consciente, registra que está morrendo.

Acho que ainda consigo piscar os olhos. Também consigo mexer a língua encostando-a no céu da boca. Um sabor indefinido invade o que restou da garganta, algo misturado de água salobra e sangue. Ouço bem os sons à minha volta, embora não os decodifique com nitidez. Gritos, gargalhadas, algazarra, tossidas, gemidos, mugidos, latidos. Um rumor rosnado do mundo penetrando as trevas profundas emoldura o mundo sensível em volta do cadafalso. A eternidade aproxima-se acompanhada de uma tremenda confusão mental, pois não bastasse o alarido ensurdecedor do ambiente, as sinapses vindas dos pés e mãos ausentes continuam chegando. Até cólicas parecem ter voltado, depois de anos sumidas, mas tudo que consigo enxergar agora são os desenhos trançados dos feixes de palha no cesto de vime. Sinto que alguém me puxa lá de dentro pelos cabelos e chacoalha minha cabeça na frente da multidão gritando meu nome e meus supostos crimes, ressaltando várias vezes o crime de traição ao movimento

revolucionário. É quando consigo distinguir cabeças conhecidas entre as pessoas da primeira fila. Minha família.

Resta resgatar, nesses últimos instantes de consciência, a razão de François Galimbert ter chegado ao derradeiro movimento de suas ações na terra, depositando — contrariadamente, é verdade —, a cabeça num cesto de vime sem a honrosa companhia do resto de seu corpo.

A fome.

Ah, a fome transforma as pessoas. Desmancha os laços que as conservam tolerantes; corrói as sutilezas que as fazem sentimentais, sofisticadas e hipócritas; extermina a indulgência e impulsiona a motivação para uma ação de extrema urgência defensiva. Lembro da fome que empurrou a população da aldeia à revolta como um aríete e lá estava eu, em companhia dos irmãos, empunhando a bandeira da minha paixão e da minha certeza naquele ideal. Invadimos a indiferença dos abastados, demolimos os muros da Bastilha e declaramos os direitos da humanidade em praça pública. Foram momentos de vitória esplendorosa, estupenda conquista da Assembleia e da alma libertária da população.

Mas as famílias e os amigos dividiram-se nas certezas, e o que era absoluto para uns tornou-se relativo para os outros. Convicções fundamentadas rebaixaram-se para paixões inquestionáveis; a fraternidade crítica converteu-se em partidismo cego e obediente; e a possibilidade de um diálogo construtivo derreteu ante o monólogo imperturbável do fundamentalismo. Chegamos à Fase do Terror. O que separa as cabeças dos corpos, os irmãos da família e os amigos da amizade. Personifica a incapacidade de praticar empatia, alimenta-se do fracasso na tentativa de reconhecer o que nos falta pela voz do semelhante e a incompetência de produzir solidariamente algo que realmente enfrente o verdadeiro problema. Qual era mesmo o problema?

Ah, a Fome.

Aqui estou eu, dentro de uma cesta de vime, sem a companhia de meus amigos e de meus irmãos, sem minha família, sem minha aldeia e sem minha cabeça.

E ainda tenho fome.

Ricardo Pegorini



Ricardo Pegorini, nascido em Porto Alegre (Brasil) em 8/12/1961, finalista do 3º Concurso Mario Quintana, primeiro lugar na categoria "crônica" com o texto "Um homem, uma mulher e um batom", publicado na antologia "A Semente e o Verbo" organizada por Caio Ritter, em 2007, e participou das antologias "Inquietude Impressa" (2022), do Projeto Cultural GuapoRock, e da "Alma em Prosa e Verso" (2024), da Editora Panoplia, com destaque para seus textos "Bom dia I, II, III" e "Lágrimas na Chuva".
INSTAGRAM: @cronicas_ricardo_pegorini | SITE: <https://www.cronicando.online/blog>.



PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM: A PARÓDIA EXISTENCIAL

Clarice Lispector, sentada em sua cadeira, olhava fixamente para a máquina de escrever. Seus dedos dançavam sobre as teclas como se fossem os passos de uma dança indecifrável, tão cheia de mistério quanto a própria vida. Não, ela não estava escrevendo. Estava se desafiando a escrever. Um diálogo interior sem fim. Uma interrogação sem resposta.

"Quem sou eu?", pensava ela, enquanto seus dedos pairavam sobre a máquina. "Quem é Joana? Ah, Joana... Ela também não sabe."

Ela olhou para o relógio. O tic-tac parecia zombar da sua busca incessante por sentido. "Por que as pessoas insistem em encontrar sentido nas coisas?", Clarice pensava. "A vida não tem sentido, mas ah, como é gostoso tentar encontrar um."

Ela começou a escrever, como se fosse uma provocação:

"Joana acordou, mas não sabia por que acordou. Ali estava ela, respirando, mas sem saber por que. Não sabia se amava a vida ou se simplesmente existia, como uma flor que brota no campo sem saber o motivo de sua existência. E o que era a vida, afinal? Seria algo para ser vivido ou apenas uma coleção de minutos perdidos?"

Clarice parou, riu, e se recostou na cadeira. "Ah, mas não basta só isso", pensou. "Joana precisa ser mais... mais nada. Mais incerteza. Mais incompleta. Mais... como dizer? Mais Clarice. Sim, ela precisa ser mais Clarice."

E então, como uma chaga existencial, Clarice continuou:

"Joana não sabia o que fazer, então decidiu que não faria nada. Ou faria, mas sem saber o que, o quando ou o porquê. Era uma dessas pessoas que viviam o vazio, o abismo da vida sem explicação. Algo sem começo nem fim. Como o próprio ser humano, que tanto quer respostas, mas se desespera quando encontra uma."

Clarice olhou para o papel, inclinando a cabeça para o lado, como quem observa uma tela em branco que, de algum modo, já está repleta. Era um jogo, um jogo de perder e nunca ganhar, de buscar sem querer encontrar.

"Por que ela não encontra um sentido?" Clarice pensava com um leve sorriso. "Porque ela não quer. E ninguém quer. Todo mundo apenas tenta se preencher com qualquer coisa – com palavras, com café, com amores... até com existencialismo."

Ela se virou para a janela, onde o vento estava começando a bater com força. "Ah, o vento", ela murmurou. "Ele também não sabe onde vai. Está apenas indo."

Então ela concluiu:

"Joana suspirou, mas ninguém ouviu. Ela era invisível até para si mesma. A vida estava ali, à sua frente, mas não havia como vê-la, porque ela não queria. Joana não queria entender. Entender era, talvez, o que a aprisionava, e ela já tinha percebido que não há liberdade em explicações."

Clarice, como se estivesse quase cansada de tudo aquilo, se recostou mais uma vez. "Existir sem sentido, isso é existencialismo, não é? Mas, espera. Quem é o verdadeiro filósofo aqui? Eu ou Joana?"

Clarice sorria, porque sabia que ninguém entenderia. Afinal, como é que você explicaria o inexplicável? O ponto de inflexão de uma alma que não sabia para onde ir, mas, ao mesmo tempo, estava indo para todos os lugares ao mesmo tempo?

Ela sorriu de novo, o que parecia ser uma crítica disfarçada, um convite a uma reflexão sem fim. "E agora?", pensou. "O que fazemos com esse conto? Contamos a verdade ou apenas jogamos mais dúvidas no ar?"

Ela olhou novamente para a máquina. Como um ser que questionava o próprio questionamento, ela não tinha certeza se queria continuar. O que mais restava a escrever quando o único tema era o vazio da escrita?

"Talvez a história acabe aqui. Ou talvez não. Quem sabe?", disse para si mesma, e as teclas da máquina de escrever continuaram a marcar o silêncio do espaço que existia entre uma dúvida e outra.

E, com um leve suspiro, Clarice, em sua paródia de si mesma, finalmente concluiu:

"No fim, nada mudou. Mas não há fim, nem começo, só o ritmo ininterrupto do existir."

E assim, o coração selvagem de Joana, e talvez o de Clarice, continuaram batendo, ou não.

"Eu não sou uma mulher", pensou Clarice com uma risada irônica. "Eu sou o reflexo do que eu vejo no vazio que me cerca. Eu sou a consciência daquilo que ninguém sabe que existe, e ao mesmo tempo, sou apenas um eco distante de algo que foi dito sem que ninguém escutasse."

Qual mulher mortal ousa "ler" Clarice, talvez todas aquelas que somos, sem muitas respostas para tantas interrogações??????

Clarice, (como dizem nos tempos atuais) sendo Clarice!!

Arcangela Pivetta Dos Santos



Arcangela Pivetta dos Santos, Angel Pivetta (pseudônimo), nascida em 24 de maio, na cidade de Vitória/ES, casada, mãe de dois filhos. Bacharel em Serviço Social pela UFES, com Formação em Psicanálise Clínica pela ABPC; professora, pesquisadora, escritora, palestrante, poetisa, coautora dos Livros “Inocência Violada” e “Mulheres Fênix, Renascimento pela Superação”, com publicações em algumas Antologias Nacionais, é Membro da Academia Capixaba de Letras e Artes de Poetas e Trovadores do Espírito Santo – ACLAPCTC; Academia Cariaciquense de Letras – ACL e Academia de Letras Jurídicas do Espírito Santo - ACALEJES. É Policial Civil PCES, atualmente exerce suas funções na SESP. Moradora de Cariacica, participa voluntariamente como membro do movimento “Mulheres de Cariacica”. Email: arcangelaescritora@gmail.com Instagram: [@escritora_arcangela](https://www.instagram.com/escritora_arcangela) [@livroinocenciaviolada](https://www.instagram.com/livroinocenciaviolada).



EIA

A ESSÊNCIA DO EXISTENCIALISMO EM APARIÇÃO

Epifania é uma espécie de sentimento de súbita sensação de entendimento ou compreensão da essência de um fenômeno.

Em *Aparição*, o escritor luso neorrealista Vergílio Ferreira (1916-1996), nascido em Gouveia, Portugal, volta-se para a problemática do homem que procura uma verdade mais profunda de si e da vida, e deseja, acima de tudo, entender o problema de sua relação com os outros, com a arte, e com a razão de sua existência.

O termo *aparição*, segundo o dicionário Houaiss, designa manifestação súbita de um ser, objeto ou fenômeno. Pode ser uma visão fantasmagórica como espectros, anjos e almas, ligada aos fenômenos sobrenaturais. Significa, ainda, gênese, iluminação ou revelação.

Já o termo *epifania*, pode ou não ser sinônimo de aparição. Há dois conceitos, um filosófico, e outro, religioso. Para a religião em si, toda manifestação divina é epifânica. Para a filosofia, significa sensação profunda de realização, no sentido de compreender a essência das coisas, ou seja, tudo o que o âmago esconde ou não traduz. Epifania pode ser, ainda, um pensamento indescritível e único, porque maravilhamento. Clarice Lispector, em *Maçã no Escuro*, fala das epifanias que surgem na vida da personagem Martim. Não à toa, o filósofo existencialista é Martin Heidegger. E a personagem Martim, de Lispector, consegue saber de si e renasce após epifanias.

Para James Joyce, epifania é a “forma pela qual o autor deseja que o leitor veja, sinta e compreenda nítida e absolutamente, o que deseja e como deseja que o fenômeno seja entendido, compreendido, é, portanto, uma forma de tornar legível somente o que o autor compreende, sente e interpreta, uma espécie de tradução por meios de revelação”.

Com relação às personagens, Alberto Soares é um homem solitário, que espalha suas verdades para onde vai. Tem nas veias a arte de inquietar os outros — com os problemas que o ser humano tem em face da existência.

As personagens são: o professor Alberto Soares, o questionador da existência humana; Sofia, Ana e a pequena Cristina, que fazem parte da família do senhor Moura; Carolino, que namora Sofia; Tomás; os irmãos de Alberto Soares, Evaristo e Chico; Alfredo Cerqueira, o marido de Ana, um ser abjeto e superficial, e os pais de Alberto: Álvaro e Suzane. São personagens que se comunicam em diálogos incomunicáveis.

E Alberto é a personagem que irá formar elos comunicacionais sempre truncados, porque fala com todos a respeito de suas indagações acerca da vida, dividindo as personagens em dois grupos: os que refletem sobre a existência e os que não refletem. Ele também cria pares de comunicação — como Alberto e Ana; Alberto e Sofia; Alberto e Chico, Alberto e Carolino; Alberto e Tomás.

Vergílio Ferreira usou a analepse, sequências narrativas que intercalam acontecimentos do passado com acontecimentos do presente. O termo vem do grego *análepsis* que designa recuperação. Ou seja, recuperar eventos do passado no presente, causando idas e vindas, no tempo. O espaço é Portugal, dividido entre Évora e Beira, uma aldeia. O tempo é anacrônico, mas também, histórico, filosófico e psicológico.

Na narrativa, o universo masculino apresenta-se inepto, patético, indigno e parvo. Mas, o feminino é privilegiado pelo autor. As personagens

são divididas em dois grupos: os iluminados, aqueles que refletem sobre a existência humana, e os não iluminados, aqueles que não refletem sobre a existência da vida, e aceitam a realidade tal como ela é. Do grupo iluminados fazem parte Alberto, Sofia, Ana e Evaristo. Do grupo não iluminados fazem parte Tomás, Carolino e Chico.

E a partir dessa divisão, a comunicação apresenta-se dentro dos pressupostos existencialistas, como reflexões sobre a própria vida; a condição humana; a dor física e emocional, o milagre do ser; a fragilidade da vida; a inexistência de Deus; a aleatoriedade que alicerçam os acontecimentos da existência; a inevitabilidade da morte; o mistério do tempo; a angústia, resultado do peso do viver.

A comunicação entre Alberto e as demais personagens, dá-se por meio de diálogos truncados, cheio de ruídos, porque alguns não entendem o discurso, e, também, não o questionam, aceitando a vida como ela se estabelece. Há muitas dificuldades comunicacionais, nas relações entre Alberto e as personagens, até mesmo entre Alberto e Ana, dada a proximidade de Ana com Alberto, sendo ela sua única amiga e confidente.

Nem com Sofia, personagem que exerce um fascínio sobre Alberto, uma mulher que prefere o absoluto da destruição e, por isso, leva longe demais as consequências de estar-no-mundo, a comunicação dá-se sem ruídos.

O romance é fundamentado no Existencialismo. E isso traz grandes problemas, na comunicação, porque ininteligível ao grupo não iluminado, não há cognição e, por isso, Carolino sempre entende o discurso ao contrário. Logo, toda e qualquer mensagem vinda de Alberto, principalmente, quando ele exalta a teoria de que cada homem é único e possui sua verdade independente e idiossincrática, não é aceita nem avaliada.

O discurso de Alberto, dentro dos pressupostos do Existencialismo, vai contra as personagens do grupo que não reflete sobre a existência

humana. Entretanto, há na Teoria da Comunicação, algumas conjecturas que falam da não individualidade do ser, como a Hipodérmica e o Agenda Setting, por exemplo. Teoria em que, cada pessoa, faria parte de um todo denominado massa (de manobra) com características, atitudes e pensamentos coletivos.

Não obstante, há idiossincrasias e revelações de cada ser humano, quando este reflete sobre a própria vida. Para o jamaicano Stuart Hall, só é possível entender a comunicação, quando todos os códigos comunicacionais são decifrados: “Sem interpretar a mensagem, desvendando os códigos, a tendência é o ruído, a aceitação ou a negação do que se consome da informação ocorre, no desvendar dos signos linguísticos e de linguagens”.

E para Alberto, por mais que falasse e argumentasse, havia o grupo que não concordava, porque, simplesmente, não decodificavam os códigos. Não tinham cognitivo para tal.

Para Ferreira, a questão existencialista surge dentro do neorrealismo luso e das próprias tendências do escritor. Para ele, somente a arte pode salvar o homem do peso da existência, por isso, tem, no romance, um lugar especial e demarcado concedido à música que exprime, na obra, cadência, fugacidade, transcendência e o puro absoluto. Epifania pode ser a sensação de considerar como solucionado algo que não se compreendia antes da iluminação.

O fardo de viver é amenizado pela natureza, com suas montanhas e planícies, seus oceanos e marés, suas cores e cheiros. O sentido cósmico simboliza, no existencialismo, a ideia de permanência. No pensamento existencialista, que habita a mente de Alberto, há um deus que o perturba constantemente e, disso sobejam interrogações sobre a fugacidade da vida, da própria condição humana e dos problemas que ela carrega de forma profundamente abissal. E nesse emaranhado, ele tenta mostrar que a vida

é uma “coisa” maravilhosa, e que o reconhecimento da morte ajuda a perceber o que de extraordinário se perde quando se perde a vida.

O protagonista, Alberto Soares, procura constantemente a realidade da existência e, para tanto, deseja descobrir, Individualmente, que há, em cada ser, a revelação de si mesmo: “Sinto nas vísceras a aparição fantástica das coisas e das ideias de mim”. Quando chega à Évora, está depressivo, enlutado, porque seu pai morrera. Na cidade, ele encontra o antigo amigo de seu pai, o senhor Moura. E por intermédio dele, conhece as filhas dele: Ana Cristina e Sofia. Albert vai à Évora para lecionar, e Moura o convida para ensinar suas filhas. É assim que tudo começa.

Alberto é uma personagem atormentada que considera a criação, uma verdade da vida, mas uma criação que não se apreende nem se soluciona — como uma doença. Para ele, a morte é uma violência estúpida: “O nada absoluto da morte atordoa”.

E as relações estruturam-se em figuras como paradoxos e antíteses. O narrador é autodiegético, ou seja, de ação e onisciência. No romance, ele se constrói em retrospectiva, em flashbacks e digressões. É um narrador que conta sua própria história, mas é, também, personagem principal. Di-egético é um vocábulo que vem do grego *diégeses* designando narração. O prefixo *auto* antecede ao termo *diegético*. Há diferentes narradores diegéticos, como, por exemplo, os autodiegéticos, exemplo do narrador em *Aparição*, os homodiegéticos e os heterodiegéticos. Nos romances autobiográficos, o narrador é homodiegéticos. Nas narrações heterodiegéticas, o narrador personagem é secundário.

Alberto não crê nas redes da paixão, mesmo tendo um fascínio por Sofia, e suas respostas a tantas indagações não se concluem. Para ele, cada um é responsável por sua paixão, mesmo assim, tudo isso o angustia de forma tal que se vê emaranhado ao perceber-se condenado a cada instante a reinventar-se e a reinventar o outro. Para a personagem Tomás, irmão

de Alberto, o problema de seu irmão é a falta de fé. Tomás, por ser cristão, não teme a vida nem a morte, para ele, a vida é um milagre e a morte um sono eterno. Um descanso.

É uma obra difícil de entender, porque, o existencialismo fala do âmago do ser humano. Mas oferece ao leitor a descoberta, a evocação, a revelação e a aprendizagem sobre a existência. A verdadeira ação circunscreve-se nas atitudes e nas reflexões em face da presença do homem, no mundo, e a concepção trágica da condição humana. É, portanto, uma obra para leitores de alma já formada — como os leitores de Clarice Lispector, James Joyce, Rosa Luxemburgo, Camille Paglia, Edgard Allan Poe, Sigmund Freud, Fernando Pessoa, João Cabral de Melo Neto e Immanuel Kant.

O Existencialismo surgiu, primeiramente, com o dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855); segundo, com o alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900), e terceiro, com o alemão Martin Heidegger (1889-1976). Mais tarde, outros aderiram ao Movimento Filosófico, como Albert Camus, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Michel Foucault. O Existencialismo está alicerçado, no postulado principal de que a reflexão humana não deveria incidir sobre a essência, mas sobre a existência, o que pressupõe a aceitação da liberdade do homem em face de Deus.

Portanto, *Aparição* revela as principais ideologias e a corrente filosófica que marcaram o século XX em uma intersecção: “o homem primeiramente existe, descobre-se, surge no mundo, e só depois se define”.

Para o filósofo francês Jean-Paul Sartre (1905-1980), “o homem, tal como o concebe o existencialismo, se não é definível, é porque primeiramente não é nada, só depois existindo é que será alguma coisa e tal como a si próprio se fizer”.

Para o existencialismo, a existência precede a essência, ou seja, o homem existe apenas, e só depois pode saber quem é, porque o ato de existir

o conduz à descoberta do ser que existe dentro dele: Assim, “não há natureza humana, visto que não há um deus para concebê-la”, diz Sartre. Para Camus, a vida é absurda e o homem está condenado ao vago: “Devemos viver integralmente, de forma que à vida seja devolvido valor e majestade”.

Para Beauvoir, só a liberdade retira da vida o fardo da existência. As mulheres devem se libertar das amarras sociais e assumirem sua liberdade individual, descobrindo-se.

A ausência do Determinismo é uma das características do existencialismo: “o homem é livre e seu destino é construído por si mesmo, no mundo, e independentemente de qualquer desígnio divino ou da natureza; o homem é responsável por tudo o que faz e essa responsabilidade estende-se para o outro, uma vez que aquilo que fizer afeta diretamente todos que o rodeiam; a percepção é sempre subjetiva no sentido de que essa mesma percepção resulta da constatação da própria condição humana”.

A percepção objetiva da realidade não é possível, porque o homem se angustia e revela necessidades e comportamentos que o prendem a situação da natureza universal. Logo, a percepção é subjetiva.

Outra característica do existencialismo é: “A solidão marca a existência; e a liberdade provoca a solidão, o homem é um ser só. Está, portanto, condenado a inventar e a reinventar a si a ao outro, explicando-o em sua época e ocasião, dentro de uma determinada realidade”. Logo, no existencialismo, o homem livre necessita, urgentemente, de encontrar razões para a vida e para a morte e, primordialmente, para o absurdo que esses dois representam diante do ser humano. E Alberto tenta buscar uma verdade colocando suas opiniões sobre tudo e perante todos, comunica-se, ininterruptamente, tentando encontrar algo em que possa alicerçar-se.

Maria Joaquina Nobre Júlio estuda as obras de Ferreira, para ela, *Aparição* fala dessa angústia de viver, constantemente, sem saber o porquê,

e que a personagem Alberto busca respostas para eliminar essa dor. Para tanto, interroga sobre a estupidez da morte em face da vida. Nesse sentido, a personagem revela o milagre que constitui cada aparição, termo repetido 29 vezes na obra, todas em busca da descoberta do eu. “O objetivo da obra é chamar atenção para a necessidade urgente do homem se descobrir, redescobrir-se, redimensionar-se em seus limites para calcar e entender o absurdo da morte”.

A obra revela as preocupações ontológicas do ser, quer do que o cerca, quer dele próprio e de sua fundamentação. *Aparição* segue as reflexões da filosofia sobre o homem, valoriza o homem dando a ele a existência, prioridade absoluta sobre a essência, pois o homem é invenção dele mesmo.

A existência humana é o *ser-no-mundo* marcado pela finitude original. “O mundo aparece e desaparece numa relação com as vivências do eu e a busca do que está além do domínio do intangível e do inexistente. Para os existencialistas, o homem para encontrar a si mesmo não precisa de Deus, Alberto procura o absoluto que há em cada homem, mas sem o divino”. Segundo Sartre, “mesmo que Deus existisse, qual seria a diferença, em nada mudaria”.

Em *Aparição*, há um olhar voltado para dentro de si e para a realidade dos outros, e a saída para a redescoberta de si dentro da condição humana. Ferreira explora o que na condição humana perturba o homem e, desse modo, faz sua obra ser um verdadeiro aprendizado existencialista; um aprendizado da própria vida e dos limites do homem; um caminho para que o leitor possa encontrar a si mesmo.

“A obra gira em torno do milagre do ser, do aparecimento de *nós para nós mesmos*”, diz Maria Joaquina. E esse aparecer resulta de uma reflexão da consciência sobre si mesmo e da relação com os outros e com o mundo. “A vida é uma criação”, diz a personagem Alberto Soares. E a

história se passa na relação, e nos diálogos de Alberto com as três filhas dos Moura: Ana, Cristina e Sofia.

Para Alberto, o mistério de estar vivo revela-se pela vibração e pelo espanto, a vibração da experiência vivida escapa à razão. A vida, segundo ele, coloca-se perante o absurdo da morte. Existir é ser um *ser-para-a-morte*. Por esse motivo, a morte é angústia e fascínio, pois incita a vida na própria tensão que contém: "a vida está entre duas noites: nascimento e morte". A obra revela a morte, faz o leitor descobrir a morte do homem, do mundo, dos outros, dos sentimentos, do mundo dos prodígios e das grandezas.

Alberto Soares interroga-se sobre o entendimento dos sentimentos e das emoções, verifica que a razão é autônoma, mas as emoções do corpo surgem frequentemente, e bem antes da ordem da razão. Porém, o homem necessita da razão para tomar consciência de sua condição humana. É na cidade mítica e na mística que a história se passa, Évora, Alentejo, em Portugal, espaço de angústia e de solidão, espelho da dor do eu, é uma cidade labiríntica a expressar as inquietações das personagens, um lugar metafísico, enquanto abre-se ao infinito, e existencialista — ao alimentar a busca do eu. Tudo ocorre em Évora.

No enredo, os símbolos cósmicos permitem a compreensão das realidades mais profundas ligadas à origem da vida e ao processo criador. O professor Alberto Soares leciona no Liceu de Évora, ele é um *diegese* e, muitas vezes, confunde-se com o narrador. Preocupado com as questões fundamentais da vida, não consegue superar a melancolia que o cerca. Então, ele fala consigo, fala com o outro e quer respostas.

O enredo, também se passa, na Beira, lugar onde morou o protagonista quando criança. O pai Álvaro era médico e, a mãe Suzane, depressiva, após anos de desinteresse pela vida, vem a falecer. Mas na Beira, restam-

lhe primos, as cunhadas Júlia e Isaura, os irmãos Evaristo e Tomás, e os sobrinhos. Isso significa que Alberto Soares tem família.

O sentir-se só vem do teor existencialista. Evaristo é seu irmão mais novo: “magro e alto, articulado como um boneco de lata, irrequieto, e quase sempre bem-disposto, cruel e amável, egoísta e generoso, eles não se relacionam muito bem”. O narrador também não perdoa ao descrever a cunhada Júlia de forma debochada: “gorda, tendendo à elefantíase”.

O irmão mais velho, Tomás, é um sujeito sensato, dono da própria lavoura, casado com Isaura, e mostra-se feliz. Mas houvera um tempo em que se angustiara com a questão existencialista da vida, no entanto, por algum motivo, alcançara a paz.

Mas tudo começa quando Alberto conhece a família Moura, em Évora, o casal com as filhas Cristina, Ana e Sofia. As duas últimas levam o papel de *existir no mundo* até o limite. E Cristina, a mais nova, representa a memória da humanidade com sua arte.

Sofia é jovem, tem um olhar maravilhoso: olhos vivos e vibrantes, corpo intenso e maleável, mãos brancas e sutis, uma beleza demoníaca como uma criança assassina, fulgura-se, nos olhos líquidos, na face branca e na boca ávida e sangrenta, a provocação e a sensualidade. Ela é feita de entusiasmo, de desespero e de loucura. Tem personalidade difícil desde criança, desafia e provoca a todos, foge das convenções sociais e morais e, até mesmo, da própria vida, pois tenta suicídio várias vezes. Leva até as últimas consequências o *estar-no-mundo*. Sofia é lunar, noturna, debochada, irônica, dotada de excessiva energia e prefere o absoluto da destruição a paz. Tudo nela é enigma desconcertante, seu canto, como o das se-reias, é inebriante, sedutor, violento e fatal.

Alberto conhece Sofia por intermédio do pai dela, o senhor Moura, que contrata aulas para a filha, e ao dar-lhe aulas de latim surge um sentimento

entre eles, algo perturbador, e os dois se relacionam eroticamente, e Sofia sabia da vertigem da vida.

Ela representa fracasso e negatividade, é a própria experiência da paixão. Sofia traz a Alberto coisas que ele não domina. A atração é impetuosa, vertiginosa, com conotações de violência e periculosidade do ser que se procura. Essa relação marginaliza o próprio Alberto, como, também, o Liceu em que leciona e, a até mesmo, a própria sociedade.

Sofia, também, relacionava-se sexualmente com Carolino, e ao saber de Alberto, movido pelo ciúme, Carolino tenta matá-lo. No entanto, durante a confusão, tentando matar Alberto, mata Sofia. A ousadia e o destemor de Sofia pagam com a morte, assassinada com um punhal. E tudo é efêmero.

Ana, face magra, olhar vivo, cabelos longos e lisos, casada com Alfredo Cerqueira, um homem grosseiro. Ela passa, também, a se comunicar com Alberto ao ler dois livros dele. Mulher inquieta e inteligentíssima que seduz Alberto por sua sabedoria. Sente-se tocada por Alberto, pelos livros de Alberto, e por suas considerações existencialistas, parece haver uma intercessão entre a verdade de Ana e a de Alberto, tanto que ele pensa que ela, assim como Sofia, sabia do abismo da vida.

Ana não pode ter filhos, sente-se angustiada, por isso, e esta angústia revela-se frustrante. É por isso infeliz e sente-se humilhada perante o marido. Alfredo Cerqueira é um homem social comum, do grupo dos não iluminados, adora mostrar suas posses, ele só tem preocupações são fúteis: “Ele não tem ética, não tem cuidado com o que diz, pior, ainda, nem com o que veste”, diz o narrador.

Ana, para não morrer de angústia, transfere suas preocupações para a irmã mais nova, Cristina, a menina que toca piano. Após a morte da caçula, Ana consegue encontrar paz adotando dois filhos de Bailote, um pai que havia praticado suicídio e deixara órfãos os pequenos. Ana representa

a angústia metafísica e a integridade com o regresso do equilíbrio interior. O narrador aqui, pergunta-se por que as pessoas são covardes, jogam-se na vida como se ela tivesse uma solução.

Cristina, uma menina de sete anos, loura como o centro dos girassóis, toca Chopin. Ela é pura arte, não questionava nada, pois se revelava com a música, era a essência, e apresentava um mundo maravilhoso de harmonia. “A inocência estampada em seu rostinho tornara presente o mundo do príncipe e da grandeza. Cristina era uma aparição maravilhosa, e sua música era reveladora”. A garota morrerá tragicamente aos sete anos, mas para o narrador, a música e o silêncio da morte serão para sempre uma amargura presente na memória de Alberto.

Alberto sabe que Cristina, dotada de pureza, representa além do que a feição humana permite, não pertence ao mundo terreno e, através da morte, vai possibilitar a exaltação integral da condição humana: “Ter a evidência ácida do milagre do que eu sou, de como infinitamente é necessário que eu esteja vivo. E ver depois, em fulgor, que tenho que morrer”, diz Alberto.

Ora, Cristina e sua força mágica sonora continuarão vivas, na memória de todos, executará infinitamente Chopin, e este fato é inspirado na razão e na realidade, segundo Maria Joaquina. Para ela, Vergílio Ferreira representa, com Cristina, a sobrinha afilhada Dorinha, que tocava Chopin, principalmente o *Nocturno 20*, e dedica a ela *Aparição*. E, ainda, segundo a crítica lusa, Maria Joaquina, nas festas de aniversário do padrinho, era Dorinha quem tocava Chopin ao tio. Trata-se, pois, de um romance autodieético.

E, com o romance, Vergílio resgata memórias particulares e questões existencialistas, deixando para o leitor, reflexões sobre a condição humana, e deixando, ainda, a ideia de que viver é maior do que morrer. E

assim, o autor subverte a ideia angustiante do peso da vida, dando algumas saídas para o absurdo da morte, perante a vida.

Vergílio Ferreira escreveu inúmeras obras, e ganhou prêmios — como o Magnum Opus (1980); Prêmio Diniz (1981); Prêmio de Melhor Romance da Academia Portuguesa (1987); Prêmio Camões (1992), e Prêmio Literário de Melhor Romance (1995). Escreveu *O Caminho fica longe* (1943); *Onde tudo foi morrendo* (1944); *Vagão “J”* (1946); *Mudança* (1949); *Manhã Submersa* (1954); *Cântico Final* (1960); *Alegria Breve* (1965); *Nítido Nulo* (1971); *Signo sinal* (1979) e *Na tua face* (1993).

Com *Aparição*, Vergílio ganhou o prêmio mais famoso de Portugal: o Magnum Opus. Para quem gosta do Existencialismo, a obra é puro exemplo em forma literária, além do que, o autor é nada mais, nada menos que Vergílio Ferreira.

Vânia Coelho



Nascida em São Paulo, Capital, é jornalista, palestrante, escritora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, trabalhou em vários veículos de comunicação, e lecionou por mais de 30 anos em universidades, nos Cursos de Jornalismo, Direito, Psicologia e Letras. É membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira de Nova York. Foi orientadora de Trabalhos de Conclusão de Curso, TCCs, das turmas de Jornalismo; editora-chefe do jornal Institucional **Contraponto**; redatora-chefe do **Cinco Minutos UnG** e coordenadora do **UnGNews**. Sua carreira jornalística deu-se dentro das academias. Trabalhou, também, na rádio web *De*

Prima, responsável pela **Agenda Cultural**, às quintas-feiras - com dicas de filmes, peças de teatro, shows, exposições e livros. Compôs o Júri Internacional do FESTFRANCE – mostra francesa de 2021 que engloba animação, filmes e curtas. Alimenta o site <http://literacomunicq.blogspot.com.br> - com resenhas críticas de cinema e literatura. É autora de *Ritos Encantatórios*; *Aspectos Teóricos da Linguística*; *Mulher na Idade Média* – In: História e Resistência; *Costureira dos Malditos*; *Os Inocêncios*; *Café com Sartre*; *Tormenta e A Incrível Lenda da Inferioridade, volume I*. Este último lançado em maio de 2021, em Portugal, disponível nos formatos digitais e físicos. O formato físico encontra-se nas livrarias Martins Fontes, Cultura e nos sites da Amazon. Lança em março de 2023, mês em que se comemora o Dia Internacional das Mulheres, o volume II de *A Incrível Lenda da Inferioridade*, em que denuncia as atrocidades misóginas contra o feminino e ressuscita fragmentos da vida e da luta de mais 33 mulheres, cuja importância social, política, científica, artística, cultural e econômica, o sistema patriarcal desautorizou. Os volumes I e II da obra *A Incrível Lenda da Inferioridade* resgatam o nome de 66 mulheres reais que foram silenciadas, ocultadas das páginas da história oficial. O volume II também denuncia as atrocidades (práticas cruéis) direcionadas às mulheres desde tempos primórdios. Hoje, milita em prol da igualdade de gênero com palestras e debates, de modo a fazer o ouvinte refletir sobre o direito à liberdade e à felicidade. Atualmente, tem palestrado com frequência na Casa de Cultura Odisseia, em São Paulo, e participa, ainda, de forma contínua, dando entrevistas em diversas emissoras de rádio, televisão e internet sobre os seus livros.



NARCISO E A ERA DIGITAL

O mito grego de Narciso fala de uma vaidade exacerbada, acrescida de arrogância e orgulho. Narciso, ao contemplar seu rosto na superfície de um lago, fica tão embevecido com a própria imagem que não consegue parar de mirá-la. Ali perece de inanição, pois não consegue sair e viver sua vida. Torna-se vítima de uma narcose fatídica, que o impediu de ter a vida longa e plena profetizada pelo oráculo Tirésias quando nasceu. Morreu cedo, como escravo e vítima de sua própria beleza, que se tornou seu algoz.

Todos os dias, as mídias derramam conteúdos diversos de diferentes *influencers*, inundando as redes sociais. A atividade expõe a intimidade, tornando a vida privada, pública, sem limites de exposição. Toda essa exibição busca admiração, seguidores e, em alguns casos, suprir a necessidade de segurança em relação à própria imagem. E, pior, envolve muita mentira: uma ficção montada para agradar, que por vezes se torna até roteiro de filmes.

Pode-se argumentar que é apenas trabalho, uma nova profissão, mas, por trás disso, há vários pontos a serem considerados, tanto para quem se expõe, quanto para quem acompanha a exposição alheia.

A realidade difícil e limitada da maioria das pessoas torna-se "desinteressante", diante da vida "emocionante", vivida por celebridades digitais. A "monotonia" da vida cotidiana, ganha cores ao ser comparada às experiências alheias. Observar as aventuras e o glamour das celebridades, nas redes sociais, "supre" a necessidade de emoção, inserindo os seguidores em um mundo paralelo de realidade virtual. Sentem-se como se vivessem a vida de quem seguem e, tão absortos nessa prática, esquecem-se de viver a própria vida. Entram em um estado de narcose, como o Narciso do

mito. Não paralisados pela própria beleza, mas pela "bela vida" de quem seguem. Talvez trazendo de volta, em nova roupagem, o velho conceito romano do "pão e circo." Infelizmente!

Essa contemplação torna-se, muitas vezes, doentia, tanto para quem segue quanto para quem é seguido. Igualmente, há o ego exacerbado e a inércia contemplativa presentes no mito grego.

Muitos seguidores tornam-se frustrados diante da impossibilidade de vivenciar as mesmas experiências, desfrutar da mesma fama e atenção. Alguns se tornam inconvenientes; outros, apáticos, pois se consideram derrotados e incapazes; e há ainda, os que se tornam perigosos. Se tornam um atentado a segurança de seus ídolos.

Pode-se pensar que o problema é novo, mas, se olharmos para o passado, veremos John Lennon sendo morto por um fã. Se analisarmos a cultura dos dramas coreanos, perceberemos artistas desistindo da vida, por não suportarem a pressão, ou a perseguição de fãs que extrapolam limites. Muitos precisam manter relacionamentos e famílias escondidos, devido ao terrorismo emocional causado por fãs fanáticos, que perdem a noção entre realidade e a ilusão de um drama, criado para entreter. E quando essa exposição midiática atinge o extremo, as consequências podem ser devastadoras. Bons artistas, desistem de viver, por não suportarem mais a perseguição.

Voltando à perspectiva dos *influencers*, aqueles que produzem conteúdo, esses frequentemente se frustram, com o vazio das relações interpessoais. Sofrem de ansiedade, pois precisam constantemente criar novidades atrativas e emocionantes para manter e aumentar a audiência de seguidores ávidos, seja para obter ganhos financeiros, seja para suprir seu egocentrismo.

Seja qual for o caso, o estupor soporífero causado pela nova realidade midiática, impede a análise, o questionamento, e a ação por parte de

alguns indivíduos. Eles estão sujeitos às intervenções e direcionamentos da mídia e de suas celebridades, sendo carregados pela avalanche de opiniões e *achismos* alheios. Suas consciências são moldadas por interesses comerciais e ideológicos, comprometendo sua autonomia e individualidade, bem como a diversidade de perspectivas sobre a vida e o mundo. A fronteira entre o certo e o errado, o permitido e o não permitido, se desfaz. Tornando a sociedade uma massa manipulável diante de interesses escusos e más intenções.

Estamos diante de uma nova forma de narcose fatídica social. Resta saber se o desfecho será diferente do de Narciso, ou se seguiremos o mesmo caminho trágico. A escolha ainda depende de cada pessoa. Embora a consciência de muitos, esteja embotada, pelo "pão e circo."

Glenda Brum de Oliveira



Glenda Brum de Oliveira, é de SC. Tem 5 livros publicados e participa em mais de 150 antologias. É membro de 12 academias literárias, no Brasil e no exterior. Prêmios Diamante das Artes e Educação da Áustria Culture Brazil House; Destaque Literário e Melhores do Ano; Prêmio Sul Brasileiro de Literatura; e Latino Americano de Poesia. As comendas Jane Austen, Machado de Assis, Pablo Neruda, Anita Garibaldi e a de Maria Firmina dos Reis. Colunista das Revistas Casa de Escritores e Autorretratos; colaboradora da Revista The Bard e do Jornal Rol. Participou do Festival Cultural do Brasil, em Viena. Recebeu os diplomas Caneta de Ouro e Mérito Literário da FEBACLA. Condecorada com os títulos de título Embajadora de La Paz; Doutora Honoris Causa, em Literatura, Chanceler das Artes, no Prize of Artes; o título de Grão- Mestre das Artes; e o título de Embaixadora Cultural Brasil África.



SOB AS MÁSCARAS DO CARNAVAL

Era a terça-feira de carnaval de 1918. As ruas do Rio de Janeiro pulsavam com a alegria contagiante da folia, enquanto os lampiões a gás lançavam uma luz amarelada sobre os foliões. O Cordão do Bola Preta, já célebre por arrastar multidões, espalhava pelas ladeiras um mar de fantasias e vozes em coro. Serpentinhas voavam, confetes colavam na pele suada, e o cheiro de suor se misturava ao de pipoca e cachaça vendidas nos cantos das ruas.

Entre a multidão, destacava-se uma Colombina de vestido simples, feito de chita colorida, mas com um capricho que chamava atenção. Os babados rodopiavam com seus passos rápidos, e sua máscara negra – de papelão pintado – realçava os olhos vivos e travessos. Era Rosa, moça do Morro da Conceição, vendedora de quitutes e famosa no bairro por sua língua afiada e risada contagiante. Trabalhava duro o ano todo, mas no carnaval, ah... no carnaval era rainha da própria história.

"Sai da frente, que a Colombina vai passar!" gritou ela, empurrando de leve um grupo que dançava no meio da rua. As pessoas riam, abrindo espaço. Rosa girava, os pés descalços ganhando as pedras da rua com uma destreza que só a vida lhe ensinara.

Do outro lado da praça, um Pierrot de traje impecável observava. As roupas brancas, passadas com esmero, denunciavam a origem abastada. Antônio, filho de um comerciante português, estava ali mais por insistência dos amigos do que por gosto. Mas seus olhos se fixaram nela – aquela mulher que rodava, ria e parecia feita de pura liberdade. Fascinado, aproximou-se.

"Posso ter essa dança?" perguntou, estendendo a mão com certo nervosismo.

Rosa parou de rodar, lançou um olhar de cima abaixo. "Ora, o Pierrot fala bonito... Mas será que dança?"

"Posso tentar."

"Tentar? Aqui é carnaval, moço! Ou dança ou sai da roda!" disse ela, mas seus lábios escondiam um sorriso. Pegou a mão dele. "Vamos ver do que você é feito."

No compasso da marchinha que ecoava pelas ruas, eles se perderam em giros e gargalhadas. Antônio tropeçava nas primeiras tentativas, o que fazia Rosa rir alto. "Você dança como se tivesse dois pés esquerdos!" zombou.

"Talvez eu precise de uma professora..." retrucou ele, com um brilho nos olhos.

"E quem disse que eu sou de graça?" respondeu ela, erguendo a sobancelha. "Ensino se pagar uma, lá na barraca da Dona Nega!"

"Fechado." E lá foram eles, rindo e bebendo num brinde improvisado.

A madrugada avançava, e a conversa fluía entre um passo e outro. Falaram da vida – ele, das viagens que nunca fez; ela, dos sonhos que guardava entre as roupas no varal. "Queria ser cantora de rádio... Já pensou? Rosa do Morro, a voz que faz o Brasil chorar!"

"Eu ia escutar todo dia," disse Antônio, sincero. Ela desviou o olhar, sentindo o coração bater mais rápido.

Mas a aurora começava a tingir o céu, e Rosa olhou para o horizonte. "O dia não espera ninguém, Pierrot... Tenho que ir."

Ele segurou sua mão. "Antes... deixa eu ver teu rosto."

Ela hesitou. "Pra quê? A fantasia é mais bonita do que a verdade."

"Eu quero a verdade."

Devagar, Rosa tirou a máscara. Os olhos dele não mostraram surpresa, apenas admiração. "Linda," sussurrou.

"Agora é tua vez," disse ela. Quando a máscara dele caiu, Rosa riu. "Sabia que era cozinha de família rica! Mas... gosto do teu sorriso."

Ele a puxou para um último beijo, doce e apressado como a própria noite. E então ela se desvencilhou. "Adeus, Pierrot. A vida chama e eu tenho que responder."

Sumiu na multidão, deixando apenas o perfume de flor de laranjeira e confetes no ar. Antônio ficou ali, olhando o dia nascer. Pelas ruas vazias, um bêbado cantava desafinado: "O amor quando é de verdade... nem máscara consegue esconder."

E assim, enquanto a cidade despertava, dois corações carregavam a lembrança de uma noite de carnaval que duraria para sempre.

"Carnaval, desengano

Essa morena me deixou sonhando

Mão na mão, pé no chão e hoje nem lembra, não

Quarta-feira sempre desce o pano"

(Sonho de Um Carnaval - Chico Buarque/1966)

Ari Göisler



Sou Aricele Geisler, natural de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Cresci na icônica Praia do Cassino, a maior praia em extensão do mundo, onde os vastos horizontes e a brisa do mar moldaram minha paixão pela educação e pela escrita. Sou Professora, Historiadora, Geógrafa, Psicopedagoga e Pós-Graduada em Psicologia Positiva. Desde pequena, fui imersa em um universo repleto de livros, uma herança dos meus pais, ávidos leitores. Essa convivência despertou em mim um amor profundo pela leitura, que vejo como um pilar fundamental para o desenvolvimento cognitivo de crianças e jovens. Acredito firmemente que a leitura é o caminho para a construção do conhecimento e, por isso, os livros devem ser acessíveis e democráticos, essenciais para o crescimento de todos. Minha paixão pela literatura me levou a escrever meu primeiro livro infanto-juvenil, "Os Rabiscos Coloridos", publicado em 2021. A aventura continua com meu mais recente trabalho, "O Menino que Tinha Medo de Trovão". Além dos livros, dedico-me à escrita de contos e crônicas sobre os mais variados temas, explorando sempre novas histórias e perspectivas. Instagram: @escritora_aricele_geisler.



DEUS TAMBÉM SENTE TÉDIO

Deus acordou entediado aquela manhã. Pensou em enviar uma chuva de peixes. Bobagem! Os humanos não entendem a metáfora e ainda comem os bichos. Já tinha mais que se arrependido de ter criado essa raça. Não evoluem de jeito nenhum e sempre dão um jeito de voltarem pior ao ponto de partida. Já tinha mandado guerras, pestes e fome, que continua matando o povo, principalmente depois da última peste, já que a economia estava mal das pernas para quase todas as nações. Para quem não se lembra, a última peste foi a Covid e não o streaming. Morreu uma meia dúzia que não servia para nada mesmo. Ahhhh! E agora tem vacina e smart TV melhorada. Pensou nos gafanhotos. Bobagem! Vão comer também. Principalmente na Ásia. E aquele arremedo de anticristo? Qual? O americano ou o babaca brasileiro, que imitava o made in América? Nenhum dos dois serviu para coisa alguma. Só me passaram raiva. Uma chuva de sangue, talvez! Nada, a ciência diz que tem elemento químico na atmosfera que dá aquela cor vermelha. Bando de inúteis! Um meteoro triscando a Terra? A Nasa vai interceptar. O que eu faço, então, para acabar com esse mundinho chato?

- Mas, Senhor... interfere o Arcanjo Miguel, já acostumado às biles azedas do Criador. Por que quer acabar com a Terra? Estão quase passando para a quinta dimensão. Tem gente boa lá. Pouca, é verdade, mas alguns se salvam. Vamos dar mais um tempinho. Afinal, a Inteligência Artificial já está aí, dando as caras, logo, logo vai dominar tudo e o Senhor não vai ter nem trabalho.

- Ahhh, Miguel, você até parece que não conhece os humanos. Eles vão dar um jeito de enganar a coitada da Alexia, principalmente, os brasileiros, que enganam todo mundo.

- Mas, Senhor, um planeta tão bonito quanto a Terra. Cheio de lugares deslumbrantes.

- Tudo virou desculpa para postar no Insta, Miguel, e ostentar o que não têm... Ahhhh, estou farto!

- Mas, Senhor, e a poesia, a literatura, a música, a pintura... quer acabar com tudo isso também? Olha aí, Chico Buarque acabou de ganhar o prêmio Camões...

- Deixe disso, Miguel, Chico já tinha ganho há muito tempo, só não tinha levado por culpa ou graça daquele infeliz, sei lá. E o que o povo da Terra sabe sobre isso? Eles não leem nem o twitter que só tem 140 caracteres... tudo ignorante e preconceituoso... Estou farto!

- Está certo, Senhor. Não falo mais nada. Acabe mesmo com tudo. Se isso vai te fazer feliz! Mas aviso, não vai ter ninguém, nem nenhum planetinha para descontar o mal humor depois. O único que está em processo de evolução é a Terra e, pelo visto, vai demorar. Vai ficar aí a eternidade inteira tendo que lidar com os arcturianos, que já estão na nona dimensão, já viraram éter e as outras raças também estão todas evoluídas. Vai falar mal de quem depois?

E Deus coçou as barbas brancas e ajeitou a túnica impecavelmente translúcida naquela manhã negra, pensou um pouco e disse:

- Vai lá, Miguel, me pega um antiácido e não deixa mais o Lúcifer roubar de mim no pôquer dos sábados à noite. Todo domingo é a mesma coisa. Acordo querendo destruir a Terra. Um dia não vou me controlar, nem você. Mas hoje vou deixar tudo como está.

Miguel respirou aliviado e foi cumprir a ordem dada. Mais uma vez salvou o mundo e os terráqueos nem sabem o quanto estiveram por um triz...

Ana Beatriz Cabral



Ana Beatriz Cabral nasceu em Piracicaba, São Paulo, mas mora em Brasília desde a adolescência. Atua como especialista em políticas públicas e gestão governamental desde 2000 e combate a burocracia com literatura. Formada em Letras, com Mestrado em Literatura e Doutorado em Educação, escreve desde sempre, mas começou a ter poemas e contos premiados e publicados, recentemente, a partir de 2011, em certames patrocinados pela Canon, Revista Literária e pela Associação Nacional dos Escritores. Tem preferência por romances psicológicos, mas ainda não escreveu nenhum e seus escritos, seguindo as palavras do poeta Mario Quintana, são sempre uma confissão.

ENSAIOS



ORÁCULO DE DELFOS: A COMUNICAÇÃO ENTRE O HUMANO E O DIVINO

A atividade da mântica, na Grécia antiga, era exercida, em geral, nos oráculos, locais que se dedicavam a fazer a comunicação entre o humano e o divino. De todos os oráculos existentes na Grécia, e não eram poucos, o mais importante foi o oráculo do templo de Apolo em Delfos. O Oráculo de Delfos, como ficou conhecido, era considerado o centro do mundo, pois, segundo o mito, Zeus teria enviado duas águias saindo de direções opostas que se encontraram justamente em Delfos. Por isso, o lugar foi demarcado como o *omphalos* ou o umbigo do mundo. Esse oráculo era, frequentemente, visitado por governantes, líderes políticos, agricultores e comerciantes que desejavam obter orientações para solucionar questões do presente assim como também conhecer o futuro.

O Oráculo de Delfos obteve grande relevância entre os séculos VIII e II a. C, chegando ao seu apogeu entre os séculos VI e V a.C por influir, através de suas consultas, nas decisões políticas daquele período.

Sua existência remete ao deus Apolo, divindade ligada à luz e à profecia. O filho de Zeus e Leto é, por excelência, o deus da mântica, das artes e da poesia, sendo também considerado um dos deuses mais belos de todo o Olímpo. Configurado como um homem jovem, portando arco e flecha e segurando uma lira, Apolo, com o tempo, passou a ser visto como uma divindade solar, muito embora a representação do Sol seja conferida ao deus grego Hélios. A associação entre Apolo e o Sol ocorreu, possivelmente, entre outras versões, pela sua própria origem, pois sendo filho de Leto, sua avó materna é a titânide Febe cujo nome quer dizer brilhante. Apolo

recebeu, então, o epíteto de Febo, sendo considerado como o luminoso, aquele que brilha.

Seu nascimento, na ilha de Delos, foi marcado pelo sofrimento de sua mãe, visto que Hera, enciumada pelos amores de Zeus por outras deusas e mulheres, proibiu Ilítia, a deusa do parto, de oferecer auxílio a ela. Em decorrência disso, Leto sofreu por cerca de nove dias até que Ilítia fosse, enfim, liberada para seguir em seu socorro.

Após o nascimento dos dois deuses, Ártemis e Apolo, eles e Leto foram em direção a Delfos, local em que existia um antigo oráculo de Gaia, guardado por uma serpente gigante chamada Píton. Apolo matou a serpente, o que gerou a necessidade de, além de se purificar, construir um oráculo que em respeito à Gaia deveria homenagear sua antiga guardiã. É que Apolo, por ser o representante de uma nova geração de deuses, deveria mostrar respeito à antiga ordem. A sacerdotisa do Oráculo de Delfos recebeu, então, o nome de Pítia ou Pitonisa e foram instituídos os jogos Píticos.

A mântica, no Oráculo de Delfos, era praticada pela sacerdotisa, que inspirada por Apolo transmitia aos homens os desígnios de Zeus. Acreditava-se que suas previsões ocorriam quando ela inalava os vapores exalados pela serpente em decomposição através de uma fenda no solo do templo.

A atividade da mântica significa a capacidade de prever o futuro. Em toda a Grécia havia uma variedade de técnicas preditivas, como, por exemplo, a interpretação das chamas do fogo, do vôo das aves, ou mesmo dos sonhos. Essa última técnica é classificada como mântica ctônia por incubação, conforme destaca Brandão: “... era aquela em que o consulente deitando-se (incubar é estar deitado) por terra (ctônia) normalmente em um recinto sagrado, tinha sonhos que eram interpretados pelo mántis;” (Brandão, 1998, pág.48).

Essa forma oracular, dentro de um contexto sagrado, parece tentar identificar no sonho a mensagem enviada pelos deuses em resposta às questões e dúvidas do consulente. Brandão mostra também que essa técnica representava um caminho para a cura: “Pois bem, a incubação tem por objetivo essencial, na maioria dos casos, a cura, e a atividade terapêutica dos deuses e dos heróis se exerce principalmente através das respostas do oráculo.” (Brandão, 1998, pág. 50)

No canto XI da Odisseia, de Homero, Odisseu ou Ulisses, orientado pela feiticeira Circe, desceu ao mundo dos mortos para consultar o vidente Tirésias a fim de saber o porquê não conseguia retornar para casa e o que deveria fazer para chegar ao seu destino. O vidente, que mesmo estando morto conservava ainda o entendimento, revelou a origem dos males do herói: “Glorioso Ulisses, anseias pelo regresso doce como mel, mas um deus torná-lo-á custoso, porque segundo penso, o Sacudidor da terra não te deixará passar; seu coração está possuído de rancor contra ti, por teres cegado seu filho querido. Mas, a despeito de sua cólera, poderás ainda, à custa de inúmeras provações, chegar à pátria, se estiveres disposto a conter teu coração e o dos seus companheiros.” (Homero, 1981, pág.103).

O Sacudidor da terra é o deus Posídon e seu filho é o Ciclope Polifemo. Tirésias faz menção a *hybris* de Odisseu como sendo o motivo dos obstáculos que ele enfrentava para encontrar o caminho de volta ao seu reino. Ao cegar Polifemo, Odisseu, tomado pelo rancor e também pela vaidade, cometeu um excesso ou desmedida ao se vangloriar de seu feito, dizendo, entre outras palavras, que nem Posídon poderia restituir a visão do Ciclope: “Na verdade, teu olho não será curado, nem sequer pelo Sacudidor da terra.” (Homero, 1981, pág. 89).

Por não se colocar no lugar que lhe foi reservado no mundo, Odisseu afrontou Posídon, trazendo para si a ira do deus. A fim de se retratar, ele deveria aprender a conter o próprio coração, o que significaria desenvolver

a *sofrosine*, que é a moderação das ações, em detrimento à *hybris*, a desmedida, além de seguir uma série de orientações dadas por Tirésias para se conciliar com o deus.

Foi, justamente, na descida ao Hades, na região escura e sombria do mundo dos mortos ou daquilo que dorme, simbolicamente associada ao inconsciente, que Odisseu obteve a compreensão do que estava oculto, adquirindo, com isso, a consciência sobre a necessidade de promover em si mesmo uma regeneração. Nesse sentido, ele precisaria deixar morrer uma forma de ser para que uma nova forma pudesse existir.

Nessa mesma perspectiva aparece o Oráculo de Delfos que, semelhante à descida de Odisseu ao Hades, direciona homens e heróis a cumprirem os desígnios divinos. A exemplo disso, Hércules buscou a orientação do Oráculo do deus Apolo para se purificar dos crimes que cometera contra sua própria família ao ser tomado pela loucura enviada pela deusa Hera. O herói, desde o seu nascimento, foi alvo da perseguição da esposa de Zeus por ser filho do soberano do Olímpo com a mortal Alcmena. Mas, além dessa perseguição, Hércules, desde muito jovem, demonstrava sua agressividade e falta de controle, incorrendo, dessa forma, na *hybris*, desmedida, que marcava suas ações. A *hybris* é também punida pelos deuses com a loucura uma vez que ela traz uma espécie de cegueira caracterizada pela perda da razão e pela ausência de domínio dos próprios sentidos.

Consultado, então, por Hércules, sobre o que deveria fazer para reparar os crimes cometidos contra seus filhos, o Oráculo de Delfos o orientou a cumprir as tarefas sobre-humanas que ficaram conhecidas como Os Doze Trabalhos de Hércules, o que lhe ajudaria a desenvolver a moderação e o equilíbrio. Em *O Simbolismo na Mitologia Grega*, o caminho para Hércules reparar seus erros seria o de dominar a si mesmo: “O oráculo de Apolo, a voz da sabedoria, o instrui a dominar não o mundo, mas sua própria fraqueza.” (Diel, 1991, pág.195).

O Oráculo de Delfos aparece ainda na tragédia Édipo Rei, de Sófocles. Édipo, rei de Tebas, mandou consultar o Oráculo a fim de descobrir a cura para a peste que matava os habitantes da cidade e provocava a esterilidade da terra. O Oráculo informou que a peste era decorrente de uma mácula ocasionada pelo assassinato de Laio, antigo rei, sendo necessário identificar o criminoso para poder purificar a cidade.

Tirésias, que ainda era vivo, também foi chamado por Édipo para desvendar a origem do mal que assolava Tebas. O vidente revelou, então, que o próprio Édipo, sem saber, havia matado Laio, insinuando ainda que ele mantinha relações obscenas com sua mãe: “Pois ouve bem: és o assassino que procuras.” (Sófocles, 1997, pág.37). “Apenas quero declarar que, sem saber, manténs as relações mais torpes e sacrílegas com a criatura que deverias venerar, alheio à sordidez de tua própria vida!” (Sófocles, 1997, pág.37). No desenrolar da trama, Édipo descobre que havia matado seu pai e casado com a sua mãe, Jocasta, cumprindo assim uma antiga profecia do Oráculo de Delfos.

No passado, Laio havia recebido a previsão do Oráculo de Apolo de que se tivesse um filho, esse o mataria e se casaria com a própria mãe. Quando, acidentalmente, o menino nasceu, Laio e sua mulher o entregaram nas mãos de um servo que deveria matá-lo. No entanto, sem coragem de dar fim à criança, o servo poupou-lhe a vida e o menino foi adotado pelos reis de Corinto que não podiam ter filhos. Essa criança era Édipo.

Quando se tornou adulto, Édipo ouviu de um estranho que era filho adotivo desse casal e a fim de conhecer a verdade sobre sua origem consultou o Oráculo de Apolo. A resposta obtida foi a de que ele se uniria à sua mãe e mataria seu pai. Aterrorizado, Édipo nem retornou para Corinto.

Ao seguir pela estrada ele se envolveu em uma discussão que acabou em morte. Entre as vítimas fatais, estava Laio, rei de Tebas, um desconhecido para ele, mas que era, justamente, seu pai biológico. Posterior a isso,

Édipo chegou a Tebas, sem saber que havia matado o rei daquela localidade. Àquela época, a cidade era também assolada por uma peste provocada por uma Esfinge. A recompensa para quem a eliminasse, decifrando seu enigma, seria o trono e, por consequência, a mão da rainha, que era Jocasta, a viúva de Laio. Édipo decifrou o enigma, foi aclamado salvador e rei de Tebas, casando-se com Jocasta, sem saber que se tratava de sua mãe. O Oráculo havia se cumprido.

Na tragédia Édipo Rei, o Oráculo de Delfos é o centro a partir do qual os personagens constroem seus próprios destinos pelas decisões que tomam diante das previsões que recebem. Nessa perspectiva, o Oráculo teria, então, antecipado as consequências dos atos praticados por eles, mostrando, nesse cenário, o futuro como um resultado de escolhas feitas no presente.

É o caso tanto de Laio quanto de Édipo. O primeiro, por medo de que tal tragédia ocorresse, sem reservas, junto com sua mulher, entregou o filho recém-nascido para a morte, à revelia da infâmia que esse ato representava; Édipo, por sua vez, tomado pelo pavor, não retornou à Corinto a fim de investigar sua origem, mas preferiu se lançar a esmo, sem direção, agindo cegamente e reagindo de forma instintiva ao que lhe acontecia. Nesse contexto, ele acabou se tornando um assassínio no confronto com Laio e sua comitiva e, além disso, ao chegar em Tebas e vencer a Esfinge, ele aceitou os títulos de salvador, rei da cidade e marido da rainha, recebendo como esposa uma mulher que ele não conhecia, mas apenas porque ela viria junto com o trono que lhe fora dado.

Durante o tempo em que reinou em Tebas, sendo considerado por seus habitantes como o salvador e recebendo deles todas as honras, Édipo viveu alheio a quem era e à verdade que lhe cercava.

Ao decifrar o enigma da Esfinge e matá-la, ele foi tomado pela *hybris*, como mencionado em Édipo, o solucionador de enigmas: “... ele

acredita também ter dominado a Esfinge, crê ter superado o perigo e empolga-se com a ilusória segurança de sua *hybris* intelectual. ... A verdadeira solução do enigma ocupará o resto da sua vida.” (Dethlefsen, 1997, pág.95).

O Oráculo de Apolo, ao dizer que a cura da cidade se daria com a identificação do assassino de Laio, aparece como o caminho para que Édipo conheça a verdade sobre si mesmo. Muito embora, ele tenha se mantido no engano por tanto tempo, tendo agido de forma irrefletida ao receber a previsão do Oráculo de Delfos, Édipo conheceu a dor e a vergonha de, mesmo sem saber, ter matado seu pai, casado com sua mãe e ser pai e irmão de seus quatro filhos.

Édipo não apenas viveu um sofrimento inimaginável, mas, humildemente, passou da condição de rei a errante, tornando-se um simples andarilho, expulso de Tebas, vestido de andrajos, vivendo na mendicância em busca da redenção de uma culpa que no fundo nunca foi sua, pois ele desconhecia sua origem, não sabia que matara seu pai e se casara com sua mãe, ele não tinha a consciência de seus atos.

Contudo, após todo o sofrimento vivido, Édipo recebeu a misericórdia de ser chamado pelos próprios deuses para seu descanso final. Em Édipo em Colono, ele está acompanhado de suas duas filhas, Antígona e Ismene, e também do rei Teseu quando: “Subitamente uma voz se elevou chamando-o; num instante os cabelos dos três se arrepiaram quando se ouviu a voz insistente do deus: “Por que tardamos tanto a pôr-nos a caminho, Édipo? Fazes-te esperar há muito tempo!” Quando ele percebeu que um deus o convocava, mandou chamar Teseu para perto de si e pressentindo-o nas proximidades disse-lhe: “Querido amigo! Dá agora às minhas filhas a garantia jurada de tua mão e vós, meninas, dai-lhe reciprocidade!” (Sófocles, 1997, pág.183). Nos momentos finais de sua vida, Édipo quis

garantir a segurança de suas duas filhas, as únicas que o ampararam, confiando-as à proteção do rei Teseu.

Em sua juventude, quando chegou em Tebas, Édipo vivia na inconsciência, o que motivou sua miséria. Em contrapartida, quando chegou em Colono, localidade da cidade de Atenas, ele já era um outro homem, exatamente por ter adquirido a consciência de si mesmo.

Não é à toa que a frase relacionada ao Oráculo de Delfos é: “Conhece-te a ti mesmo.”

As atividades do Oráculo de Delfos foram encerradas nos primeiros séculos da era cristã. No entanto, as ruínas do templo de Apolo, na atualidade, representam um dos centros turísticos mais visitados de toda a Grécia, além de ainda despertar a curiosidade não apenas por sua beleza, mas pelo mistério que o envolveu durante tantos séculos.

No início do século XXI, a fim de investigar a origem das profecias transmitidas pela Pítia no passado, foram realizados estudos no solo daquela região que confirmaram a existência de duas falhas geológicas que se cruzavam no ponto do Oráculo. Pesquisadores descobriram também que o subsolo desse local emitia gases como o metano, o etano e o etileno que provocam uma espécie de intoxicação capaz de gerar um estado alterado de consciência. Sendo assim, a Pítia do templo de Apolo, através da inalação desses gases, poderia ver abrir a porta para uma outra realidade, obtendo, com isso, a percepção dos fios invisíveis que, pouco a pouco, se interligam em uma trama chamada destino.

Isabel Spagnolo



Isabel Spagnolo, jornalista, pós-graduada em História da Filosofia e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuei como professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda por quase duas décadas. Sou apaixonada por Tarô, Astrologia e Literatura Grega. Participo, atualmente, de cursos sobre Mitologia e Teatro Grego. Instagram: @isabelspagnolo | E-mail: isabelspagnolo@yahoo.com.br.



SOBRE SER MÃE ATÍPICA: UMA JORNADA DESAFIADORA

Quando as pessoas olham para uma mãe atípica, muitas vezes enxergam um retrato de dor e sofrimento. “Deve ser muito difícil”, “Você é uma guerreira” ou até “Eu não conseguiria no seu lugar” são frases que frequentemente escuto. No início, confesso que também pensei que seria impossível. A maternidade, por si só, já é um caminho cheio de desafios, mas ser mãe de uma criança com hemofilia — uma condição grave e sem cura — intensificou cada passo dessa jornada.

Sem histórico familiar e sem nunca ter ouvido falar sobre hemofilia, fui lançada em um mundo completamente desconhecido. Quando o diagnóstico chegou, ele veio como um furacão, devastando todas as certezas que eu achava ter sobre a maternidade. Foi como se o chão sumisse sob meus pés, deixando apenas uma sensação de vazio e medo.

A nossa história com a hemofilia começou em um momento que deveria ser de pura alegria e celebração. Estávamos prestes a comemorar o primeiro aniversário do Théo. Tudo estava sendo organizado: o bolo, a decoração, os convidados confirmados. Mas, antes da festa, uma consulta de rotina mudou tudo. O pediatra, ao observar manchas roxas no corpinho do meu bebê, pediu exames e nos alertou sobre a possibilidade de hemofilia ou, pior ainda, leucemia.

Decidimos seguir com a festa, tentando afastar a preocupação, mas logo depois realizamos o exame. O que deveria ser um simples procedimento transformou-se em um pesadelo. Os enfermeiros não conseguiam encontrar uma veia para a coleta, e, após várias tentativas frustradas, o sangue precisou ser retirado de uma artéria. Quando chegamos em casa, o

braço do Théo não parava de sangrar. Ele chorava sem parar, e o desespero tomou conta de nós.

Corremos para buscar ajuda, passando por três hospitais até que, finalmente, em uma cidade próxima, Théo foi internado. Mas, naquela noite, ele não recebeu a transfusão de sangue que precisava nem a atenção especializada que sua condição exigia.

Na manhã seguinte, com meu filho desfalecido em meus braços, finalmente o hematologista chegou. Ele olhou para o Théo e imediatamente compreendeu a gravidade da situação. Foi necessário realizar uma punção na veia de sua cabeça, pois nenhuma outra estava acessível. A cena do médico correndo com o meu bebê nos braços para a UTI ficará para sempre gravada em minha memória. O pior dia da minha vida. Eu não sabia se ele resistiria.

Dias depois, recebemos o diagnóstico: hemofilia A grave, o sangue tem 0,08% de coagulação sanguínea. Foi nesse momento que minha jornada como mãe atípica realmente começou.

A sensação de desamparo era avassaladora. Tudo o que eu queria era gritar para o mundo, perguntar: “Por que eu? Por que o meu bebê?”. Mas logo percebi que essas perguntas não teriam respostas. Não havia espaço para me perder em lamentações. Meu pequeno precisava de mim, e eu precisava encontrar forças, mesmo que estivesse me despedaçando por dentro.

Recusei-me a ser vista como uma vítima ou como uma heroína. Eu não sou perfeita. Sou apenas uma mãe que tenta fazer o melhor que pode. Há dias em que falho, em que me sinto exausta, em que questiono se sou boa o suficiente. Sinto medo, e muito. Mas aprendi que é possível seguir em frente, mesmo com o medo ao meu lado.

Foram anos de dificuldades: o acesso venoso ruim, as inúmeras tentativas de punção, os internamentos, as noites em claro, os sangramentos,

e aquele medo constante que rondava todos os dias. Eu só queria que meu bebê tivesse uma vida normal.

Apesar de tudo, a vida continuava. Eu precisava lutar para que o Théo tivesse acesso ao melhor tratamento, precisava brigar pelos seus direitos, precisava trabalhar, cuidar da casa, ser mãe, esposa, filha, amiga. Havia dias em que tudo parecia pesado demais, quase impossível de carregar. Mas desistir nunca foi uma opção.

Essa experiência, embora dolorosa, revelou uma força que eu nem sabia que tinha. Mostrou-me que o amor de mãe é o tipo de amor que enfrenta tempestades, que desmorona e se reconstrói, que luta contra o impossível, que renasce das cinzas.

Eu mergulhei de cabeça em um vasto oceano de aprendizado sobre hemofilia. Não havia outra escolha. Eu precisava entender cada detalhe, cada nuance, cada possibilidade que pudesse proporcionar ao meu filho uma vida a mais próxima do normal possível. Foi uma imersão intensa, movida por amor, preocupação e a determinação de garantir que ele crescesse com as melhores condições e oportunidades.

Tornei-me aquela mãe que muitos chamariam de "chata". A mãe que questiona, que nunca se contenta com respostas vagas ou generalizadas. Cada consulta médica, cada conversa com especialistas, cada artigo ou livro que cruzava o meu caminho era uma oportunidade de aprofundar meu conhecimento. Eu queria entender tudo — desde os tratamentos mais eficazes até os cuidados diários que fariam diferença na vida do Théo.

Esse processo não foi fácil. Exigia tempo, energia e, muitas vezes, enfrentava olhares de impaciência e julgamentos. Mas nada disso importava. Cada pergunta que eu fazia, cada debate que eu iniciava, tinha um propósito: garantir que meu filho tivesse o melhor. Aprender não era apenas uma opção; era uma necessidade.

Ao longo desse caminho, percebi que o conhecimento é poder, mas também é proteção. Saber mais me permitiu exigir tratamentos melhores, questionar decisões médicas quando necessário e, principalmente, ensinar ao Théo sobre sua própria condição. Era um aprendizado que transcendeu a maternidade; tornou-se um ato de empoderamento.

O que começou como uma busca desesperada por respostas se transformou em uma missão de vida. Aprender sobre hemofilia não era apenas sobre lidar com a doença, mas sobre dar ao meu filho uma infância rica, cheia de experiências e de possibilidades. Era sobre mostrar a ele que, mesmo com desafios, a vida pode ser vivida.

Hoje, ao olhar para o Théo, vejo o reflexo de todo esse esforço. Ele é um menino feliz, e mais importante, consciente de que sua condição não o define. A jornada de aprendizado continua, porque ser mãe também é ser aprendiz constante. Mas, acima de tudo, é ser uma aliada, uma defensora incansável e uma guia no caminho de quem mais amamos.

Mergulhar nesse oceano foi cansativo e, muitas vezes, assustador, mas trouxe também uma das maiores recompensas da vida: ver meu filho crescer com coragem, resiliência e amor. Isso me lembra todos os dias que vale a pena nadar contra qualquer corrente por aqueles que são a nossa razão de viver.

Hoje, olhando para tudo o que passamos, vejo não apenas as dificuldades, mas também as lições. Théo me ensinou a viver um dia de cada vez, a encontrar força na fraqueza e a transformar o medo em coragem. A maternidade atípica é um salto no desconhecido, mas é também uma jornada de descobertas.

Théo é minha joia rara. Ele me faz crescer, amadurecer e aprender a cada dia. É o menino que me tira do sério e me faz rir até a barriga doer, que fala pelos cotovelos sobre futebol, dinossauros, espaço, mares, e que me ensina a valorizar as coisas mais simples do mundo — como um banho

de mangueira no quintal ou admirar os pintinhos recém-nascidos. Acompanhar o ritmo e a energia dele exige pique, mas é o desafio mais gratificante da minha vida.

Théo me ensinou sobre outras formas de cura. Vivi a cura da alma e da minha própria mediocridade. Ele me mostrou que mesmo quando enfrentamos algo incurável, há milagres diários que nos fazem continuar.

Meu filho é meu maior professor e meu maior orgulho. Com ele, aprendi que nenhuma dor me faz parar e que mesmo nos momentos de maior cansaço, sempre há forças para continuar. Ele é meu exemplo de coragem, força e superação, mostrando que milagres existem.

Théo me ensinou que a vida não se resume a um diagnóstico. Ele é o capítulo mais lindo que Deus escreveu para mim e em mim. Sou imensamente grata por ser chamada de “a mãe do Théo”. Por ele, celebro cada pequena conquista e agradeço por cada lição.

Juntos, seguimos em frente, porque, mesmo com 0,8% de fator, temos 100% de coragem, esperança e amor.

Indianara Galhardo



Indianara Galhardo mora na cidade de Apucarana, no Paraná, é mãe do Théo, um menino corajoso que transformou sua vida ao enfrentar a hemofilia A grave. Cofundadora e vice-presidente da Associação Brasileira de Pessoas com Hemofilia- ABRAPHEM é técnica em administração de empresas e assistente financeira, graduanda em Serviço Social pela Universidade Estadual do Paraná - Campus Apucarana. Defensora incansável dos direitos das pessoas com hemofilia compartilha sua experiência de superação, mostrando que a maternidade é uma jornada de aprendizado, resiliência e transformação.

Revista Autorretratos

Entre em contato conosco para publicar:
revistaautorretratos@gmail.com



Obrigado pela sua colaboração!

2025